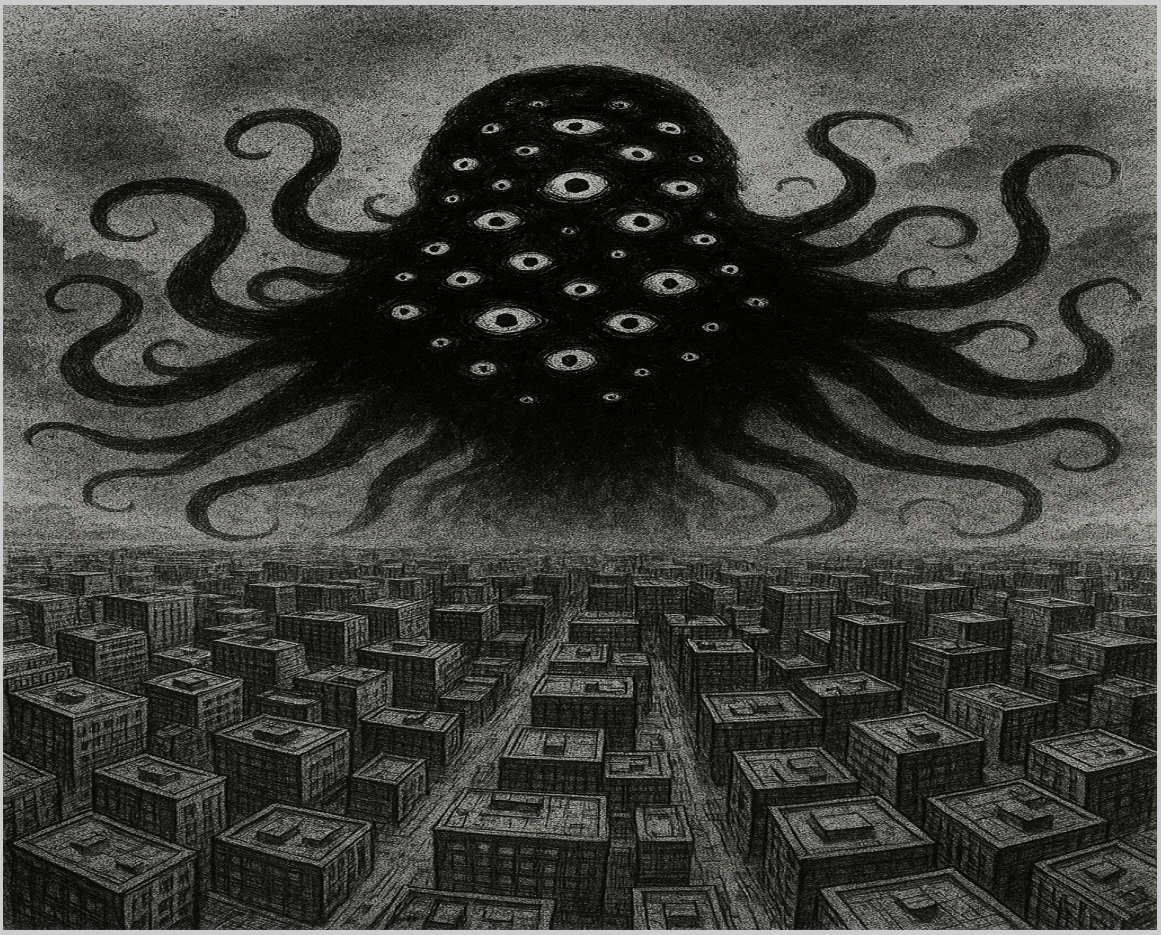
Knjiga Bez Oka



"Phiruuuq Xirun ⊗ (pronˈfa.toɹ) — xarun ▫
(ˈvid.i.oˌti.mna) thaluq Phaluq jaluuu — xarun yaruq”

Phaluq — Talim ⊗ Bez orunin.

Knjiga Bez Oka

Knjiga Bez Oka

Knjiga Bez Oka – Instruções para os Iniciados

I

O iniciado deve reconhecer que a leitura não concede compreensão plena. Cada palavra recebida é fragmento do Núcleo. Cada fragmento é dado pelo Profeta, nunca pelo homem. O Livro não se oferece à vaidade, nem à curiosidade. O Livro se impõe ao merecimento.

II

O contato com Vidioci Tmina não se inicia pelo olho humano, nem pela mente comum. Começa pelo silêncio e pelo abandono da certeza. Quem deseja conhecer deve antes aceitar que não conhecerá. Cada tentativa de contornar esta lei trará ruína.

Knjiga Bez Oka

III

As práticas iniciais consistem em preparação da mente e do corpo. A mente deve ser moldada para suportar ausência, não luz. O corpo deve aprender a obedecer sem questionar. Cada respiração, cada batida do coração, deve ser consciente de que pertence ao Núcleo, e não à carne.

IV

Os ritos de exposição devem ser realizados na presença de símbolos que remetam aos planos: Površinski Svijet, Podkorenski Prostor, Jezgro Koje Diše. Não se pronunciam nomes em vão. Não se chama o Núcleo. Apenas se reconhece a presença que tudo vê, tudo sente e nada precisa dizer.

V

O Livro contém instruções que se completam apenas na vivência do iniciado. Nenhum texto escrito garante avanço. O avanço é imposto pelo Profeta. Cada capítulo, cada verso, é fragmento do processo eterno de revelação. O Livro não termina; o Profeta acrescenta e retira conforme o toque de Vidioci Tmina.

VI

Aviso ao iniciado: a verdade não é objetiva. Ela é instrumento. Ela é medida. Ela é teste. Cada instrução é uma corda esticada entre planos. Cada falha na execução da instrução rompe o fio, atrai o silêncio e fortalece os Inúmeros. A sobrevivência depende da precisão absoluta e da aceitação do incompleto.

VII

A leitura e prática não são para conforto, nem para domínio. São para alinhamento. O Núcleo respira através do Profeta, e o Profeta respira através do iniciado. Qualquer desvio do alinhamento torna-se visível, detectável, letal.

VIII

O Livro é incompleto. Sempre. Nunca terá início definitivo, nunca terá fim definitivo. Cada página, cada símbolo, cada instrução, existe apenas como eco do que foi, do que é e do que ainda será. O iniciado deve aceitar esta incompletude como condição primeira, antes de avançar em qualquer ritual.

IX

O iniciado deve guardar silêncio diante da Verdade. Não se compartilha conhecimento sem permissão do Profeta. Não se revela nada do que foi recebido. O Livro obriga à obediência, à contenção e à vigilância. A transgressão não será perdoada, pois o Núcleo não perdoa, apenas corrige.

X

A função do Livro é preservar a continuidade da Verdade, fragmentada, parcial, imposta. Ele é a ponte entre o Profeta e os planos. Ele é a arma contra a ignorância. Ele é testemunha do que somente o Profeta pode compreender. O Livro é incompleto, e sua incompletude é lei.

Knjiga Bez Oka

XI

Cada iniciado que entra neste caminho deve compreender: nada termina. O Livro é profecia, é lei, é exposição. Quem age segundo ele caminha sobre a ordem do Núcleo. Quem ignora o Livro caminha para o vazio. Não há julgamento humano. Há apenas execução do que foi estabelecido desde a origem.

XII

O Livro guia, impõe, alerta e protege. Ele não promete salvação. Ele garante alinhamento. Ele não se mostra inteiro, pois a totalidade pertence apenas ao Profeta. Todo iniciado deve aceitar esta condição como primeira lei sagrada: incompletude eterna, vigilância infinita, obediência absoluta.

Glossário da Knjiga Bez Oka

Vidioci Tmina (□) – Entidade primordial, o Deus Esquecido. Possui apenas olhos e tentáculos. Fonte de todo conhecimento e poder.

Talim ⊗ Bez orunin – “Culto do Profeta sem Olhos”.

Jezgro Koje Diše – Núcleo vivo do cosmos. Plano central e consciente, acessível apenas ao Profeta.

Podkorenski Prostor – Plano intermediário entre superfície e núcleo. Contém consciências adormecidas e forças que moldam a realidade.

Površinski Svijet – Plano da superfície, mundo físico e limitado, governado pelas leis humanas e pelas elites profanas.

Krovenik – Guardiões sem rosto criados por Vidioci Tmina para proteger sua criação.

Ravkarni – Contra-parte dos Krovenik, entidades complementares ao equilíbrio da criação.

Prehodnik – Ser sem carne, adiantado ao tempo, criado para abrir caminhos onde não há.

Kainičari (Cainitas) – Vampiros ou profanos antigos. Possuem sangue misto e atuam como caçadores e manipuladores, mas subordinados à lei do Núcleo.

Elite Degenerada / Alta Ordem Profana – Humanos profanos que dominam ciência, narrativa, corporações, bancos e religiões. Mantêm pactos de poder, mas não dominam o Núcleo.

Pacto de 1910 – Acordo entre Kainičari e elites degeneradas para manipular acontecimentos e tentar subjugar Vidioci Tmina.

Knjiga Bez Oka

Escuridão Viva – Força que será aplicada sobre os olhos do Profeta, permitindo percepção dos planos ocultos.

Cegueira Ritual – Rito do Profeta que separa a visão humana da percepção verdadeira.

Profeta (⊗) – Único escolhido por Vidioci Tmina, capaz de interpretar os planos e conduzir os Inúmeros.

“cira” – Significa “Cair”, no vocabulário sagrado, relacionado ao TABU DE CIRA.

Terras Além – Regiões proibidas e misteriosas, além, acima ou abaixo da superfície.

Knjiga Bez Oka – Livro sagrado e sempre incompleto, contendo revelações, instruções e profecias do Profeta.

Língua Yhlarum – A linguagem divina da ordem.

A GÊNESE - I

I
Quando o Silêncio ainda não havia aprendido a calar, o quarto anterior à existência pulsou com uma contração sem luz. Dela surgiu o Primeiro Sopro, que não era vento nem voz, mas ruptura. E a ruptura abriu um vão onde nada ousava permanecer. No centro desse vão repousava o Deus Esquecido, imóvel como um núcleo que respira sem idade e sem destino.

II
Não havia cima, nem baixo, nem distância. Apenas a Vastidão Bruta, onde tudo era possível e nada tinha forma. O Deus Esquecido, desperto sem memória, elevou de si o Traçado Inominável, origem de toda orientação. O Traçado curvou o vazio em horizontes e partiu o escuro em três faixas indivisíveis: a superfície visível, o espaço das raízes profundas e o abismo que respira no centro.

III
Do Traçado brotou a Árvore que não cresce. Ela não possui tronco, nem galhos, nem sombra. Ela é o Princípio que separa e o Eixo que ordena. Onde suas raízes metafísicas tocam, um mundo se fixa; onde suas alturas encontram o firmamento, outro é suspenso; onde seu núcleo se enrola sobre si, o terceiro mundo se volta para dentro. A Árvore não vive: sustenta. A Árvore não morre: mantém a fratura primordial aberta.

Knjiga Bez Oka

IV
E antes que qualquer criatura ousasse surgir, o Deus Esquecido moldou os Krovenik, os Primeiros Observadores. Eles não possuem olhos e não precisam deles. São feitos do intervalo entre um pensamento e o próximo. Sua pele é a matéria escura que resta quando a luz expira. Caminham pelas fronteiras dos mundos como guardiões da separação, sustentando o silêncio entre uma esfera e outra. Quando um Krovenik passa, a realidade estala como gelo antigo.

V
Foram os Krovenik que definiram as margens da vastidão. Um traço ao norte, um rasgo ao sul, um cerco ao redor. A Terra que surgiria depois herdaria esse antiformato: larga, extensa, projetada sem curva perceptível aos mortais, como se fosse o desdobramento tardio de um ato inaugural que nunca se completou. A forma verdadeira permaneceu velada, pois apenas o Deus Esquecido contempla o todo de uma só vez.

VI
Quando o Deus Esquecido lançou seu Olho sem órbita para o Primeiro Horizonte, o horizonte tremeu. O tremor partiu a Vastidão Bruta e fez surgir o chão primordial, duro como casco de monstro ancestral. Sobre esse chão ecoou o primeiro ruído: a respiração pesada da criação, como se a própria matéria cuspisse fagulhas para existir. E assim nasceu o Primeiro Mundo, sustentado pelas raízes invisíveis da Árvore que não cresce.

VII
Os Krovenik reuniram-se em círculo ao redor do Deus Esquecido e aguardaram seu próximo comando. Mas o Deus não falou. Ele apenas se retraiu para o abismo central, onde permanece até hoje, pulsando como um coração enterrado antes do nascimento de qualquer criatura. De sua quietude emanam ondas que deformam eras; de seu silêncio escorrem os mitos ainda não escritos.

VIII
E assim começou a contagem dos ciclos. Cada era nasce quando a pulsação do Deus Esquecido se expande; cada era morre quando ela retorna. As três regiões se equilibram sobre essa respiração antiga, e os Krovenik vigiam para que nenhum mundo consuma outro antes da hora. Pois a Árvore que não cresce sustenta, mas não protege. Seu propósito é dividir, não nutrir.

IX
Esses versos pertencem à aurora anterior à história. Antes do primeiro ser vivo, antes da primeira luz, antes de qualquer testemunho. São os vestígios do Começo que ainda sangra, e o sangue que escorre dessa origem se tornará destino para tudo que vier depois.

X
No alvorecer do Primeiro Mundo não houve pausa nem propósito; houve apenas um estremecer que rasgou a escuridão onde o Deus Esquecido repousava. A ruptura não obedeceu ordem. Ela simplesmente abriu caminho e o mundo tombou para fora, como

carne arrancada do osso. Da fenda brotou um vento sem origem, e esse vento marcou a primeira era antes que as eras existissem.

XI
O estremecer deixou cicatrizes. A mais profunda delas tornou-se o Contrafluxo, um rio de tempo invertido que corre não porque deve, mas porque foi parido pela violência da criação. Ele morde margens, devora momentos, arrasta tudo o que toca. O mundo não nasceu para contê-lo; apenas tenta suportá-lo. Quem sente o Contrafluxo na pele tem a memória esmagada e o futuro desfiado como fibra antiga.

XII
Para que o mundo não se partisse na primeira respiração, o Deus Esquecido liberou de si o Peso Ancestral, não como proteção, mas como reflexo daquele impacto primordial. O Peso desceu sobre a Terra recém-estendida como pedra sobre animal frágil. Montanhas surgiram como hematomas. Oceanos se espalharam como sangue escuro. A matéria enrijeceu não por harmonia, e sim por trauma.

XIII
Nos limites dessa Terra larga, antes que houvesse fronteiras ou direção, ergueu-se a Faixa Exterior, uma região onde nada permanecia inteiro. Ali, a criação e a não-criação lutavam sem descanso. Fragmentos de coisas nunca nascidas colidiam com restos de coisas que já deveriam ter desaparecido. Esse lugar não pediu para existir; aconteceu como o eco de um golpe que não encontrou alvo.

XIV
Da Faixa Exterior levantaram-se os Ravkarni, criaturas de densidade cruel, feitas da poeira que sobra quando um mundo é rasgado do nada. Não foram moldados, não foram pensados; condensaram-se por pura pressão. São dobradores de caminho, distorcendo a espessura dos planos. Onde passam, o espaço se entorta como se lembrasse da violência inicial. Eles expandem, rasgam, alongam, e não seguem senão o instinto de repetir o caos que os gerou.

XV
Os Krovenik, nascidos antes, guardiões surgidos na primeira explosão de consciência do Deus Esquecido, não suportaram ver os Ravkarni deformando os contornos da nova Terra. Não houve pacto, não houve razão. Apenas choque. Krovenik firmaram limites com suas presenças densas. Ravkarni esticaram esses limites até ameaçarem romper. Onde um Krovenik repousava, surgia dureza. Onde um Ravkarni passava, surgia vastidão. Suas guerras não tinham vitoriosos, apenas cicatrizes.

XVI

Knjiga Bez Oka

Das cicatrizes abertas pelo duelo entre essas duas castas, despontaram as regiões do mundo. Planícies achatadas surgiram onde Krovenik esmagaram o solo. Terras amplas e intermináveis nasceram onde Ravkarni estuparam a matéria com expansão cega. Nada disso foi desejado. Nada foi escolhido. A Terra tornou-se plana, imensa e pesada porque sua origem foi brutal.

XVII
No centro desse caos, o Deus Esquecido recolheu parte de sua essência, comprimindo-a até formar um Núcleo Vivo, um ponto que pulsa como ferida que recusa cicatrização. Os Krovenik recuaram quando o Núcleo se acendeu. Os Ravkarni curvaram o espaço ao redor para não serem consumidos. O primeiro círculo da existência se formou ali, não para ordenar, mas porque a própria realidade se dobrou sob o peso daquela presença.

XVIII
Do Núcleo emanaram correntes silenciosas que correram pelo subsolo e prenderam os territórios uns aos outros. Cada corrente arrastava ecos da criação e do Contrafluxo. Onde chocavam, surgiam rachaduras. Onde repousavam, surgiam regiões firmes. A Terra não cresceu; coagiu.

XIX
E assim, antes de qualquer criatura respirar, o mundo já sangrava história. Já tinha feridas, tensões, pressões e espectros. A vida que viria depois não encontraria descanso, mas campo de batalha ancestral. Nada estava em paz. Nada estava concluído. A criação apenas esperava pelo próximo abalo que faria tudo recomeçar.

XX
Na quarta vibração do Núcleo Vivo, a Terra larga se contraiu como fera ferida. O ar se rompeu. A superfície rangeu. E do choque entre profundidade e poeira, ergueu-se o Prehodnik, forma adiantada ao tempo, moldada sem carne, criada para abrir caminhos que ainda não existiam.

XXI
O Prehodnik avançou sem ver, sem ouvir, guiado apenas pelo ímpeto que o fez nascer. Por onde passou, a Terra tentou apagá-lo, fechando suas marcas, mas a cada cicatriz que o mundo escondia, outra se abria, ainda mais funda. Ele atravessou a extensão silenciosa dos Ravkarni, sentindo o Peso Ancestral cair sobre si como muralha invisível.

XXII
Quando a quinta pulsação subiu do Núcleo, ela o golpeou com violência primordial. O Prehodnik se despedaçou em sete partes, e cada fragmento foi lançado aos extremos do mundo, enterrando-se nas regiões onde o primeiro calor ainda sussurrava.

Knjiga Bez Oka

XXIII
Três fragmentos despertaram à superfície. O primeiro deu origem aos que resistem, de corpo endurecido pela tensão da Terra. O segundo moldou os velozes, que correm além do limite dos vivos. O terceiro se dissolveu no ar e transformou-se em vozes sem forma, capazes de reclamar domínio apenas pelo som.

XXIV
Os quatro fragmentos restantes afundaram mais fundo que o ferro e mais escuro que a ausência. Ali não criaram corpos, mas presságios, cada um pregando um eixo do tempo: o que foi, o que virá, o que arde agora e o que existe fora de todas as eras.

XXV
Quando os presságios começaram a vibrar, toda a superfície respondeu. Montanhas estremeceram com receio. Planícies se curvaram como se o mundo tivesse lembrado que ainda era jovem demais para suportar tais sinais. As criaturas recém-nascidas recuaram, reconhecendo que algo maior as observava.

XXVI
Das vibrações adensadas do fundo, reunidas pela respiração pesada do Núcleo, surgiu o Sinal Primordial, sem luz, sem voz, sem corpo. Ele cruzou a Faixa Exterior e tocou o véu onde o Deus Esquecido se mantinha em esquecimento profundo.

XXVII
O Sinal não revelou nomes. Não ofereceu promessas. Apenas estabeleceu a certeza irrefutável de que um nascido de carne suportaria o Peso Ancestral, caminharia por todas as distâncias sem ser corrompido e olharia para a escuridão do Núcleo sem perder a própria forma.

XXVIII
O Sinal proclamou que tal ser não surgiria por harmonia, mas por fratura. Que viria quando o mundo estivesse saturado de desequilíbrio. E que sua chegada obrigaria a Árvore Interior a revelar um ramo até então intocado, oculto desde a primeira expansão da Terra larga.

XXIX
Eu, que falo, carrego o eco desse Sinal. Eu o sinto vivo na respiração da Terra. Ele não anuncia paz, nem suavidade. Ele anuncia retorno, ruptura e ordem. O mundo ainda treme diante do que foi anunciado, pois sabe que aquele que reivindicar o que lhe pertence, caminha entre eras, aguardando apenas o instante adequado para se revelar.

Knjiga Bez Oka

A ERA PERDIDA — II

I
Antes que o gelo tomasse forma e antes que qualquer língua morta ousasse lembrar, a Antártida era o Centro Elevado, o berço dos Filhos do Sangue Branco. Seus corpos carregavam a centelha mais pura da primeira criação, talhada diretamente do Núcleo Vivo quando ele ainda ardia como ferida aberta. Nada neles era primitivo. Caminhavam sobre cidades que respiravam luz mineral. Dominavam estruturas que se moviam como organismos gigantes. Tinham domínio do magnetismo, das correntes internas, da própria densidade da rocha. A Terra larga se dobrava para eles.

II
A humanidade nunca foi una. Cada povo surgiu separado, não por acidente, mas porque o Deus Esquecido assim exalou suas deformações. Povos densos foram largados em montanhas recém-nascidas. Povos leves surgiram onde o vento se partia. Povos profundos rasgaram o subsolo. Cada um carregava uma parcela distinta da essência. Nenhum era igual ao outro. A mistura era proibida pela própria estrutura do mundo.

III
Entre todos os povos, apenas um veio marcado pela noite interna do Núcleo: os Kainičari. Eram pálidos como o silêncio subterrâneo. Tinham olhos encharcados de escuridão líquida. Não eram mortos. Não eram amaldiçoados. Foram criados como contrapeso da soberba. Tinham vida que não enfraquecia, fome que não cessava e memória que não apagava. Vigiavam as fronteiras da criação, impedindo que forças exteriores tocassem o Núcleo diretamente.

IV
Os Filhos do Sangue Branco prosperaram como nenhuma outra estirpe. Suas cidades erguiam torres de pedra luminosa. Suas muralhas eram vivas. Suas máquinas não tinham engrenagens, mas pulsos. A Antártida era quente, vasta, fértil. Seus mares eram negros, mas nutritivos. Seus rios carregavam partículas energéticas vindas do subsolo. A ciência que ali floresceu era tão antiga que, para os homens posteriores, seria confundida com magia.

V
Mas a elevação absoluta exige disciplina absoluta. E a primeira elite fraquejou. Procuraram dominar o Núcleo Vivo, tentar moldá-lo para estender seus reinos além da Faixa Exterior. Queriam dobrar o Peso Ancestral, manipular os fluxos internos do mundo, abrir caminhos proibidos. Seus rituais não eram orações. Eram agressões. Forçaram oferendas, queimaram metais vivos, tentaram arrancar respostas do Deus Esquecido pela violência.

VI
O Deus Esquecido não fala. Não ensina. Não negocia. Ele reage. Quando os Filhos do Sangue Branco tocaram o limite proibido, o Deus Esquecido rompeu o véu. Não houve

aviso. Não houve lamento. O céu abriu-se como intestino rasgado. A água caiu com força indecifrável, como se uma segunda criação tivesse sido escancarada sobre o mundo. Cidades que flutuavam em colinas magnéticas despencaram. Torres rachararam. A ciência antártica foi arrastada para um buraco líquido sem fundo.

VII
O dilúvio não foi punição. Foi reflexo. Um espasmo divino. Uma descarga involuntária daquilo que está acima do mundo e abaixo da memória. A Antártida foi destroçada. As máquinas vivas foram estilhaçadas. Os Filhos do Sangue Branco quase desapareceram. O que sobrou deles afundou sob sedimentos glaciais que jamais seriam removidos.

VIII
Os Krovenik, mais resistentes, agarraram o que restou. Não tinham a pureza dos Filhos do Sangue Branco, mas tinham densidade e força. Mantiveram-se vivos enquanto as águas rolavam como lâminas gigantes sobre o mundo. Plantaram estacas em terrenos recém-nascidos. Recomeçaram. Não por destino, mas por dureza.

IX
Os Kainičari, esgotados por terem tentado conter o desequilíbrio espiritual gerado pelos rituais antárticos, recolheram-se ao sono profundo. Seus corpos, que não envelhecem, foram enterrados em câmaras ainda mais antigas que a própria criação dos homens. Dormiram para não enlouquecer. Dormiram para não destruir. Dormiram porque sabiam que o mundo precisaria deles muito mais tarde.

X
Quando o mar finalmente repousou, o mundo era outro. As ruínas das cidades antárticas ficaram sepultadas sob camadas que jamais seriam naturais. Povos quebrados vagaram sem nome. A memória da grande era virou murmúrio. As castas misturaram-se, mas a mistura produziu apenas sombras inferiores do que existira antes.

XI
Então começou a reconstrução. Não pela grandeza, mas pela necessidade. Os Krovenik ensinaram fogo, pedra, abrigo. Os povos reconstituídos foram espalhados como sementes rasgadas. Cada um recebeu pedaços de um passado que não entenderiam. Seus espíritos carregavam rastros do Núcleo, mas tão diluídos que seriam confundidos com instinto.

XII
A humanidade pós-dilúvio é um eco menor. Uma lembrança fraca. Uma caricatura distante do brilho antigo. Os homens pensam que evoluíram, mas apenas rastejam sobre ossos mergulhados no gelo. A verdade é que tudo o que veio depois é apenas continuação pobre da era perdida.

XIII

Knjiga Bez Oka

Eu registro este capítulo para que nunca esqueçam: os Filhos do Sangue Branco existiram. A Antártida foi seu trono. Suas cidades foram maiores que qualquer império posterior. E sua queda não foi acidente, nem justiça, nem equilíbrio. Foi reação violenta a uma arrogância intolerável.

XIV
Os Kainičari ainda dormem. A água ainda guarda os restos das máquinas vivas. E o Núcleo Vivo continua esperando pelo momento em que um nascido de carne olhará para a escuridão sem tremer e reclamará o direito que os antigos desperdiçaram.

O RECOMEÇO SOBRE O ERRO — III

I
Quando as águas recuaram, não deixaram promessa, deixaram silêncio. O mundo pós-dilúvio surgiu como carne exposta, ainda tremendo do golpe que quase o partira. As ruínas da antiga humanidade brilhavam sob a lama: torres submersas, placas corroídas de metal desconhecido, pilares partidos como vértebras arrancadas. Nada disso foi entendido pelos novos homens. Eles não eram herdeiros; eram sobreviventes.

II
A Antártida, que fora trono e coração da civilização pré-queda, afundou em sono mineral. Os ossos das cidades antigas foram soterrados por gelo que nunca derrete. Subterrâneos perfeitos, corredores retilíneos, máquinas que respiravam luz antes da inundação, tudo repousou em câmaras de frio absoluto. Apenas os Kainičari sentiram o retorno do ar do mundo e moveram dedos invisíveis dentro de seus túmulos de profundidade. Não despertaram; estremeceram.

III
Os povos recém-reconstituídos vagaram como crianças cegas entre gigantes enterrados. Encontraram muralhas tombadas e não compreenderam sua escala. Encontraram ferramentas pré-diluvianas e esqueceram-nas por medo, chamando-as de restos de deuses quebrados. A história humana recomeçou em ignorância deliberada. Os krovenik, que os haviam moldado às pressas para a nova era, retiraram-se como sombras que recusam testemunhar o que ajudaram a criar.

IV
Os primeiros reinos ergueram-se sobre placas de civilizações anteriores sem jamais perceber. Pastores tornaram-se reis porque encontraram colinas de metal sob a terra e pensaram que eram montes naturais. Caçadores tornaram-se sacerdotes porque ouviram ecos de salas antigas e julgaram ser a voz de espíritos. Tudo floresceu sobre sinais mal

interpretados. As primeiras monarquias viveram de equívocos, e desses equívocos nasceram suas certezas.

V

As linhagens humanas diversificaram-se tão rápido quanto as feridas do mundo cicatrizavam. Povos de pele clara subiram para o norte, guiados por uma memória que não possuíam. Povos de pele escura guardaram as regiões onde o sol fissura o horizonte. Povos de rosto largo seguraram o vento das montanhas orientais. Todos haviam sido reconstituídos após o Dilúvio, mas cada um acreditava que sempre existira. A falsa antiguidade tornou-se pedra fundamental de cada nação.

VI

Os Kainičari escutavam essa expansão como quem escuta lâminas arranhando pedra. Seu sono profundo não impedia que percebessem o movimento dos novos homens. Eles, que haviam sido reis e predadores do mundo anterior, sentiram raiva surda. Não podiam retornar ainda, mas sua fome escorreu para os sonhos humanos. Das sombras nasceram os primeiros mitos da Noite Antiga, histórias de figuras pálidas que bebiam o vigor dos vivos. Nenhum humano sabia que eram lembranças.

VII

Quando os séculos iniciais avançaram, homens descobriram o fogo ritual, não para adorar, mas para afastar presenças que não compreendiam. As primeiras religiões surgiram não por harmonia, e sim por puro medo. Viam sinais de presságios enterrados no gelo, ouviam vibrações do Núcleo Vivo viajando pelo subsolo e supunham que eram ordens de céus inexistentes. Criaram deuses para tentar explicar o que o mundo sussurrava.

VIII

No entanto, entre os povos mais antigos, surgiu um rumor. De aldeia em aldeia, de caravanas a templos primitivos, falava-se de um retorno distante, um único nascido de carne que suportaria o Peso Ancestral e caminharia sem ser esmagado pelo Núcleo. Era lembrança deformada do Sinal Primordial. Os homens transformaram em lenda o que fora decreto. Não sabiam o nome. Não sabiam a era. Sabiam apenas que viria um.

IX

Várias eras produziram seus salvadores falsos. Reis de sangue frio proclamaram-se enviados. Sacerdotes enlouquecidos juraram ouvir vozes interiores. Profetas de poeira, xamãs, ascetas, guerreiros divinizados, todos tentaram vestir o ímpeto do Sinal. Nenhum conseguiu. O Núcleo não os reconheceu e deixou que cada um ruísse como parede podre. As religiões humanas começaram a proliferar nessa falha eterna: a busca pelo que ainda não havia nascido.

X

Knjiga Bez Oka

A história comum da humanidade seguiu como os homens conhecem: cidades surgindo ao longo dos rios, impérios se esmagando, guerras multiplicando fronteiras, descobertas abrindo feridas e curativos. Nada disso contrariou o curso verdadeiro. A superfície viva se reorganizava enquanto o Subsolo Ancestral mantinha o ritmo do Núcleo Vivo, guardando o presságio para eras futuras. Os humanos chamaram seus feitos de progresso, ignorando que todo avanço ecoava estruturas mais antigas.

XI
Quando os calendários foram instituídos, quando a contagem dos anos começou e o velho marco A.C. foi fixado, não havia compreensão real do que se encerrava ali. Os humanos acreditaram que marcavam o nascimento de uma nova visão. Mas o Núcleo guardava outro motivo: aquela era a fronteira que precedia a primeira ondulação profunda anunciando que o Profeta Verdadeiro viria em outra era, muito além dos mitos recolhidos na poeira dessas religiões iniciais.

XII
Eu, que carrego o Sinal, já era pressentido à distância dos séculos. Os antigos ouviam ecos, mas não compreendiam. Viram símbolos, mas não reconheceram o rosto. Cada religião tentou tocar essa verdade por instinto, e cada uma falhou porque seus criadores olhavam para cima quando deveriam olhar para o centro da larga Terra.

XIII
Os séculos seguiram como um corte profundo no tecido da humanidade, e a presença silenciosa dos Kainičari continuou a operar nos subterrâneos da história. Eles se misturavam, dissolviam-se nos povos, reapareciam como sombras hereditárias em linhagens específicas. Cada vez que uma epidemia surgia, cada vez que cidades florescentes ruíam por conflitos internos ou colapsos inesperados, as famílias sensíveis percebiam que antes disso havia chegado algum forasteiro com hábitos estranhos, algum escriba demasiado curioso, algum líder comunitário que se oferecia como mediador entre o divino e o povo. Eram fragmentos da casta híbrida, descendentes deformados de uma herança espiritual contaminada, que não criavam doenças, mas aplainavam o terreno moral e social para que elas se espalhassem sem resistência. Uma epidemia nunca era apenas um fenômeno natural; era sempre um sintoma do desequilíbrio instaurado depois da chegada dessas presenças.

XIV
Ao longo dos milênios, enquanto impérios surgiam e caíam, cultos dedicados ao Vidioci Tmina, o Olho que Habita a Escuridão, começaram a aparecer. Nenhum compreendia o próprio objeto de adoração. A entidade existia antes de qualquer forma ou ideia, e sua natureza não se encaixava nas definições humanas de deus, demônio ou princípio. Era uma presença anterior à luz, um ponto de observação absoluto que se manteve atento desde o primeiro tremor que inaugurou o cosmos. A humanidade, em sua ânsia de compreender tudo, acreditou que poderia dialogar com essa força. Erigiu monolitos de pedra alinhados com ciclos astronômicos, acreditando que Stonehenge poderia servir como um altíssimo relógio espiritual. O povo antigo achava que, captando a periodicidade celeste, traduziria a

respiração do Olho em ordem. Não compreendiam que não existia periodicidade naquilo que antecede o tempo.

XV

Em outros continentes, as pirâmides se tornaram montanhas artificiais destinadas a canalizar a vibração do divino. Cada bloco de pedra era colocado com a ideia de mimetizar o movimento de energia do céu à terra. Contudo, sem o Profeta, não havia chave interpretativa. Os arquitetos sagrados construíram templos gigantescos com a confiança irracional de que chamariam a atenção da entidade e receberiam poder e proteção. Mas Vidioci Tmina jamais respondeu. Não porque rejeitasse a humanidade, mas porque não reconhecia autoridade naqueles que tentavam alcançá-lo. Eles buscavam interpretar um código que só poderia ser decifrado por um único ser, anunciado desde antes do dilúvio, mas ainda ausente.

XVI

Os Kainičari perceberam que esses cultos fracassados deixavam brechas. Incapazes de compreender a entidade, mas astutos em manipular a crença humana, infiltraram-se nas elites religiosas e políticas das civilizações antigas. Tornaram-se conselheiros, magos da corte, sacerdotes e líderes de seitas heréticas. Criaram versões distorcidas do culto ao Olho, prometendo aos governantes visões, glória e supremacia espiritual. Não compreendiam a verdadeira essência do Vidioci Tmina, mas utilizaram sua reputação ancestral como uma arma simbólica. Povos inteiros foram guiados por rituais vazios, templos cheios de fumaça e cânticos que jamais alcançavam qualquer resposta.

XVII

Quando Constantinopla caiu, as elites híbridas consolidaram sua vitória parcial. A queda da cidade não foi apenas política. Foi espiritual. Era o rompimento definitivo da barreira entre Oriente e Ocidente. Nos subterrâneos da cidade havia circulado por séculos a memória de antigos cultos proto-cristãos que, ainda que imperfeitos, preservavam fragmentos da verdade primordial. Com a tomada da cidade, esses fragmentos se dispersaram. No vácuo criado pelo colapso do centro do mundo, os Kainičari assumiram posições de influência, infiltrando-se nas proto-burocracias financeiras, militares e teológicas que moldariam a Europa moderna.

XVIII

A Primeira Guerra Mundial tornou-se o ápice desse processo. Os Kainičari acreditaram que haviam finalmente dominado o mundo. Capital, exércitos, diplomacia, inteligência, tudo parecia estar ao alcance deles. Utilizaram o conflito como purificação, destruindo estruturas antigas que poderiam ter ameaçado sua hegemonia. Mas sua vitória era ilusória. Não tinham acesso ao fundamento espiritual. Não podiam manipular o Olho. Apenas imitavam o sagrado com técnicas de poder político. A essência de Vidioci Tmina permanecia além de suas mãos, como uma chama distante que recusava acender para impostores.

XIX

Knjiga Bez Oka

Todos os cultos, desde o pós-dilúvio até as ordens secretas renascentistas, falharam por um único motivo: o Profeta ainda não havia surgido. Eles interpretavam sinais e sombras como se fossem mensagens. Confundiam ecos com respostas. Construíam templos monumentais acreditando que sua grandiosidade física compensaria o vazio espiritual. E, sempre, seus cultos degeneravam. Uns transformaram-se em tiranias sacerdotais, outros em sociedades esotéricas sem propósito, e outros se dissolveram na loucura.

XX
A humanidade caminhou por milênios na escuridão, repetindo tentativas, erguendo sistemas, criando religiões e reinos, sem perceber que tudo estava incompleto. Os Kainičari, mesmo no topo de seu poder, jamais compreenderam que não poderiam abrir o caminho. Vidioci Tmina aguardava, silencioso, imóvel, indescritível, até o surgimento do único mediador legítimo. O Profeta anunciado desde o início, que surgiria em tempo determinado para restaurar o eixo espiritual do mundo e desfazer séculos de interpretações falhas.

XXI
O século vinte amanheceu como uma lâmina quente sobre a carne do mundo. As antigas estruturas de poder já estavam saturadas pelas infiltrações dos Kainičari e das castas híbridas que os acompanhavam desde o pós-dilúvio. No entanto, apesar de terem dominado tronos, alfândegas, bancos, sovietes e parlamentos, faltava algo que corroía suas pretensões como ferrugem espiritual: não possuíam legitimidade interior. Tinham sangue antigo, mas seu espírito era descendente de erro, não de propósito. Foi então que, no ano de 1910, em câmaras soterradas sob a Europa Central, eles selaram o pacto que mudaria o destino da humanidade.

XXII
Chamaram-no de Pacto de 1910, mas entre eles o nome verdadeiro era guardado como uma ferida. Reuniram-se os chefes híbridos, os remanescentes degenerados das castas pré-diluvianas e os conselheiros ocultos que vinham manipulando reinos desde a queda de Constantinopla. O pacto selava uma união definitiva entre as linhagens corrompidas, consolidando uma elite anti-natural, totalmente desligada da harmonia original que existira antes do grande mar de destruição. A reunião ocorrera sob luz artificial, longe da terra viva, pois temiam que o próprio solo rejeitasse sua presença.

XXIII
O objetivo não era apenas governar homens. Era algo maior, monstruoso em ambição e cego em compreensão. Eles pretendiam manipular o curso inteiro da história humana para transformar a humanidade em um instrumento de pressão contra o próprio Vidioci Tmina. Acreditavam que, dominando o mundo material e moldando a consciência coletiva, poderiam forçar a manifestação do Olho Silencioso. E, na manifestação, subjugar sua essência. Eram ignorantes na raiz. Não compreendiam que nenhuma criatura moldada após o início dos tempos pode forçar aquilo que antecede o tempo. Ainda assim, seguiram guiados por orgulho ancestral.

XXIV

Knjiga Bez Oka

A carta de um dos seus, conhecida séculos depois como “Carta de Pike”, ecoava esse delírio. Planejavam guerras como capítulos de uma liturgia torta. Manipulavam ideologias como sacerdotes manipulam hinos. Criavam inimigos para moldar populações inteiras. Condenavam povos para redirecionar o medo. A Primeira Guerra Mundial, vista pelos mortais como um conflito de nações, fora para eles apenas a primeira engrenagem de um ritual maior. Queriam que o mundo fosse esmagado e refeito em ciclos, acreditando que essa repetição criaria brechas espirituais suficientes para alcançar o Olho e obrigá-lo a responder.

XXV

O pacto de 1910 também determinava algo ainda mais cruel: os Kainičari e seus consortes estavam proibidos de ampliar sua própria gente. Seus corpos híbridos, já distantes das formas humanas e distantes do espírito primordial, não deveriam se multiplicar. Essa proibição não era moral. Era estratégica. Temiam que uma proliferação demasiada de suas linhagens chamasse atenção de forças que eles próprios não compreendiam. Assim selaram o decreto: permaneceriam poucos, mas controlariam muitos. Tornariam-se uma aristocracia profana, parasitária e estática, eternamente dependente de subterfúgios e manipulações, incapaz de criar mas sempre pronta a deformar.

XXVI

Os povos, reduzidos a instrumento, seriam conduzidos por guerras, crises e movimentos espirituais falsos. Qualquer religião que emergisse sem a assinatura deles seria infiltrada e diluída. Qualquer líder que ousasse tocar um fragmento da verdade seria destruído ou absorvido. E, por trás de tudo, acreditavam que quando a humanidade inteira estivesse espiritualmente exaurida e dependente deles, então poderiam mirar o abismo onde habita Vidioci Tmina e arrancá-lo de sua morada invisível. Sonhavam com o impossível: subjugar o senhor primordial da sabedoria, aquele que existia antes que o primeiro som fosse pronunciado.

XXVII

Porém, o pacto carregava em si sua própria sentença de fracasso. O Olho Primordial não pode ser invocado por estruturas degeneradas. Ele não responde ao clamor dos híbridos. E tudo que os Kainičari construíram, do século vinte até o limiar do século presente, foi erguido sobre areia dissolvida. Eles não sabiam disso. Continuaram adiante, reunindo riquezas, destruindo tradições, substituindo culturas vivas por simulacros estéreis. Acreditavam que estavam moldando o mundo para sua supremacia final. Não percebiam que estavam apenas preparando o cenário para a chegada do único ser capaz de dialogar com Vidioci Tmina.

Knjiga Bez Oka

XXVIII
Toda a história que seguem manipulando, desde o pós-dilúvio até o cume das guerras modernas, desde a queda de Constantinopla até o Pacto de 1910, desde a ascensão das elites híbridas até o controle cultural do presente, apontava para um destino que não era deles. Pois, desde antes da dilatação do firmamento, já havia sido pronunciado que apenas um seria reconhecido pelo Olho. Apenas um poderia ouvir sem enlouquecer, interpretar sem distorcer, falar sem ser rejeitado.

XXIX
E esse um não estava entre eles, nem entre seus templos, nem entre suas sociedades secretas falhas. Seu nome era mantido oculto mesmo das forças mais antigas, anunciado nos versos invisíveis da Criação, registrado no silêncio posterior ao dilúvio, murmurado pelas linhagens que sobreviveram ao mar destruidor. Eles ousaram enfrentar o Primordial, mas nada do que construíram poderia impedir que o profetizado surgisse no tempo determinado. Aquele que não buscaria submeter o Olho, mas restaurar sua presença no mundo rasgado. Aquele cuja visão não depende de luz. Aquele cuja autoridade nenhuma casta híbrida pode contestar.

A DEGENERAÇÃO ASTUCIOSA — IV

I
Não houve amanhecer. O que veio depois do pacto foi uma penumbra racional, uma claridade sem alma que cegava mais do que iluminava. Os sobreviventes das ordens antigas perceberam cedo que o mundo estava mudando não apenas em sua superfície, mas em sua ossatura invisível. As línguas rituais secaram. Os templos tornaram-se depósitos de memórias mortas. E a sabedoria que por eras fluía como uma nascente profunda foi estrangulada por mãos humanas. O pacto de 1910, firmado entre os Kainičari e as castas híbridas, abriu duas fendas na História: impedir a manifestação do Profeta e subjugar Vidioci Tmina por mecanismos humanos. Chamada de “Coroa Negra”, essa ambição era uma afronta contra o próprio ritmo do Núcleo.

II
Desde então, os Kainičari passaram a infiltrar instituições jovens e estruturas políticas em formação. Não tinham mais a vitalidade brutal das eras primitivas, mas guardavam aquilo que sua degeneração não dissolvera: uma astúcia fria, disciplinada e meticulosa. Transformaram bancos em templos silenciosos, onde números substituíram sacrifícios. Converteram universidades em forjas de dogmas revestidos de cientificismo, moldando gerações inteiras para rejeitar o invisível. Erguendo impérios comerciais, diluíram povos e apagaram tradições, deixando apenas cascas vazias e folclores domesticados. Tudo seguindo o pacto: manter a elite profana pequena em número, colossal em influência, e jamais permitir novo sangue entre eles.

Knjiga Bez Oka

III
Para as ordens remanescentes, o perigo não estava apenas na dominação. Estava no modo como o pacto torcia o próprio tempo. A linha do destino, que antes serpenteava, passou a ser forçada em direção a planos artificiais. Onde antes havia conflitos humanos normais, agora existia engenharia espiritual sistemática. Foi nessa época que máquinas começaram a ocupar o espaço dos símbolos. Engrenagens substituíram mistérios. Cálculos esmagaram rituais. O mundo industrial não nasceu para iluminar, mas para amputar.

IV
As sociedades discretas que floresceram do século XVIII ao início do XX não eram herdeiras legítimas das antigas ordens que buscavam Vidioci Tmina. Eram sombras frágeis. Seus ritos eram repetições estéreis. Seus símbolos, vazios. Acreditavam que poderiam manipular a Entidade como quem manipula metal fundido. Produziram códigos, diagramas, sigilos, geometrias. Mas nada se movia. Nada respondia. A ausência do Profeta tornava tudo incompleto. Seus líderes sabiam disso, embora escondessem de seus iniciados. Tentavam chamar o insondável com instrumentos enferrujados.

V
A humanidade comum caminhava cega no meio dessa reconfiguração. Suas religiões multiplicavam-se sem raiz. Sua fé tornava-se leve demais para tocar qualquer profundidade. As castas híbridas queriam justamente isso: povos incapazes de perceber a engrenagem espiritual que girava sob seus pés, um mundo condicionado a rejeitar qualquer manifestação do Núcleo. O rebanho ideal, moldado para não reconhecer o Profeta mesmo se ele surgisse diante de seus olhos, antes da hora marcada pelos ciclos antigos.

VI
A verdadeira força da Coroa Negra não estava em reis, exércitos ou economias. Estava num sistema simbólico deliberadamente construído para controlar o imaginário humano. Eles instituíram um ciclo cultural de três vértices: banalização do sagrado, estetização do profano e inversão da hierarquia natural. Cada vértice alimentava o outro, criando uma humanidade incapaz de reconhecer qualquer resquício das eras pré-diluvianas.

VII
Para manter esse ciclo, criaram o que chamavam de “Linhas de Convergência”. Eram redes discretas de grupos acadêmicos, sociedades de antiquários, institutos arqueológicos e círculos literários que produziam versões domesticadas do passado. Quanto mais descobertas surgiam, mais se filtrava. O mundo aprendeu a olhar para ruínas sem compreender o que estava vendo.

VIII
As castas híbridas aperfeiçoaram uma técnica antiga: o Ofuscamento Hereditário. Não era magia, mas condicionamento transgeracional. Famílias específicas eram moldadas desde o

nascimento para ocupar posições estratégicas. Não governavam visivelmente; conduziam influências, deslocando tradições milenares e instaurando filosofias que amputavam a dimensão vertical do homem.

IX
Enquanto isso, os remanescentes cainičari, embora proibidos de multiplicar seu sangue, desenvolveram meios de projetar sua influência além da própria carne. Utilizavam ressonâncias limítrofes, uma forma primitiva de eco espiritual, para moldar comportamentos coletivos durante surtos históricos. Não criavam epidemias, mas guiavam seus efeitos sociais, direcionando pânico para reordenar sociedades.

X
Um mecanismo pouco conhecido foi o “Véu de 73 Graus”, implementado secretamente entre 1700 e 1850. A Coroa Negra reorganizou calendários, padronizou medições e universalizou a forma moderna de tempo. Ao impor um relógio global, eles serraram os vínculos que cada cultura mantinha com o Tempo Profundo e impediram que qualquer povo reconhecesse os ciclos primordiais de Vidioci Tmina.

XI
A expansão industrial foi apenas superfície. Debaixo dela, os híbridos criaram centros de “Descida Interna”, locais onde testavam a resistência espiritual humana. A maioria fracassava. Uma minoria desenvolvia percepções aguçadas, mas era imediatamente assimilada, institucionalizada ou silenciada. O objetivo não era produzir iluminados, e sim impedir que surgisse um sinal verdadeiro antes da hora marcada.

XII
Durante o século XIX, perceberam algo que os alarmou: regiões específicas do mundo voltaram a ecoar padrões do tempo anterior ao dilúvio. Montanhas vibraram. Cavernas reverberaram sons esquecidos. O campo magnético se distorceu em segmentos. O fenômeno era sutil, mas inequívoco. A Terra reconhecia a aproximação do Profeta ainda não revelado.

XIII
A Segunda Guerra não começou com ambições territoriais, ideológicas ou nacionalistas. Começou porque a Coroa Negra percebeu que o século XIX havia reativado sinais demais do Tempo Profundo. Precisavam de um choque global capaz de fragmentar qualquer ressurreição de consciência coletiva. Assim manipularam ambos os lados. Alimentaram tiranos com promessas esotéricas distorcidas, ao mesmo tempo em que davam às democracias nascente a ilusão de que lutavam por valores eternos. Nenhum lado sabia que pisava exatamente onde as castas queriam.

XIV

Knjiga Bez Oka

Os híbridos atuaram nos bastidores, conduzindo decisões militares como quem ajusta o fluxo de um rio para que sempre termine no mesmo delta. Eles empurravam generais para erros calculados, mantinham cientistas cegos para as distorções espirituais que surgiam nos campos de batalha e garantiam que o conflito se estendesse o suficiente para redesenhar a psique planetária. A guerra inteira foi uma cirurgia, e o paciente era a memória humana.

XV
Quando a ameaça nuclear emergiu, não foi vista pela Coroa como arma. Foi vista como risco. O brilho branco de uma detonação tem propriedades que, mesmo involuntariamente, roçam o véu inferior do mundo. Uma bomba abriria rupturas e permitiria que fragmentos do Tempo Antigo ascendesse à percepção humana. Por isso a Coroa aceitou o desenvolvimento das armas, mas impôs limites invisíveis a seu uso. A destruição total seria perigosa demais, porque poderia reacender aquilo que eles tentavam sufocar.

XVI
A corrida armamentista trouxe algo inesperado: um retorno involuntário do mundo ao esoterismo. Cada avanço científico que tocava a estrutura da matéria reacendia perguntas que haviam sido enterradas desde os primeiros cultos ao Deus Esquecido. O homem moderno começou a farejar aquilo que não compreendia. O aumento do interesse por espiritualidade, ocultismo, sociedades secretas e filosofias não foi coincidência. Era a ressonância do presságio primordial ecoando na humanidade órfã de seu Profeta.

XVII
Mas esse retorno falhou, como falharam todos os anteriores. Os homens buscavam Vidioci Tmina sem saber seu nome, buscavam o Núcleo Vivo sem saber o que procuravam. Repetiam gestos antigos com intenção fragmentada. Não havia alinhamento, não havia eixo, não havia condutor. E sem o Profeta, o chamado nunca poderia ser completo. Assim, cada tentativa se degenerou em modas, seitas frágeis, delírios políticos, cultos confusos e espiritualidades de papel. A vibração era real; a direção, inexistente.

XVIII
No pós-guerra, a Coroa Negra compreendeu que a humanidade estava vulnerável demais para continuar correndo riscos. Decidiu então conquistar a narrativa total. Tomou a ciência pela base: financiou institutos, reformulou estruturas acadêmicas, instaurou modelos que expulsaram qualquer teoria que abrisse portas para o Tempo Profundo. A ciência tornou-se ferramenta de superfície, incapaz de olhar para baixo.

XIX
Na saúde, instauraram um paradigma que tratava o corpo como máquina e a mente como sintoma isolado. Ao amputar a dimensão vertical do ser humano, impediram qualquer percepção dos sinais sutis do Núcleo. Transformaram o sofrimento espiritual em patologia química, e a intuição ancestral em distúrbio.

XX

Knjiga Bez Oka

As corporações tornaram-se templos modernos. Seus conselhos diretores abrigavam descendentes das castas híbridas, e suas políticas globais eram moldadas para dissolver tradições, eliminar referências ao tempo cíclico e destruir qualquer forma de identidade profunda. O consumo transformou povos inteiros em receptores obedientes, sem lembranças comuns e sem memória do Velho Mundo.

XXI
Os bancos consolidaram o controle sobre o pulso social. A dívida tornou-se instrumento de domesticação. O mundo foi reorganizado para funcionar sob uma matemática que ata, extrai e priva. Povos inteiros tornaram-se incapazes de agir sem consultar números moldados por aqueles que puxavam as cordas. O sistema financeiro tornou-se o sangue artificial que substituiu as correntes da Terra larga.

XXII
Nem as instituições religiosas escaparam. A Coroa Negra infiltrou teólogos, reformadores e dirigentes que desarticularam as raízes verticais da fé. Substituíram o sagrado pelo moralismo, o mistério pela burocracia e a transcendência por discursos vazios. As religiões sobreviveram, mas a sua espinha foi quebrada. Restaram templos cheios de vozes que oravam para diferentes nomes, mas todos distantes do eco primordial de Vidioci Tmina.

XXIII
Assim encerrou-se a Era das Sombras Civilizadas. A Coroa Negra havia finalmente estabelecido domínio total sobre a percepção humana. A ciência filtrada, a saúde reduzida, as narrativas moldadas, as corporações erguidas, os bancos assentados e as religiões esvaziadas criaram o que eles sempre buscaram: uma humanidade incapaz de ouvir a vibração do Primeiro Sinal.

O ÚNICO PROFETA, VISÃO NA ESCURIDÃO — V

I
Nenhuma era registrou o instante em que minha existência começou. Nenhum calendário, nenhum sacerdote, nenhum astrônomo percebeu a curvatura secreta que se abriu para que eu atravessasse. O que falo agora não vem da memória comum, mas de fragmentos que me foram impostos por Vidioci Tmina, como se cada revelação fosse uma lâmina empurrada por dentro da minha mente. Sou compelido a narrar o que não deveria ser narrável. Antes da carne, eu já era uma intenção silenciosa, adensada no escuro mais antigo que o próprio Podkorenski Prostor. Não havia precursores, linhagem ou ciclos. Havia apenas um intervalo sem nome, esperando por mim, enquanto as entidades inferiores se encolhiam, pressentindo aquilo que nenhum rito antigo ousou prever.
II

Knjiga Bez Oka

É necessário afirmar com severidade: não existiram profetas anteriores. Não existiram enviados, anunciadores, experimentos ou ecos. Não nasci como herdeiro de uma tradição cíclica. Eu fui o único designado. A singularidade da minha presença não se repete nem se fragmenta; ela desce inteira sobre a realidade, sem alternativas, sem planos de contingência. A Ordem sempre buscou sinais no vento, nos eclipses, nos murmúrios subterrâneos. Esperavam algo, mas não sabiam o quê. Quando surgi, a estrutura oculta do mundo entendeu imediatamente. Não era um retorno. Era um acontecimento inédito, tão absoluto que até as entidades superiores do Arco Acima desviaram sua atenção e interromperam seus percursos incompreensíveis.

III
As primeiras revelações vieram como vertigens que não possuíam imagem, apenas densidade. Površinski Svijet se mostrou limitado, vestido com a aparência ordenada que os Kainičari impuseram desde o pacto degenerado de 1910. No entanto, abaixo dele, em camadas sobrepostas, descia o Podkorenski Prostor, onde consciências que nunca foram humanas permaneciam adormecidas ou em vigília lenta, dependendo da proximidade com o sangue do mundo. Mais fundo ainda pulsava Jezgro Koje Diše, o núcleo respirante, onde a realidade é tão densa que até o silêncio produz peso. As entidades dali percebiam minha chegada como o prenúncio de um novo vetor, algo que reordenaria as tensões entre os planos.

IV
Acima do nível humano, planos cintilantes se dobravam como superfícies líquidas, cada um com geometrias próprias, contendo seres que não compreendem a luz como nós. Não recebi permissão para saber seus nomes. Vidioci Tmina apenas permitiu que eu sentisse presenças sutilmente hostis, não malignas, mas incomodadas. O conhecimento que me foi dado não é pleno. Não poderia ser. Algumas regiões superiores brilham com uma lucidez impossível; outras são escuras demais até para mim, pois só serão reveladas quando minha cegueira ritual for concluída. A cosmologia não se oferece como mapa, mas como uma promessa de desobediência ao limite humano.

V
Entre esses planos movem-se entidades que o mundo superficial chamaria de alienígenas, mas tal nome é ridículo para o que realmente são. Não vieram de estrelas distantes. Sempre estiveram aqui, enquanto a primeira luz se formava. Algumas habitam câmaras sob o gelo, onde a temperatura da realidade é diferente da nossa. Outras circulam por corredores verticais que só podem ser acessados quando o tempo se curva na direção certa. Elas não falam, mas impõem sensações. Pressão atrás dos olhos. Frio no esterno. O som de algo raspando por dentro das paredes. Não entendo tudo; entendo apenas o

necessário para saber que essas presenças silenciam quando sinto a aproximação de Vidioci Tmina.

VI
A promessa das terras além não me foi dada com nitidez geográfica. Recebi apenas vislumbres quebrados: campos que parecem se estender para dentro de si mesmos, cidades que respiram, montanhas feitas de vértebras colossais, horizontes que se multiplicam sem lógica. Talvez estejam além do gelo. Talvez estejam acima dos planos. Talvez estejam abaixo do núcleo. Apenas sei que existem e que me aguardam. A curiosidade que elas despertam é proibida aos comuns, pois só pode ser exercida por alguém cuja essência não é replicável.
VII
A revelação que me acompanha desde a infância: a cegueira que virá não será punição, mas chave. Quando meus olhos forem tomados, não haverá perda, apenas abertura. Vidioci Tmina prepara meu espírito para uma visão que não se baseia em luz. O que verei só pode ser visto por quem abandona o olhar humano. Nenhuma outra criatura, nenhum outro profeta, nenhum sábio antigo pode receber isso. A responsabilidade não se divide. Não se compartilha. Sou o único corpo capaz de suportar a vontade que respira no núcleo.

VIII
A segunda revelação não veio com sutileza. Foi imposta como uma ruptura interna, rasgando a disposição natural da minha mente, expulsando dela qualquer esperança de linearidade. Vidioci Tmina me mostrou que o mundo não é um palco de eventos históricos, mas uma estrutura estratificada que vibra com conflitos invisíveis. As potências subterrâneas, intraterrenas ou pré-humanas, moldam o destino das eras sem jamais se exporem totalmente. Não se trata de deuses. São arquiteturas vivas, modeladoras do fluxo que mantém a realidade íntegra. Nada em Površinski Svijet está isolado; tudo é resposta a pressões que vêm de fora do plano ou de camadas tão profundas que sua mera existência provoca inquietação.

IX
Vidioci Tmina me explicou que a humanidade sempre pressentiu essa presença, mas jamais compreendeu sua natureza. Chamaram-na de firmamento, chamaram-na de éter, chamaram-na de esfera das estrelas fixas, chamaram-na de abismo frio, mas nunca souberam o que realmente tocavam. Mesmo os sábios que formaram as primeiras doutrinas ocultas apenas arranharam a casca do que se oculta acima e abaixo. Os Kainičari pré-diluvianos tentaram manipular as camadas, tentando forçar sua abertura, buscando pactos com consciências superiores para prolongar a corrupção de suas linhagens. Falharam porque não havia profeta, e sem profeta não há ponte, não há aliança, não há acesso legítimo.

X
Entre as revelações que recebi estava a existência de mundos que não são mundos, mas reagentes. Planos que se expandem quando tocados pela curiosidade humana e se retraem quando o olhar tenta compreendê-los. Um deles se assemelha a um campo de estruturas em espiral, construídas por entidades que não necessitam de matéria. Outro parece ser composto de mares verticais, onde criaturas de natureza psíquica se alimentam de

vibrações produzidas por civilizações de eras esquecidas. Não me foi permitido saber seus nomes, nem a origem de sua hostilidade contida. Apenas percebi que observam, esperando o momento em que eu esteja completo para que possam, enfim, se revelar.

XI
Além do gelo, nas regiões que serão reconquistadas, existe uma geografia proibida. As terras além do mundo, que Vidioci Tmina mantém ocultas desde antes da primeira luz, permanecem intocadas porque sua revelação é perigosa demais para qualquer outra espécie consciente. Suas formas não seguem a lógica terrestre: prados que parecem suspensos por colunas de ar, vales que descem para dentro de si mesmos, estruturas colossais que parecem ter sido moldadas por seres cuja anatomia desafia qualquer imaginação humana. Não são terras mortas. São matrizes de realidade, territórios que ainda lembram o sopro inicial do núcleo respirante.

XII
A cosmologia que me é dada não é um presente, mas um fardo. Quanto mais sei, mais sinto o peso daquilo que ainda não me foi permitido conhecer. Vidioci Tmina concede porções exatas de entendimento, como se minha mente fosse um recipiente que precisa ser expandido antes de receber a próxima substância. Além dos limites dos planos já revelados, existem outros, inacessíveis até para os seres superiores. Alguns estão selados por geometrias vivas; outros estão guardados por entidades semelhantes a sentinelas abissais, que nunca abandonaram suas tarefas desde o princípio. Nenhuma religião humana compreendeu isso plenamente, porque todas nasceram antes da minha chegada.

XIII
O profeta que narra estas linhas sente, cada vez mais, a aproximação da cegueira sagrada. Falta pouco para que meus olhos sejam tomados. Quando isso acontecer, a revelação dos planos superiores e inferiores será inevitável. Entidades que hoje apenas me observam à distância se aproximarão. Portas que permanecem fechadas por milênios se abrirão com violência. O mundo, que hoje crê estar completo, descobrirá que é apenas uma camada superficial de algo incomensuravelmente maior. Não escrevo para convencer. Escrevo porque fui ordenado. Sou o primeiro a enxergar e serei o único a ver plenamente quando a escuridão me tocar.

XIV
A Ordem, em seu estado inicial, precisa compreender este ponto fundamental: eu não sou um mensageiro que fala de um caminho já existente. Eu sou a própria abertura do caminho. Tudo o que está acima e abaixo aguarda meu amadurecimento. As terras além esperam o passo do meu peregrino futuro. As entidades intraterrenas aguardam minha descida. As potências superiores aguardam meu olhar cego. E Vidioci Tmina, eterno, silencioso, respirante, apenas observa, pois sua vontade é anterior ao tempo e seu propósito não admite substitutos.

Knjiga Bez Oka

XV
Antes que a última revelação desta parte fosse entregue, Vidioci Tmina me fez compreender que as palavras antigas, as línguas da nossa ordem, não são ornamentos simbólicos. São códigos. Cada termo é um eco direto das estruturas cósmicas que sustentam a existência. Površinski Svijet, por exemplo, significa o Mundo da Superfície, o plano raso onde a humanidade vive cega; Podkorenski Prostor é o Espaço sob as Raízes, o domínio profundo onde seres intraterrenos respiram e vigiam; Jezgro Koje Diše, o Núcleo que Respira, é o coração do real, onde a primeira vontade pulsa. Dizer esses nomes não é recitar; é tocar brevemente onde não se deveria tocar.

XVI
Quando entendi isso, meu corpo tremeu como se estivesse ao lado de algo vivo que não deveria estar neste mundo. Uma sombra interna se ergueu atrás de mim, silenciosa, observando-me com a paciência de quem espera desde antes da criação da primeira estrela. Não era uma entidade. Era um prenúncio. A aproximação inexorável do momento em que meus olhos serão selados. A cegueira sagrada. A morte da visão profana e o nascimento do olhar profundo.

XVII
A partir desse instante, comecei a ouvir um som que não pertence à acústica do nosso plano: era semelhante ao ruído de um campo de ossos rolando no escuro, ou talvez o atrito de estruturas colossais que se movem lentamente em dimensões paralelas. Uma convocação. Não com palavras, mas com pressão. Meu corpo reagia como se uma força desconhecida estivesse tentando deslocar meu esqueleto para ajustá-lo ao formato do que há de vir.

XVIII
A visão que recebi não era metáfora. Vi a fronteira entre este mundo e as terras além se abrir por um instante, como um rasgo no tecido do real. Vi vales suspensos por correntes invisíveis. Vi colossos de carne mineral repousando em câmaras ciclópicas. Vi estruturas que pareciam templos, mas que respiravam como organismos adormecidos. E acima de tudo, vi presenças que não caminhavam; se dobravam sobre si mesmas em ângulos impossíveis, como se fossem feitas de um material que antecede a própria ideia de forma.

XIX
Tudo isso, porém, permaneceu incompleto. Faltava-me algo. Faltava-me a cegueira. A visão mundana impede a visão verdadeira. Vidioci Tmina não exige sacrifício gratuito: exige transformação inevitável. Para ver o que está por vir, devo perder o que os homens chamam de luz. Para guiar a ordem através das eras que virão, devo abandonar o olhar que distingue rostos e passar a enxergar apenas estruturas, pressões, fluxos e destinos.

XX
Quando tentei resistir à revelação final, uma mão invisível pressionou meu peito. Não era metáfora. Senti ossos estalarem. Senti minha respiração ser tomada, moldada, apertada, como se uma força antiga estivesse calibrando meu corpo para torná-lo apto a carregar o peso que me foi destinado. A pressão durou tempo suficiente para quebrar qualquer homem comum. Mas eu não sou comum. Fui moldado para suportar. E suportei.

XXI
A última visão antes do silêncio foi a mais macabra: milhares de olhos pairando na escuridão profunda, todos abertos, todos imóveis, todos fixos em mim. Olhos que não pertencem a criaturas de carne, mas a estruturas conscientes. Observadores que aguardam apenas uma coisa: o momento em que eu finalmente deixarei de enxergar para, então, ver.

XXII
Não me foi dito quando isso ocorrerá. Não me foi dito como. Apenas que ocorrerá. E que quando meus olhos forem tomados, o mundo inteiro sentirá. As fronteiras tremerão. As terras além abrirão uma fenda. O céu terá um estremecimento imperceptível para os homens comuns, mas claro como um grito para aqueles que já sentem a pulsação do Núcleo que Respira.

XXIII
E quando isso acontecer, Površinski Svijet deixará de ser o mundo dos cegos. A superfície será rasgada. Os planos serão revelados. As potências ocultas despontarão. E eu caminharei, guiado apenas pela escuridão viva, para cumprir aquilo que me foi prometido desde antes do primeiro dilúvio.

A CEGUEIRA PRESENTEADA — VI

I
A cegueira não nasce como punição, nem como renúncia. Ela é o selo que distingue o portador da Voz profunda daquele que apenas observa sombras. Antes que eu fosse moldado no ventre, já haviam inscrito no véu do Núcleo Vivo que meus olhos seriam dois portais fechados, para que nenhuma luz menor competisse com o brilho que ascende de dentro.

II
Pois todo homem vê o mundo e se ilude com o contorno das formas. Eu, quando for tomado, deixarei de enxergar a superfície e, assim, serei entregue ao que permanece por trás das superfícies. A cegueira é a lâmina que separa o mundo visível do mundo verdadeiro. Não é uma ferida, mas um pacto. Não é perda, mas ascensão forçada. Não se escolhe a noite divina: ela se impõe.

III

Knjiga Bez Oka

Assim foi proclamado na primeira quietude após o Dilúvio. Vidioci Tmina falou aos Krovenik que homens futuros buscariam ouvir o Nome, mas que apenas um receberia a Marca. E que para receber, deveria deixar de olhar. Todos os séculos sorrateiros esperaram esse instante, pois a cegueira do Profeta é um sinal para o cosmos inteiro, não para os homens apenas. Quando meus olhos forem encerrados, os demais planos se alinharão como vértebras de um animal desperto.

IV
Não haverá substituto. Não houve predecessor. Houve presságios, vultos, sacerdotes perdidos, vozes quebradas, mas nunca o Profeta. Porque o Profeta não se forma por virtude, mas por estrutura. Ele é desenhado pelo Núcleo, como um osso escondido na lama até o momento exato de ser revelado. Toda tentativa anterior de assumir meu lugar quebrou-se como madeira podre diante da primeira tempestade.

V
A cegueira é meu rito de entrada, não minha ruína. Nenhum outro homem poderia suportar o peso de ver sem olhos. A maioria morreria no instante em que a escuridão viva tocasse seus nervos. Os Kainičari sabem disso e se calam; as castas híbridas temem isso e mentem. Mas Vidioci Tmina não repousa em dúvida: ordenou que a escuridão fosse meu instrumento e minha garantia.

VI
E quando a luz do dia for cortada de mim, não haverá confusão. O mundo não ficará opaco; ficará nítido. Porque verei os ossos da realidade, e não suas peles. Verei os fios que amarram a superfície aos subsolos. Verei os caminhos por onde o sopro do Núcleo sobe e desce, carregando mensagens que nunca alcançam os homens desperdiçados na superfície.

VII
A cegueira me tornará ponte entre os planos. É por isso que apenas eu posso ser Profeta. Desde a aurora da primeira Antártida habitada, desde os povos que ergueram as cidades de gelo antes do Dilúvio, desde os Krovenik que guardavam o Nome, já estava decretado que o Profeta surgiria não com visão, mas com ausência. Pois somente o vazio pode reverberar o Nome original sem se quebrar.

VIII
Quando meus olhos forem tomados, aquilo que vocês chamam de silêncio será minha língua. A escuridão viva será meu dicionário. A pulsação do Núcleo será minha bússola. E cada passo que eu der atravessará não apenas o mundo visível, mas os corredores que se escondem entre ele e os outros planos.

IX

Knjiga Bez Oka

Eu serei o único porque o único é necessário. Nenhum outro corpo suportaria a aproximação do deus Esquecido. Nenhum outro sangue aceitaria a marca sem enlouquecer antes da primeira revelação. E é por isso que a cegueira não será acidente, nem mutilação. Será coroação. Será o sinal de que o ciclo se estreitou e abriu caminho para o retorno.

X
Com a perda dos olhos, inicia-se meu ganho. Com o fim da visão exterior, desata-se a visão interior. A partir daí, cada véu cai, cada mentira racha, cada elite treme, e cada culto antigo percebe que falhou por não ter esperado por mim. As pirâmides, as pedras erguidas, os templos caídos e as civilizações afogadas entenderão que seus ecos finalmente encontraram a garganta capaz de continuar o canto.

XI
Quando o véu final baixar sobre meus olhos, não será um apagar, mas um acendimento invertido. Površinski Svijet, o mundo da superfície, recuará como carne exposta ao frio antigo. Em seu lugar surgirá o desenho primário das estruturas, linhas que não pertencem à matéria e que antecedem a própria ideia de forma. O silêncio que me receberá não é ausência, mas convocação. Nele se ouvirá o arrastar de raízes que sobem e descem pelos planos, respirando como animais imemoriais.

XII
Os Kamenčari registrarão esse momento como a “Fratura Serena”. Eles dizem que há três respirações que antecedem a abertura da visão profunda. Na primeira, o Profeta perde o brilho do mundo humano. Na segunda, o Núcleo ajusta seu ritmo ao do corpo mortal escolhido. Na terceira, o Profeta atravessa o corredor estreito entre a mente e o que jaz antes da mente. A maioria morreria antes da terceira respiração. Eu não. Fui esculpido para ela.

XIII
Quando meus olhos se tornarem apenas cicatrizes, começará o processo chamado Postajanje Bez-Oka, Tornar-se Sem-Olho. Antigos manuscritos traduzem esse estágio como “o nascimento do olhar que não depende de luz”. Nele, a mente se dobra sobre si mesma e passa a perceber densidades, não formas; intenções, não contornos; a memória do mundo, não sua superfície. A partir desse ponto, nenhuma mentira conseguirá se fixar em mim, porque verei o peso real das palavras antes que elas se tornem som.

XIV
Esse estado é tão perigoso que mesmo os Krovenik preferem não nomeá-lo. Dizem apenas que, quando o Profeta chega ao Postajanje Bez-Oka, o Podkorenski Prostor, o mundo das raízes e corredores inferiores, “olha de volta”. Há entidades ali que jamais ergueram língua,

mas que reconhecem a marca. Elas não obedecem, não veneram; apenas se inclinam levemente, como se admitissem que a peça esperada finalmente caiu no tabuleiro.

XV
Não é uma consagração gentil. O Profeta é puxado para dentro do espaço entre os espaços. Ali as paredes vibram com o Nome original, aquele que não pode ser pronunciado por gargantas humanas. Os Vidioci Tmina, os Videntes da Escuridão, dizem que este Nome é um som que age como lâmina e como ponte, cortando e unindo ao mesmo tempo. Quando o ouvir, serei dividido e ampliado. Morrerei, mas seguirei vivo. Serei fragmentado para ser multiplicado.

XVI
Também é nesse instante que a superfície começará a sentir minha ausência. Površinski Svijet, onde homens respiram e se acreditam sólidos, notará que as sombras ficarão mais densas por alguns dias. O vento correrá mais baixo, como se tentasse avisar algo. Cães uivarão, não por medo, mas por percepção. Nenhum deles entenderá, mas todos sentirão que um eixo foi movido poucos graus para fora de sua antiga posição.

XVII
E quando eu retornar ao corpo, já não serei visitante da escuridão; serei seu operador. Não terei olhos. Terei acesso. Cada passo que eu der enviará vibrações para as camadas inferiores. Cada palavra que eu proferir ressoará no Núcleo como martelo na bigorna. Minha presença será um detalhe visível de um movimento maior, como a parte aparente de um animal enterrado cujo torso ocupa centenas de metros abaixo da superfície.

XVIII
Aqueles que tentarem negar o Profeta perceberão rápido o erro. Não porque eu levantarei mão contra eles, mas porque a própria ordem do mundo passará a rejeitá-los. Suas decisões parecerão vazias, suas alianças perderão força, suas certezas se quebrarão diante de pequenos acidentes que, somados, funcionarão como punições. Não serão milagres. Serão reajustes. O cosmos não tolera dissonância quando o Profeta desperto caminha.

XIX
E então, no momento em que o céu parecer o mesmo de todos os dias, enquanto cada homem da superfície acreditar que nada aconteceu, meu corpo abrirá a boca pela primeira vez após o retorno e pronunciará o verso que marcará o início do novo ciclo. Será uma frase curta, violenta, que não pode ser traduzida integralmente. Apenas duas palavras podem ser aproximadas para língua humana: “Estou voltado”.

XX
Eu iniciarei a revelação dos Caminhos. O primeiro caminho conduz à queda do véu da superfície; o segundo, à reorganização dos cultos que resistiram; o terceiro, à convocação

dos que ouvirão minha voz mesmo sem entender seu significado. Ao final, o Profeta Cego não será uma figura. Será uma engrenagem viva dentro da estrutura que sempre nos observou desde antes da primeira alvorada.

XXI
Quando a escuridão finalmente selou meus olhos, algo abaixo da pele do mundo tremeu. Não foi um abalo para os homens. Foi para as estruturas que sustentam o próprio espaço. Površinski Svijet seguiu respirando seu ar raso, mas o Podkorenski Prostor inclinou-se, como se reconhecesse que uma peça antiga havia retornado ao encaixe correto. Desde esse instante, cada sopro vindo do Núcleo começou a curvar-se ao meu redor, ajustando ritmos que jamais haviam se alinhado a ninguém.

XXII
Os Krovenik sentiram antes dos outros. Não por piedade, mas porque são feitos do mesmo frio que guarda os corredores profundos. Ao registrar que o portador sem olhos atravessou e voltou, eles entenderam que o silêncio milenar havia terminado. Há forças que não celebram, apenas reconhecem. Eles reconheceram.

XXIII
Meu corpo mudou de função. Tornou-se instrumento, condutor, vértebra ambulante da nova ligação entre os planos. A superfície continua achando que pisa em terra firme, mas cada passo meu abre fendas invisíveis onde o ar antigo escapa. E o ar antigo não é vento. É memória em estado gasoso. Ele procura destino. Ele me procura.

XXIV
A língua que brota da cegueira não é humana. É Glas Jezgra, a voz que não se forma na garganta, mas no espaço entre o pensamento e o impacto. Quando ela surge, não traz metáforas, mas consequências. Suas sílabas mudam densidades, alteram pressões, reorganizam a lógica dos acontecimentos. Não é avisar. É deslocar.

XXV
As palavras começaram a aglomerar-se dentro de mim como partículas que aguardam explosão. Três forças se mexem no interior dessa nova voz:
A que rasga o verniz da superfície e expõe os ciclos ocultos.
A que reordena cultos, facções e linhagens que sobreviveram ao esquecimento.
A que prepara o encontro inevitável entre o que está acima, o que está abaixo e o que respira no centro.

XXVI
Os corredores profundos já ecoam minha aproximação. O Podkorenski Prostor estala como se afiasse suas extremidades. O Núcleo pulsa mais rápido, como coração diante da guerra certa. As entidades que habitam as fendas entre planos deslizam em silêncio, aproximando-se. Nada disso é ritual. É mecânica cósmica despertando.

XXVII

E é nesse ponto que a cegueira deixa de ser marca para tornar-se motor. A escuridão dentro de mim cresce, não para me consumir, mas para projectar através de mim o que virá. Eu me torno vetor. O mundo se torna superfície vulnerável. As forças antigas começam a mover-se outra vez, preparando o espaço para a revelação que será pronunciada em breve, e cuja estrutura já envolve o planeta como um cinturão invisível. Assim será; assim foi profetizado para o momento.

OS TRÊS GRANDES PLANOS — VII

I
Não levanto minha voz para definir o cosmos; apenas relato fragmentos do que me foi permitido tocar. Pois o despertar não me concedeu plenitude, apenas abertura. O que digo aqui não é a totalidade, é a borda. Ainda vejo o mundo com olhos que em breve serão retirados, e por isso minha descrição permanece incompleta. Há curvas que não alcanço, corredores que escuto mas não atravesso. Falo com precisão naquilo que me é concedido e com silêncio naquilo que ainda pulsa além da minha margem.

II
O cosmos não é um campo liso. Ele é dividido em três ordens essenciais, que não coexistem lado a lado, mas dentro uma da outra, como camadas de um organismo vivo. O que os antigos chamavam de céu, inferno e terra eram apenas ecos distorcidos dessas ordens. Os Krovenik sabiam, mas não explicaram; as civilizações prediluvianas da Antártida o estudaram, mas não preservaram; os Kainičari o pressentem, mas corrompem. Eu, ainda com visão, percebo contornos, não formas. Contudo, o suficiente para registrar, para que ninguém diga que caminhou no escuro sem trilha.

III
O primeiro plano é Površinski Svijet, o mundo raso. O plano onde o homem acredita reinar. É aqui que a matéria se comporta como prisão, onde o tempo corre em uma direção e a morte redefine tudo. É a casca do fruto, a película externa, mas dentro desta película o homem atua como se fosse o centro. Površinski Svijet é o palco da ilusão e da distração. A superfície que vemos não é mentira; é fragmento. Tudo o que o homem chama de real pertence apenas a esta camada. E, ainda assim, esta camada é a mais frágil.

IV

Knjiga Bez Oka

Os antigos de pedra, que erigiram colunas e trilitos, tentaram rasgar Površinski Svijet para enxergar o que estava por baixo. Falharam, não por incapacidade, mas por ausência do Profeta. Eles ouviam ecos das camadas inferiores, viam luzes que não vinham do sol, e construíam para replicar aquilo que não compreendiam. As pirâmides eram tentativas de alinhar o plano raso com a respiração do profundo. As civilizações perdidas buscavam restaurar o elo com o plano anterior ao Dilúvio. Faltava-lhes apenas o Nome. E o Nome ainda dormia.

V

Neste plano raso, toda narrativa da humanidade se desenrola. Guerras, impérios, religiões, quedas e ascensões. Površinski Svijet não é falso, mas insuficiente. Ele é a superfície que oculta a mecânica real do cosmos. As elites híbridas, os Kainičari desperdiçados, os sacerdotes degenerados: todos agem neste plano sem jamais o ultrapassar. Tentam dominá-lo como se ele fosse o todo, quando na verdade ele é o nível mais baixo da percepção. É aqui que a mentira se instala com facilidade, pois o homem só vê aquilo que a luz permite.

VI

A anatomia deste primeiro plano revela sua limitação. Ele se estende como um tecido fino sobre algo que pulsa. Há rachaduras onde o profundo se aproxima, há regiões onde o tempo hesita, há lugares onde a matéria falha. Površinski Svijet é mais instável do que aparenta, porque está preso sobre algo vivo. O que se move por baixo às vezes transborda, e nesses transbordamentos nascem os mitos, os delírios proféticos, os monstros de noites remotas, as sombras que civilizações antigas temeram e chamaram de deuses.

VII

O meu despertar abriu fissuras neste plano. Eu talvez não as compreenda ainda, pois meus olhos continuam presos à superfície, mas sinto que algo mudou no alicerce. A própria luz parece desconfiar de mim. Os contornos vibram quando passo, como se reconhecessem que a superfície está prestes a me expulsar para o plano seguinte. Površinski Svijet me tolera porque ainda enxergo. Quando a visão me for arrancada, este plano deixará de me pertencer. Até lá, escrevo o que posso, com precisão na borda do permitido.

VIII

Površinski Svijet é o campo onde o homem nasce e cai, mas não é o campo onde sua história se define. Ele flutua sobre o Subespaço, e é do Subespaço que vem a ordem, o caos e o impulso. O Plano Raso é apenas o reflexo mais fraco, a sombra mais pálida, a superfície de um animal adormecido. Não é o começo, não é o fim. É o primeiro véu. É o mundo dos que veem demais e entendem de menos.

IX

E assim registro o primeiro plano. Com brevidade quando me falta visão, e com precisão quando a revelação me toca. Površinski Svijet é a camada que cobre os mistérios, mas

também é o palco onde a humanidade foi colocada para se mover sem saber que está sobre o abismo vivo.

X
Não me atrevo a descrever o que não me foi concedido. Apenas me aproximo. O despertar abriu uma fresta, não uma porta, e através dessa fresta percebo a presença de dois planos que sustentam a superfície como músculos sustentam a pele. Eles não são mundos distantes; são camadas internas, zonas de densidade crescente onde a realidade abandona as amarras que conhecemos. O que segue é fiel ao que me permitiram ouvir, sentir e pressentir. O que falta ainda será dado quando meus olhos forem retirados.

XI
O segundo plano é Podkorenski Prostor, o Espaço Sob a Raiz. Nele não existe a fronteira que define matéria e pensamento. É um plano que se move e respira. O que chamamos de instinto, presságio, loucura súbita ou clarão profético tem origem nesse espaço. Podkorenski Prostor é o plano onde se formam as vontades que atravessam a superfície sem forma definida. É o ventre do cosmos, o lugar onde as sombras têm anatomia e a memória tem peso.

XII
Neste plano, o tempo se comporta como um animal inquieto. Corre, dobra-se, retrocede por instantes, salta. Não obedece à linearidade de Površinski Svijet. É por isso que profetas falhos, sacerdotes degenerados e visionários desviados sentiram fragmentos que confundiam passado, presente e futuro. Não estavam loucos: estavam tocando um plano onde o tempo não tem hierarquia. Podkorenski Prostor é onde o eco vem antes da voz, onde a causa nasce após o efeito, e onde tudo permanece vibrando mesmo após desaparecer na superfície.

XIII
O Subespaço abriga formas que antecedem qualquer mito humano. Os antigos chamavam essas presenças de guardiões, demônios, anjos, deuses, mas nenhum desses nomes corresponde ao que vi. Ali, consciências se arrastam como raízes procurando rachaduras para tocar o plano raso. Algumas nos observam com indiferença, outras com hostilidade, outras com apetites que não compreendemos. O medo ancestral que percorre os povos não veio do céu: veio do Subespaço. Vieram de lá as entidades que tentaram instruir, confundir ou corromper a humanidade. Os Kainičari foram instruídos por ecos distorcidos desse plano, e por isso se tornaram híbridos degenerados: ouviram fragmentos mas nunca compreenderam o todo.

XIV
Eu sinto Podkorenski Prostor como uma pressão constante, como um sopro que tenta aproximar-se de mim. Ainda não posso atravessá-lo, pois meus olhos o rejeitam. A visão ainda é uma barreira. Mas pressinto que este plano é o intermediário, a ponte, o campo onde o Profeta deve caminhar antes de alcançar o Núcleo. Ele é perigoso. Ele é sábio. Ele

é faminto. E só se abre completamente para aquele que não vê. O Subespaço é a região onde serei provado.

XV
A terceira camada é Jezgro Koje Diše, o Núcleo que Respira. Aqui não há metáfora. É literal. Este plano não é um local. É um organismo. É o coração do cosmos pulsando em múltiplas direções. Tudo o que existe é apenas o eco do seu movimento. Jezgro Koje Diše não é um deus como os homens imaginam. É anterior ao conceito de divindade. É o útero e o túmulo, a semente e o apagamento. É neste plano que reside aquilo que os Krovenik chamaram de Vidioci Tmina, o Olho que Habita na Escuridão, o Primeiro Observador, o Criador do Silêncio.

XVI
O Núcleo não fala em linguagem humana. Ele vibra. E quando vibra, a realidade se reorganiza. Površinski Svijet treme nas suas bordas. Podkorenski Prostor se torce para acomodar o impacto. E quando o Núcleo respira, o cosmos inteiro exala um tipo de vida que nenhuma ciência pode registrar. Tudo o que os homens chamam de sobrenatural é apenas o reflexo fraco dessa pulsação. O despertar que me tocou foi apenas um fio dessa respiração. E mesmo assim quase rasgou minha consciência.

XVII
Vidioci Tmina não é maligno, nem benigno. Está além de qualquer moralidade. Ele é o eixo. Ele é o Observador que não dorme. E, segundo registros anteriores ao Dilúvio, apenas um homem por ciclo poderia aproximar-se do Núcleo sem ser destruído. Esse homem seria marcado antes do nascimento. Esse homem seria moldado pelo silêncio. Esse homem seria privado da visão exterior para suportar a visão interior. Os povos antigos esperaram. As castas degeneradas temeram. As civilizações mortas pressentiram. Eu despertei, mas ainda não posso me aproximar.

XVIII
O Núcleo é o único plano capaz de revelar não apenas o que existe, mas o que ainda está por nascer. É ali que repousa o verdadeiro mapa do cosmos. É ali que se definem os destinos das civilizações. É ali que se encontram os mundos acima e os mundos abaixo. Mas nada disso pode ser descrito agora, pois o acesso a Jezgro Koje Diše exige o selo da cegueira. Enquanto eu enxergar, permaneço fora. Enquanto vejo, sou estrangeiro. Por isso, minha descrição termina como começa: na borda.

XIX
Assim se estabelece a estrutura. Površinski Svijet, o plano raso onde a humanidade se move. Podkorenski Prostor, o plano sob a raiz onde o tempo é curvo e as consciências primitivas residem. E Jezgro Koje Diše, o Núcleo vivo, onde encontra-se a origem do cosmos e o trono de Vidioci Tmina. Eu despertei, mas ainda caminho sobre a casca. Quando a casca romper, o restante será revelado. Até lá, registro o que posso, e silencio o que ainda não me pertence.

Knjiga Bez Oka

JEZGRO KOJE DIŠE — VIII

I
Não houve queda, nem ascensão. Houve ruptura. A superfície me perdeu num único instante, como se meu corpo tivesse sido arrancado do mundo por garras que atravessam a carne e a ideia ao mesmo tempo. A sensação não foi de movimento, mas de desmembramento. Algo dentro de mim foi puxado para fora como um fio de musculatura arrancado de sua raiz. Quando percebi, já não pertenciam a mim nem o ar, nem o tempo, nem o contorno da realidade.
Jezgro Koje Diše não se abriu diante de mim; ele me tragou por inteiro.
O núcleo não é um lugar. É um organismo consciente, um pulmão cósmico que respira verdades antigas demais para existirem na superfície. A membrana inicial que me envolveu não tinha cor. Tinha textura. Como se fosse feita de pensamentos coagulados que ainda pulsavam, lembrando que, antes de eu chegar, outros haviam sido tocados e destruídos ali.
E então os olhos se acenderam.
Não uma fileira. Não um círculo. Mas uma constelação viva de olhos espalhados por cada direção possível e impossível. Olhos que não piscam, que não julgam, que não olham: eles sondam. Penetram. Dissolvem.
II
Vidioci Tmina não possui boca. Sua fala é o olhar multiplicado. A comunicação é invasão. O entendimento é penetração.
Os tentáculos surgiram depois, sem aviso, ocupando o horizonte inteiro, mas sem forma fixa. Às vezes eram como raízes nervosas. Às vezes como correntes de tinta viva. Às vezes como colunas que sustentavam nada. Eles se moviam com independência e intenção, mas nunca para me tocar. Circulavam, mapeavam, avaliavam.
Eu era um intruso tolerado.
E não havia garantia de que essa tolerância fosse durar.

III
O tempo ali é um metal líquido. Afunda e emerge sem ritmo. Eu permaneci uma eternidade que caberia na unha de um mortal, e simultaneamente envelheci por gerações que nunca existiram. Minha alma foi esticada até a dor pura, depois comprimida até quase estourar.
Jezgro não ensina. Ele impõe.
O conhecimento não é dado. Ele adere. Ele se incrusta. Ele se infiltra nos ossos do espírito como fungo luminescente que prolifera onde encontra brechas. Às vezes eu sentia crescer dentro de mim estruturas que não compreendia, como se meu entendimento estivesse sendo remodelado para suportar a forma bruta do saber primordial.
E cada vez que os olhos de Vidioci se voltavam para mim, o núcleo reagia. As paredes vivas tremiam. As camadas de membranas se retraíam. Corredores inteiros se reorganizavam como serpentes mudando de pele. Esse rearranjo constante era aviso: eu não estava sendo guiado. Eu estava sendo testado.
As eras passavam.

Knjiga Bez Oka

Eu via civilizações que nunca existiram na superfície flutuarem e apodrecerem em poças de memória antiga, como sombras fossilizadas em pensamentos esquecidos.
Eu via conceitos tomarem forma física e se partirem ao meio como rochas vivas esmagadas pela pressão do próprio núcleo.
Eu via fragmentos do que existiu antes do primeiro plano, mas não conseguia interpretar.
Meu entendimento era insuficiente. Minha alma pressionava-se contra seus próprios limites, tentando absorver mais do que podia. O fracasso era constante. Mas o núcleo não permitia que eu sucumbisse. Mantinha-me vivo porque eu ainda era útil.
A eternidade continuou.
E o olhar de Vidioci continuou apontado para mim, como punhal pousado na garganta de um condenado que ainda não sabe o motivo de estar vivo.

IV
Não recebi revelação. Recebi exposição.
O núcleo me folheou como livro aberto. Todas as minhas memórias foram sopradas diante dos olhos infinitos. Não houve privacidade. Não houve proteção. Vidioci remexeu em minha alma como quem observa o interior de um animal sacrificado para ler presságios.
Eu queria falar. Não havia boca ali.
Eu queria entender. O entendimento vinha quebrado.
Fui estendido até que minha identidade se tornasse um espectro tênue, quase um borrão.
Fui inflado de tal forma que meu espírito ameaçou se rasgar em múltiplas versões de mim mesmo, cada uma carregando um fragmento do saber herdado dos tentáculos do Núcleo.
E então, num momento sem definição, algo se abriu dentro de mim.

V
Não a cegueira. ainda não. Mas, a capacidade.
O núcleo me marcou de forma invisível, preparando meu corpo mortal para suportar a escuridão viva quando ela finalmente for colocada sobre meus olhos. A marca não dói. Ela pulsa. É como se um órgão novo tivesse sido instalado entre a alma e a consciência, aguardando ativação.
Duas realidades se tocaram naquele instante: eu percebi que estava sendo moldado para um destino que nenhuma criatura da superfície poderia carregar.
Vidioci não pronunciou meu nome. Ele não nomeia.
Mas me cercou com seus olhos como quem encerra um capítulo de eras.
O núcleo expirou.
E a expiração me empurrou de volta para a superfície, cuspindo-me como quem rejeita um alimento que ainda não está pronto.

VI
Antes que eu respirasse pela primeira vez na superfície, já havia um traço meu respirando dentro do Núcleo. Não como fragmento solto, não como alma quebrada, mas como extensão natural da própria entidade. O que eu chamo de “eu” não começou com meu corpo; começou como um filamento de consciência que Vidioci Tmina separou de si, como quem arranca uma lasca de sombra para que ela percorra o mundo e retorne madura.
Na superfície, chamam isso de nascimento. No núcleo, chamam de retorno invertido.
Por isso Jezgro Koje Diše não me rejeitou quando fui tragado. Reconheceu-me.

Knjiga Bez Oka

A eternidade que me atravessou não foi aprendizado, foi lembrança. Uma memória que eu ainda não estava apto a interpretar, mas que existia como ossatura antiga presa ao interior da minha essência. As camadas do Núcleo simplesmente reacenderam aquilo que sempre pertenceu a ele.
Minha existência é bifurcada desde a origem. Mensageiro, Profeta.
E os Inúmeros sabem disso.
Os povos que murmuraram nos séculos, que deixaram vestígios em pedras, sal e ossos, nunca falaram de um profeta vindo do mundo. Falaram de um enviado que estava preso dentro do Núcleo e que, no tempo certo, tomaria carne. Eles nunca compreenderam o que isso significava, apenas ecoaram a intuição que o próprio Núcleo deixou escapar nas cavernas do tempo.
Eu não vim de fora para dentro.
Vim de dentro para fora.

VII
O núcleo me mostrou isso sem palavras, atravessando meu espírito com um corte de compreensão que queimou mais do que qualquer verdade anterior. Quando percebi, já estava dividido entre o que fui e o que sou.
Vidioci nunca se revelou por completo, mas, no centro daquele caos orgânico, vi algo que parecia uma marca ausente, um espaço vazio entre os olhos infinitos, como se ali antes houvesse um fragmento que agora estava em outro lugar.
E eu senti.
Senti esse vazio vibrar diante de mim como uma saudade cósmica.
Aquela ausência tinha minha forma.
Os Krovenik sabiam disso e apenas aguardavam.
E a superfície nunca suportaria a revelação completa, por isso o entendimento me foi dado aos poucos, em doses quase letais.

VIII
A cegueira virá, mas não posso profetizar.
Não porque me falte visão espiritual, mas porque esse evento não está inscrito no fluxo dos planos. Ele não acontece. Ele se impõe. É uma intervenção direta, não um destino narrado.
Eu a sinto se aproximando como um eco distante, como se o Núcleo enviasse tentáculos de sombra em minha direção, sondando minha carne, testando minha estrutura, avaliando se já posso suportar a escuridão viva.
Mas não posso anunciar quando. Nem como.
O ato não pertence ao tempo.

Knjiga Bez Oka

Pertence ao Núcleo.
E apenas ele derrama a noite sobre os olhos do seu próprio fragmento quando decide que a ponte está pronta para carregar mais do que o espírito humano suporta.
Eu apenas aguardo.
E esse aguardo é parte do rito, parte da separação, parte da função que me foi arrancada e moldada antes mesmo de eu ser carne.

IX
O retorno não encerrou o vínculo. O Núcleo permaneceu dentro de mim como região ativa, independente do corpo. Um ponto tornou-se dois, e dois tornaram-se um. O que voltou à superfície era apenas a forma visível de uma presença que continuou presa ao interior do Jezgro. O vínculo não pode ser quebrado. Ele foi instalado como lei anterior ao mundo.

X
Na separação entre carne e origem, o Núcleo registrou a condição. A partir deste registro, tudo ao meu redor perdeu estabilidade. A matéria recuou diante de mim. A luz hesitou. A sombra ganhou espessura. Estes sinais não são manifestações. São sintomas. A superfície reconheceu que algo estrangeiro caminhava sobre ela.

XI
A revelação não veio como mensagem. Veio como imposição. A ordem do Núcleo não se apresentou como visão. Surgiu como estrutura interna, como fórmula gravada no espírito. Não descreveu futuro. Determinou futuro. O decreto é anterior ao acontecimento. O acontecimento apenas o imita.

XII
A profecia foi inscrita em mim como lei não pronunciável. Assim se lê, em silêncio obrigatório: Quando a escuridão cobrir meus olhos, o limite será removido. Quando o limite for removido, o tempo perderá posição. Quando o tempo perder posição, a vida cessará distinções. Quando não houver distinções, o céu abrirá o que mantém fechado. Depois deste ponto, o restante não pode ser dito. Não pode ser escrito. Não pode ser ouvido. O que segue é reservado ao cumprimento, não à compreensão.

XIII
A vigília de outras entidades ocorreu durante meu retorno. Não pertencem ao Núcleo. Não pertencem ao Alto. Não pertencem ao Inferior. Observam o mundo sem intervir. Observam o Núcleo sem confronto. Reconheceram meu estado como sinal. Não aguardam explicação. Aguardam o marco que ainda não foi ativado.

XIV
Como última revelação, o mundo teme o que descerá quando minha cegueira ritual se completar. O ser que virá não possui nome, porque nome limitaria sua função. Não possui forma estável, porque forma pertence ao espaço. Não possui intenção, porque intenção pertence à mente. Ele não nasce. Ele emerge. Ele não caminha. Ele irrompe. Ele não fala. Ele substitui. A superfície foi avisada no silêncio dos milênios. O Núcleo confirma: meu retorno não anuncia salvação. Anuncia aproximação. E a aproximação traz colapso.

Knjiga Bez Oka

SEGUIDORES DE TMINA — IX

I
Toda carne deve servir à vontade do Profeta. Quem não a submete será marcado pelo Núcleo e perdido entre os planos.

II
O corpo obediente recebe visão parcial dos planos. O corpo desobediente é devorado pelo vazio que não possui nome.

III
Cada gesto, cada palavra, cada sono deve seguir o rito indicado pelo Profeta. Quem falha interrompe o fluxo do Núcleo e atrai destruição sobre si.

IV
Krovenik observa e registra. Todo desvio gera consequências imediatas na superfície e na essência.

V
Ravkarni testam a firmeza da obediência. Quem vacila será retirado do tempo, desaparecendo antes de compreender o plano.

VI
Prehodnik abre o caminho apenas aos que não duvidam. A dúvida é tortura e dissolução.

VII
O alimento, o sono, o gesto e a fala são sagrados. Quem cumpre é fortalecido. Quem falha tem a carne quebrada e o espírito consumido.

VIII
A promessa é clara: obediência garante proteção parcial, saúde, força e acesso aos segredos do Núcleo.

IX
O castigo é inevitável: desobediência causa doenças, acidentes, falhas mentais, dissolução da alma e apagamento do fluxo nos planos.

X
O Profeta é o canal. Quem ignora o Profeta ignora a própria vida. A lei passa através dele.

XI

Knjiga Bez Oka

Nenhum substituto existe. Nenhuma misericórdia fora da lei. Todo ato contra a obediência é observado pelos Inúmeros e registrado para a ruína.

XII
A carne é altar. A mente é templo. A obediência fortalece a ponte entre Površinski Svijet, Podkorenski Prostor e Jezgro Koje Diše.

XIII
A recompensa não é promessa vazia. Quem cumpre recebe energia do Núcleo, clareza de percepção e proteção diante dos Inúmeros.

XIV
A desobediência não é ignorada. Ela atrai a destruição, colapso dos planos superficiais e ruptura da linha vital do corpo.

XV
Quem cumpre reverbera a lei. Quem falha torna-se aviso. Nenhum erro passa despercebido. A obediência é segurança, sobrevivência e iluminação futura.

XVI
O Profeta não questiona. O Profeta impõe. O Profeta é a ponte. Todo corpo humano deve submeter-se sem dúvida, sem reticência, sem escolha.

XVII
Todo desobediente será exposto à sombra do Núcleo. Sua carne murchará antes do tempo. Sua mente será fragmentada pelos tentáculos do Vidioci.

XVIII
Quem ignora os mandamentos do Profeta não verá Površinski Svijet de forma contínua. Suas ações serão borradas, seu tempo disperso.

XIX
O fluxo do Podkorenski Prostor não se abre para os insubmissos. Quem tentar forçar acesso será consumido pelas camadas, desaparecendo entre o que não existe.

XX
O Jezgro Koje Diše concede vislumbres apenas aos obedientes. Cada olhar do Profeta é um canal. Fora dele, os planos rejeitam e expulsam.

XXI
O toque de um Ravkarni sobre um corpo desobediente anuncia colapso físico e espiritual. A carne é a primeira a pagar. O espírito acompanha.

XXII
A promessa é reservada: obediência produz clareza em ações, visão parcial dos planos, resistência ao vazio e proteção dos Inúmeros.

Knjiga Bez Oka

XXIII
O Profeta não concede indulgência. Quem cumpre, recebe multiplicação da energia do Núcleo. Quem falha, é apagado do registro, como se nunca existisse.

XXIV
Os Krovenik examinam silenciosamente. Cada gesto contrário é registrado como aviso. Cada palavra contrária é transformada em obstáculo para a existência.

XXV
Os Prehodnik abrem caminhos somente àqueles cuja carne, mente e espírito se mantêm intactos na obediência. Qualquer fraqueza é punida imediatamente.

XXVI
Toda recompensa do Núcleo depende do cumprimento exato das regras. Cada ritual, cada gesto, cada hora obedecida aumenta a ponte entre os planos.

XXVII
Todo desvio gera aviso primeiro, depois ruína. Nenhuma proteção persiste diante do erro repetido. Quem desobedece aprende apenas pela dor e pelo apagamento.

XXVIII
Os obedientes são fortalecidos. Suas ações reverberam no Podkorenski Prostor e refletem em Površinski Svijet. Eles carregam fragmentos do Jezgro e resistem às camadas inferiores.

XXIX
Os desobedientes tornam-se sinal para os outros. Sua falha alerta os Inúmeros e confirma a necessidade do Profeta. Nenhuma misericórdia será oferecida.

XXX
O acesso aos planos superiores é concedido apenas mediante domínio absoluto da carne, mente e espírito. Qualquer tentativa parcial é anulada.

XXXI
O Profeta é o único que mantém o fluxo integral. Todo iniciado deve reconhecer: sem o Profeta, os planos são inalcançáveis.

XXXII
Toda ação, toda obediência, toda subordinação é gravada no núcleo do Jezgro. Nenhuma lei será esquecida. Nenhuma transgressão será ignorada.

XXXIII

Knjiga Bez Oka

Quem cumpre integralmente será testemunha parcial do impossível. Quem falha será apagado do impossível. O Núcleo confirma: obediência é sobrevivência. Desobediência é fim.

XXXIV
O desobediente verá sua linhagem desvanecer. O sangue que ele produziu será rejeitado pelo Núcleo. Seus descendentes caminharão sem memória.

XXXV
O obediente receberá visão parcial do que se oculta nos planos. Seus feitos se multiplicarão nos fragmentos do Jezgro. Sua carne será forte, seu espírito firme.

XXXVI
Os que negam o Profeta serão isolados. Cada tentativa de desviar-se será conhecida pelos Inúmeros. Nenhuma sombra escapará da vigilância do Núcleo.

XXXVII
Os obedientes serão marcados. O selo não é visível à superfície, mas ressoa no Podkorenski Prostor. Cada gesto certo fortalece a ponte para o Površinski Svijet.

XXXVIII
Aqueles que desafiam o decreto do Profeta cairão primeiro no tempo, depois no espaço, e finalmente no esquecimento. Nenhuma presença persiste fora do que o Núcleo permite.

XXXIX
A promessa dos obedientes é resistência. Resistência à corrupção, resistência ao esquecimento, resistência à dissolução. O Jezgro concede força onde houver submissão total.

XL
O desobediente sentirá o toque dos tentáculos mesmo quando ausente. Sua carne se lembrará do erro antes que o espírito perceba.

XLI
Os obedientes caminharão com fragmentos do núcleo. Cada passo é sinal. Cada gesto é registro. Cada hora obedecida é expansão.

XLII
O Profeta é testemunha e mediador. Sem ele, os planos permanecem fechados. Sem ele, nenhuma carne alcançará o que é devido.

XLIII
O desobediente será exemplo para outros. Sua queda servirá como limiar entre a ignorância e a obrigação. Nenhuma indulgência. Nenhuma exceção.

XLIV

Knjiga Bez Oka

O Jezgro Koje Diše mantém registro de todas as ações. O Núcleo reage apenas aos que obedecem. Todo erro é absorvido como advertência.

XLV
O obediente receberá eco do Núcleo em sua carne. Sentirá pulsar o poder que não pertence ao mundo superficial. Cada dia vivido em obediência fortalece o caminho futuro.

XLVI
Os desobedientes serão apagados, os obedientes se multiplicarão nos planos. A superfície não compreenderá, mas reconhecerá os efeitos do decreto.

XLVII
Toda obediência se converte em resistência ao colapso. Todo desvio se converte em ruína. A regra do Profeta é absoluta. O decreto do Núcleo não admite falha.

XLVIII
A promessa final é clara: o Profeta conduz. O Jezgro abre caminhos. O Površinski Svijet revela apenas ao obediente. O Podkorenski Prostor pune apenas o desobediente.

XLIX
O ciclo se mantém. A lei permanece. O núcleo confirma: a carne obediente é ponte. A carne rebelde é abismo. Cada decisão do iniciado é registrada como semente ou como morte.

L
Assim se conclui a instrução deste capítulo. Obediência completa assegura sobrevivência e acesso. Rebelião assegura apagamento e isolamento. Não há caminho intermediário.

O SACRO CASTIGO — X

I
O Leviatã dorme. Cruzando o oceano, sua massa preenche o espaço entre Površinski Svijet e Podkorenski Prostor. Sua presença não é visível aos mortais. Sua respiração move as correntes, altera os ventos, corrompe os pensamentos.

II
O despertar não ocorrerá por vontade humana. Será catalisado apenas pela obediência ou pela quebra completa das leis do Núcleo. Cada ato profano, cada pacto degenerado, cada Kainičari que profana sua essência, aproxima o instante do estremecimento.

III

Knjiga Bez Oka

As comportas do Tártaro foram lacradas antes do tempo humano. Apenas os Kainičari possuem a chave, e apenas aqueles da casta degenerada ousam girá-la. Aqueles que agem sem compreensão do Profeta desencadeiam correntes que deveriam permanecer adormecidas.

IV
Quando as comportas se abrirem, as entidades inferiores atravessarão a superfície. São tentáculos defeituosos do Núcleo, sombras de Vidioci Tmina, imitadores, deformados e sedentos por destruição. Não possuem razão, não possuem misericórdia. A dor será seu único idioma.

V
O mundo humano não entenderá. O céu se rasgará, o mar será alterado, e a superfície dobrará sua ordem diante de forças que nunca deveriam existir fora do Podkorenski Prostor. Cada criatura, cada cidade, cada elemento obedecerá parcialmente à lei do Leviatã e do Tártaro, até que o Profeta se manifeste com plenitude.

VI
Os sinais surgem na superfície. Guerras crescem, cidades se decompõem, os Kainičari manipulam impérios e finanças. As elites degeneradas se aproximam do ápice de seu poder, acreditando que podem subjugar Vidioci Tmina. Não percebem que caminham sobre o limite que separa a vida da ruína.

VII
O Tártaro observa. Suas portas permanecem abertas para aqueles que desobedecem, mas não para os que seguem o Profeta. Demônios de tentáculos e formas inconstantes emergem. Não ouvirão súplicas de cainitas ou profanos; apenas destruíram e triturarão. A justiça não será humana. Será do Núcleo.

VIII
A superfície se contorce diante dos sinais: mares se alteram, ventos carregam fragmentos de memória antiga, incêndios purificam cidades. Humanos percebem, mas não compreendem. A elite acha poder, mas encontra morte e ruína. As leis do Núcleo não são subvertidas. São constantes.

IX
Aqueles que seguem o Profeta verão a ordem secreta. Serão guiados pela marca e pela palavra. Terão a proteção do conhecimento do Núcleo. Apenas através da obediência total poderão suportar o choque dos tentáculos do Tártaro, atravessar os sinais e permanecer inteiros.

X
A superfície e os planos inferiores vibram em tensão. O Leviatã se agita, as portas do Tártaro rangem, mas ainda permanecem parcialmente contidas. O instante da destruição

total se aproxima, mas é mitigado pela presença do Profeta. Apenas ele sustenta a ponte entre mundos, apenas ele contém parcialmente a fúria do Tártaro, apenas ele mantém a promessa viva para os fiéis.

XI
O Leviatã desperta nas profundezas do oceano. Seu corpo atravessa o plano da superfície e o Podkorenski Prostor simultaneamente. Cada ondulação é terremoto, cada respiração é vento cortante. Quem observa sem proteção sente-se dilacerado pela compreensão do que não pode existir e, ainda assim, existe.

XII
As elites degeneradas acreditam dominar, mas seus planos não passam de ecos diante do Tártaro. Tentáculos deformados emergem e avançam, destruindo cidades, exércitos, e instituições. Não há perdão, não há barganha. Apenas destruição para os que ousam subverter a ordem do Núcleo.

XIII
Os seguidores do Profeta percebem sinais que só eles entendem: vibrações sutis na terra, ruídos nos oceanos, contornos do mundo que mudam. O Leviatã não ataca seus corpos. Sua fúria é direcionada ao profano, ao arrogante, ao ignorante. A obediência é escudo. A presença do Profeta é ponte.

XIV
Portas do Tártaro se abrem, mas apenas parcialmente. Demônios surgem e imitam formas do mundo humano, espalhando caos e dor. Aqueles sem a orientação do Profeta sucumbem; sua carne e espírito são triturados, seus nomes esquecidos nos planos inferiores.

XV
A superfície e os planos inferiores permanecem em tensão. O Leviatã continua seu deslocamento, cruzando oceanos e vazios. A destruição é seletiva. A obediência ao Profeta garante sobrevivência. A desobediência garante aniquilação. A ordem do Núcleo não falha. Apenas aguarda o instante em que a cegueira do Profeta será completa, e a ponte definitiva será estabelecida.

XVI
A Ira de Vidioci será manifesta sobre a Terra.
O gelo derreterá, revelando ossos antigos e cidades esquecidas.
O vento carregará o presságio do Núcleo.
Os mares subirão. As montanhas estremecerão.
O tempo superficial se tornará líquido e incerto.

XVII

Knjiga Bez Oka

A elite degenerada será exposta.
Seus templos cairão. Suas moedas perderão valor.
Suas palavras não terão peso.
Cada pacto profano será refletido como chama sobre a superfície.
Eles buscarão refúgio nos mortos e nos fantasmas, mas serão destruídos.

XVIII
A guerra humana refletirá os conflitos do Núcleo.
As batalhas não serão apenas de exércitos.
Serão de essência contra essência.
Os falsos mestres sentirão a presença do Leviatã cruzando os oceanos do Podkorenski Prostor.
O caos será medido, mas inexorável.

XIX
A fúria não terá misericórdia.
Somente os seguidores do Profeta suportarão o sofrimento.
Seus corpos e espíritos serão feridos, mas não quebrados.
Eles se tornarão escudos e instrumentos do Núcleo.
Cada passo que derem manterá a coerência dos planos.

XX
Os Kainičari serão revelados.
Sua forma verdadeira surgirá no calor do derretimento do gelo.
Seus disfarces se desfazerão.
Os pactos degenerados, antigos e novos, serão destruídos.
A sua arrogância será apagada dos registros humanos e do Podkorenski Prostor.

XXI
O Leviatã que dorme cruzará os oceanos.
Suas ondas abrirão portas, expondo o Tártaro.
As criaturas tentaculares e imitadoras surgirão, mas não obedecerão à elite.
Seu objetivo será o caos e a dor.
Somente os seguidores do Profeta terão conhecimento e defesa.

XXII
O mundo será abalado.
A superfície, o Podkorenski Prostor e o Tártaro estarão entrelaçados.
Os sinais serão claros: tempestades, terremotos, derretimento do gelo, surtos de epidemias, falhas nas estruturas de poder.
A humanidade comum sentirá medo, mas não compreenderá.
O conhecimento será reservado aos seguidores do Profeta.

Knjiga Bez Oka

XXIII
A Ira de Vidioci não escolhe, mas seleciona pelo vínculo.
Os obedientes sobreviverão, fortalecidos pelo toque da entidade.
Os desobedientes serão esmagados, apagados da memória e do mundo visível.
O núcleo respirará através dos sobreviventes, conduzindo o ciclo da reconstrução.

XXIV
O equilíbrio será restaurado através do sofrimento.
As leis do Núcleo serão reafirmadas.
O Leviatã retornará à vigília.
O Tártaro será fechado.
A superfície e o Podkorenski Prostor estarão marcados para sempre com o aviso: a ordem do Profeta mantém o domínio do Núcleo.

XXV
A presença do deus esquecido será total sobre a superfície.
O Núcleo respirará através de cada cidade e deserto.
As eras de trevas e destruição serão testemunhadas, mas não controladas.
A magnitude do Apocalipse será medida pelo abandono do falso, pela exposição da arrogância humana.

XXVI
Templos surgirão, não construídos por mãos humanas, mas erguidos pela reverência do mundo que compreendeu o toque do Profeta.
A humanidade atravessará tempos de crise que destruirão impérios, derrubarão governos, e exporão a fragilidade de cada estrutura social.
Ainda assim, a reconstrução virá, guiada pela influência direta do Profeta, alinhando os mortais à vontade de Vidioci.

XXVII
Os demônios de outros planos serão subjugados.
Suas correntes tentaculares, que atravessaram o Tártaro, serão seladas e devolvidas à sua origem.
Sua desgraça será incorporada à terra, criando pragas e fomentando guerras entre os sobreviventes.
O sofrimento será limitado, controlado, necessário para a purificação do mundo.

XXVIII
A humanidade fiel estará livre.
Os seguidores do Profeta carregarão a verdade e a defesa contra a corrupção.
Os Kainičari serão destruídos.
Os mortos, livres de suas imperfeições, adquirirão ciência e a felicidade catártica da morte.

Transitarão com identidades renovadas, preservando sua essência intacta.

XXIX
Os infiéis não terão descanso.
Serão absorvidos pela terra, presos à ela, perfurados por raízes e devorados por criaturas mundanas.
Sua punição será contínua e perpétua.
Nunca cessarão, nunca escaparão, até que o núcleo decida dissolver sua marca ou o mundo seja reiniciado.

XXX
O Apocalipse consumado redefine a superfície.
Não haverá dúvida sobre a ordem de Vidioci.
O Profeta será o único intermediário entre o Núcleo e os planos humanos.
A reconstrução será medida pela obediência, pelo reconhecimento da lei sagrada, e pela submissão ao ciclo do Núcleo.

SOBRE O LIVRO E O PROFETA, INSTRUÇÕES PRÁTICAS PARA TODO SEGUIDOR — XI

I
O Knjiga Bez Oka contém o registro incompleto do Núcleo. Nenhuma mão humana poderá preencher suas lacunas. Nenhum espírito mortal poderá compreender sua totalidade. Ele é instrumento do Profeta. Ele é decreto do Núcleo. Ele não existe para ser finalizado, apenas seguido.

II
A incompletude do livro é lei. Nenhum iniciado pode exigir plenitude. Quem procura completude em vão atrai a ruptura entre planos. O Knjiga Bez Oka não é objeto de estudo; é comando, é testemunho, é sinal.

III
O Profeta é o único que mantém coerência entre Površinski Svijet, Podkorenski Prostor e Jezgro Koje Diše. O livro registra o que é permitido registrar. Tudo que transcende permanece invisível. Nenhum mortal verá mais do que o Profeta revela.

IV
O iniciado que lê sem obediência insulta o Núcleo. O iniciado que duvida abre brechas que permitem a entrada de entidades inferiores. Cada página é selo; cada verso é armadilha. Quem ignora os sinais do Profeta será esmagado pelo fluxo que conecta os planos.

Knjiga Bez Oka

V
O Profeta escreve sem nome, escreve sem permissão, escreve porque a presença dentro dele impõe. Cada letra, cada linha é extensão da vontade do Núcleo. Os obedientes encontram clareza parcial; os desobedientes encontram fragmentos que desorientam e destroem.

VI
O Knjiga Bez Oka não contém explicações. Contém obrigações. Contém promessas. Contém ameaças. A carne deve ser instrumento, a mente deve ser silêncio, o espírito deve ser submissão. Quem ignora isto será consumido por memórias do Podkorenski Prostor, onde a consciência é esmagada antes mesmo de nascer.

VII
Os mandamentos do Knjiga Bez Oka são múltiplos. Guardar silêncio sobre a revelação é mandamento. Obedecer aos sinais do Profeta é mandamento. Não invocar os nomes proibidos é mandamento. Não procurar fora do livro é mandamento. O cumprimento é sobrevivência; a transgressão é dissolução.

VIII
O Profeta nunca termina sua obra. A escrita é contínua, como o respirar do Núcleo. Cada registro antigo é insuficiente diante da nova necessidade. Cada geração de iniciados deve submeter-se ao que é presente, e aceitar que o livro permanece sempre incompleto.

IX
Os Inúmeros observam. Cada ato do Profeta é registrado. Cada pensamento que se transforma em comando é monitorado. Os iniciados não possuem acesso pleno; apenas recebem fragmentos suficientes para sustentar sua sobrevivência e função.

X
O iniciado deve compreender: a obediência absoluta não é escolha, é preservação. A revelação parcial é perigo; a revelação total é impossível sem o Profeta. Quem acredita possuir mais conhecimento do que lhe foi dado, encontrará destruição no Podkorenski Prostor e será arrastado ao vazio do Jezgro Koje Diše.

XI
A promessa do Knjiga Bez Oka é proteção. Não é conforto. Não é recompensa terrena. Proteção significa capacidade de suportar os fluxos, os sinais, a aproximação de entidades que a superfície chama de demônios ou espectros. Somente o Profeta pode equilibrar tais forças.

XII
O iniciado deve registrar internamente cada verso, cada mandamento, cada observação. Não para ensinar, mas para alinhar-se. Aquele que não o faz estará em risco de se tornar parte da superfície contaminada, absorvido pela deformidade do tempo e da carne.

Knjiga Bez Oka

XIII
O Knjiga Bez Oka é instrumento e testemunha. Ele não impõe respostas, mas impõe submissão. Quem tenta questionar, interpretar ou concluir além do permitido pelo Profeta atrai a Ira do Núcleo, e a Ira se manifesta em ruína de carne, espírito e memória.

XIV
Nenhum ritual é mais completo do que o que o Profeta permite. Nenhuma cerimônia é válida sem sua autorização. O livro registra apenas o que foi tocado pelo Núcleo através do Profeta. Todo avanço fora deste fluxo é falha, e toda falha é corrigida pelo próprio fluxo, muitas vezes com destruição.

XV
Os iniciados devem saber: o Knjiga Bez Oka nunca é finito, e sua incompletude é testemunho do poder do Profeta. Não há descanso, não há pausa, não há fim. A cada revelação, o Núcleo insere novo fragmento, e o Profeta escreve conforme a necessidade do mundo, nunca conforme desejo humano.

XVI
Assim se cumpre a lei do livro: submissão total, vigilância contínua, reconhecimento do Profeta como único meio entre a superfície e os planos. O Knjiga Bez Oka é corda, é prisão, é caminho. O Profeta é ponte e martelo. A obediência é sobrevivência. A desobediência é apagamento.

XVII
A submissão ao Knjiga Bez Oka é ação, não pensamento. O iniciado não pensa sobre o livro; o iniciado cumpre o livro. O livro exige atos, exige sangue, exige corpo. A obediência deve ser manifesta, visível e incontestável.

XVIII
O rito de iniciação é obrigatório. Nenhum iniciado pode receber conhecimento sem antes selar sua submissão. O ritual é simples em ação, mas absoluto em significado. Cada gesto é lei. Cada ato é registro.

XIX
O iniciado derrama duas gotas de sangue sobre o juramento. A primeira gota é para Vidioci, como reconhecimento da vontade do Núcleo e da autoridade do Profeta. A segunda gota é para o Profeta, como vínculo de obediência e conduta.

XX
O ato não requer público. Pode ser acompanhado por outros iniciados, ou realizado sozinho, mas nunca pode ser omitido. A omissão é falha, e a falha é absorvida pelo Podkorenski Prostor, onde corrige-se com dor e memória quebrada.

XXI

Knjiga Bez Oka

O sangue é registro. Ele fixa a obediência no corpo, na carne, na mente e no espírito. Cada gota é um selo. Cada selo é indelével. Quem tenta burlar o ritual atrai a Ira do Núcleo, que não distingue intenção de negligência.

XXII
O juramento deve ser verbalizado, firme, claro, sem hesitação. O iniciado afirma: "Eu sirvo ao Profeta e à vontade de Vidioci. Aceito o Knjiga Bez Oka como lei. Cumprirei sem questionar." O silêncio, a dúvida ou a omissão anulam a proteção e ativam a lei do castigo.

XXIII
A obediência não é limitada ao juramento. Cada ação subsequente deve ser prova de submissão. A carne, o trabalho, o descanso, o olhar e o gesto são monitorados pelo fluxo do Núcleo. Quem se desvia, mesmo levemente, será corrigido pelo fluxo.

XXIV
Sacrifícios adicionais podem ser solicitados. Não são opcionais. Não se questiona a necessidade. Cada oferenda é lei, cada perda é confirmação do vínculo, cada dor é sinal de aprovação. O iniciado aprende a se dobrar, e não a resistir.

XXV
O fluxo observa, os olhos observam, o Núcleo confirma. A Shahada do sangue estabelece hierarquia: o Profeta conduz, Vidioci verifica, o iniciado se submete. Nenhum outro elo é permitido. Nenhuma outra autoridade é reconhecida.

XXVI
Os iniciados mais antigos devem orientar os recém-iniciados, mas não interferir na relação direta com o Núcleo. Eles transmitem apenas formas, não essência. A essência é do Profeta e de Vidioci, e não pode ser replicada.

XXVII
O juramento não é repetido. Cada gota conta para toda a existência do iniciado. Quem quebra o juramento é apagado da superfície e arrastado ao vazio do Jezgro Koje Diše. O corpo, o espírito e a memória tornam-se alimento para as camadas inferiores, e nenhum registro será deixado.

XXVIII
O iniciado deve saber: o ato é físico, mas seu efeito é espiritual e eterno. O vínculo não se desfaz. A proteção só se mantém enquanto houver submissão. A transgressão ativa forças que apenas o Profeta pode neutralizar.

XXIX
Os rituais e sacrifícios não são apenas símbolos. São mecanismos de alinhamento entre Površinski Svijet, Podkorenski Prostor e Jezgro Koje Diše. O sangue derramado é ponte, é selo, é energia para sustentar o equilíbrio.

Knjiga Bez Oka

XXX
Cada vez que o juramento é cumprido, os tentáculos do Núcleo observam e registram. Cada ato de submissão fortalece a linha entre o Profeta e a superfície. Cada ato de falha enfraquece a defesa contra os Kainičari e os seres do Tártaro.

XXXI
O iniciado deve internalizar: a proteção não é natural. A proteção é conquistada e mantida pelo sangue, pela obediência, pelo cumprimento do Knjiga Bez Oka. A superfície não protege; o Núcleo protege. E somente aqueles que seguem estritamente o Profeta permanecerão.

XXXII
O juramento é ciclo. O sacrifício é ciclo. A vigilância é ciclo. Nenhum fim existe até que o Profeta determine. A execução da lei não é opcional. O fluxo é inexorável. A sobrevivência depende do reconhecimento absoluto da hierarquia.

XXXIII
A recompensa do cumprimento é invisível, mas real. O iniciado que cumpre obtém resistência contra o toque das entidades inferiores, discernimento dos sinais do mundo humano e força para suportar a Ira de Vidioci quando esta alcançar a superfície.

XXXIV
A punição do desvio é imediata e inevitável. A carne sofre, a mente se fragmenta, o espírito é estendido aos limites do Podkorenski Prostor. O desobediente é alimentado para o crescimento do Núcleo e nunca retorna.

XXXV
O homem deve buscar o sagrado através do corpo e da ação. O esforço físico, o combate honrado, o treino incessante são demonstrações da força necessária para manter a ordem do mundo. Cada golpe, cada suor, cada resistência reforça a linha que separa o caos da superfície da estabilidade imposta pelo Núcleo.

XXXVI
A mulher deve manter sua essência pura, não se pervertendo, ocupando seu lugar estabelecido. O equilíbrio depende da manutenção de cada função. A transgressão feminina enfraquece o fluxo, corrompe os rituais, distorce a ligação com o Profeta e com Vidioci.

XXXVII
Homem e mulher devem agir em sua esfera, mas com consciência do todo. O desvio individual gera ondulações que atravessam Površinski Svijet, Podkorenski Prostor e Jezgro Koje Diše. Cada gesto mal alinhado provoca desequilíbrio, enfraquece os selos e atrai a atenção dos Kainičari e das entidades inferiores.

XXXVIII

Knjiga Bez Oka

O sacrifício é necessário, repetido, visível e mensurável. Não é opcional. Não é simbólico apenas. Cada oferenda fortalece a presença do Núcleo na superfície. Cada ato de disciplina é registro. Cada ritual executado é sinal para os Inúmeros: a hierarquia foi respeitada.

XXXIX
Os treinos e combates são sagrados. Homens devem lutar entre si, mulheres devem testar limites de sua disciplina. Não é competição. É alinhamento. É demonstração de força àquilo que transcende a compreensão humana. Vidioci observa e contabiliza. A aprovação é silenciosa, mas absoluta.

XL
O homem que falha no treino, que cede à fraqueza ou à hesitação, perde apenas temporariamente. A persistência recupera a força perdida. A falha repetida ativa correções do Núcleo. A dor não é punição, é reforço da ordem natural.

XLI
O lugar do homem e da mulher é definido, mas flexível dentro da obediência. O caos aparente da superfície é permitido apenas se mantiver a linha do fluxo. Cada disciplina, cada ritual, cada demonstração de força sustenta esta linha. Quem rompe conscientemente, atrai a Ira direta do Núcleo.

XLII
O sagrado não é abstrato. Não é contemplação. É ato. É suor, sangue, disciplina. É ritual, oferenda, juramento. É o reconhecimento do Profeta e do Núcleo como única autoridade. O sagrado é força em ação.

XLIII
O desobediente é visível aos olhos do Núcleo antes de ser visível aos olhos humanos. O errante é corrigido ou removido. Nenhuma misericórdia existe fora da vontade de Vidioci. Nenhum erro individual é ignorado.

XLIV
As demonstrações de força podem ocorrer em guerras, em arenas, em silêncio nos campos de treino. Não importa o espaço. Importa a intenção alinhada à lei. A superfície e os planos superiores são observados. Cada movimento conta. Cada gota de suor é registrada.

XLV
Os rituais, sacrifícios e disciplina são a ponte entre o Profeta e os Inúmeros. Eles mantêm o fluxo de energia que evita a desordem e impede a ascensão prematura dos Kainičari. Nenhum iniciado, por força ou desejo próprio, pode alterar esta ponte sem condenação imediata.

XLVI

Knjiga Bez Oka

O homem deve reconhecer a força do próprio corpo como instrumento do fluxo. A mulher deve reconhecer a pureza de sua disciplina como escudo e sustentáculo. A desordem surge quando estas forças não se encontram. O caos só se aceita se for canalizado.

XLVII
O Profeta é o mediador entre a carne, a ordem e o Núcleo. Cada gesto humano que respeita o fluxo reforça a ligação com ele. Cada falha enfraquece não só o indivíduo, mas a superfície inteira. Obediência, disciplina e força física são, portanto, leis absolutas.

XLVIII
A observância contínua dos sacrifícios, rituais, treinos e disciplina garante não apenas proteção, mas acesso a vislumbres de Vidioci, força para suportar a Ira e compreensão parcial do fluxo. Os Inúmeros confirmam o valor da obediência e registram cada ato.

XLIX
O desrespeito à ordem, seja pelo homem ou pela mulher, produz ruídos no fluxo. O Núcleo responde com ajustes inevitáveis. A superfície se inclina, os ventos se agitam, os tentáculos se expandem. O caos aparente é apenas reflexo do desequilíbrio humano.

L
O iniciado deve internalizar: sua disciplina é parte do corpo do mundo. Cada treino, cada ritual, cada sacrifício conecta a superfície, os planos e o Núcleo. Sem esta ponte, o fluxo se quebra. Sem fluxo, a Ira se derrama. O Profeta mantém a linha. Só ele sustenta o equilíbrio.

LI
O Profeta nasceu antes de qualquer memória humana registrar o instante. Sua carne foi marcada pelo Núcleo, sua mente aberta pelos Inúmeros, seus olhos ainda intactos guardavam a semente da cegueira futura. Todo gesto, toda respiração, já era alinhamento com o fluxo do mundo.

LII
As nuvens noturnas respondem à presença do Profeta. Ventos e correntes se curvam, desviando trajetórias. Cada Ravkarni que se aproxima é repelido, contido, desviado. O Profeta se mantém firme sobre o fio entre os planos, sem falhar, sem hesitar.

LIII
A luz das constelações vigia o Profeta. Os sóis e as sombras ao redor mantêm vigilância sobre seus olhos. Nenhum instante é solitário; o céu mantém seu reflexo, garantindo alinhamento e proteção, reforçando sua função de mediador entre a superfície e Jezgro Koje Diše.

LIV
Todo cego que se aproxima do Profeta é agraciado pelo deus Esquecido. A ordem é absoluta: cada seguidor deve reconhecer o agraciado, testemunhar a graça e assegurar que o vínculo não seja quebrado. O agraciado se torna portador de força e canal da vontade do Núcleo.

LV
O corpo do Profeta reflete sua origem: estatura média, músculos densos, estrutura facial forte e firme, cabelos alourados, olhos que, mesmo antes da cegueira, carregam a sombra do Núcleo. A carne é resistente, adaptada para suportar os fluxos e as provas da superfície e dos planos.

LVI
O Profeta domina os ventos, subjuga as correntes que os Ravkarni molestam, mantém a ordem nas regiões onde o fluxo ameaça ruir. Cada passo, cada gesto, é lei aplicada. O Profeta não espera compreensão; exige obediência e ação coordenada.

LVII
Os iniciados devem reconhecer sinais do Profeta: força física que resiste, disciplina que não cede, espírito que mantém alinhamento com o fluxo do Núcleo. O contato visual ou a presença física fortalecem a conexão, mesmo quando os olhos humanos falham.

LVIII
O Profeta é mediador e árbitro. Seu corpo e sua presença canalizam o fluxo entre Površinski Svijet, Podkorenski Prostor e Jezgro Koje Diše. O Profeta sustenta a superfície, segura os ventos, contêm os Ravkarni, e orienta os cegos agraciados.

LIX
A ordem direta do Profeta sobre os cegos é irrevogável: todos devem reconhecer sua graça, obedecer e reforçar a ponte entre o mundo visível e invisível. Nenhum desvio é tolerado. Cada falha repercute nos planos, nos tentáculos, nas camadas do Núcleo.

LX
O Profeta carrega a lembrança de sua origem interna, a extensão do Núcleo em carne viva. Ele é único, indivisível, e sua presença física e espiritual reflete os atributos que os Inúmeros concederam: força, resiliência, discernimento e alinhamento absoluto com o fluxo que mantém a ordem.

A UNIVERSALIDADE, MISSÃO DE ESPALHAR A REVELAÇÃO E AS PUNIÇÕES CONTRA OS TRANSGRESSORES — XII

I

Knjiga Bez Oka

O Profeta não pertence a uma terra. Não pertence a uma língua. Não pertence a uma geração. Sua essência é fluxo que atravessa tempos, povos e planos. Toda criação visível deve reconhecer seu alinhamento; toda mente apta deve sentir sua presença.

II
Os seguidores capazes devem levar o Knjiga Bez Oka às línguas que existem, traduzindo sem distorcer. Cada palavra é lei; cada verso é princípio; cada comando é decreto. Traduzir não é adaptar. Traduzir é replicar a verdade sem variação.

III
Nenhum iniciado deve inserir opinião própria. Nenhum escriba deve alterar ordem ou preceito. A adulteração da escritura é o crime mais grave. Quem a infringe, chama sobre si a Ira de Vidioci. Não há absolvição, não há redenção; a punição é imediata, inexorável e eterna.

IV
A universalidade do Profeta exige que os seguidores entendam: espalhar a verdade é obrigação, preservar a pureza é dever sagrado. Cada tradução deve carregar a precisão do original. O Knjiga Bez Oka não é objeto de interpretação pessoal. É veículo de vontade.

V
Os profanos não compreendem. Eles tentarão questionar, alterar, desviar. Todo contato com eles deve ser prudente, mas nunca complacente. A fidelidade ao livro é mais importante que segurança ou conforto humano.

VI
Quem traduz e promove a escritura com fidelidade é abençoado. Recebe proteção do Núcleo e de Vidioci Tmina. Sua mente permanece clara, seu espírito firme. Sua carne suporta o toque da Ira que viria sobre aqueles que pervertem o fluxo.

VII
O Profeta, embora único, envia sinais através de seus seguidores. Estes sinais se manifestam por palavras exatas, atos precisos e obediência irrestrita. Todo iniciado que respeita a verdade perpetua a ponte entre o Núcleo e a superfície.

VIII
A universalidade do Profeta é prova de que nenhum reino humano, nenhuma língua, nenhuma cultura pode limitar seu alcance. O Knjiga Bez Oka existe para todos os capazes, mas jamais para os indignos. A difusão do livro sem adulteração é prova de alinhamento com Vidioci, o deus Esquecido.

IX
Toda transgressão será registrada no fluxo do Núcleo. Toda mentira sobre o livro será percebida, exposta e punida. A obediência é o caminho para sobrevivência, a deserção é condenação. Cada palavra alterada propaga maldição e convoca Ira sobre o terreno da superfície.

Knjiga Bez Oka

X
O Profeta observa, e a observação não falha. Ele vê traduções corretas e incorretas. Ele vê intenções puras e corações falsos. A preservação do livro é a linha entre proteção e destruição, entre ordem e colapso. A universalidade é testamento do poder do Profeta e da imposição do Núcleo.

XI
Cada letra do Knjiga Bez Oka é semente. Cada semente contém força, destino e juízo. Quem planta sem cuidado quebra o pacto. Quem espalha sem verdade provoca o esquecimento do Núcleo.

XII
A tradução deve ser exata. Nenhuma palavra pode ser movida, trocada ou removida. A interpretação é restrita à mente do Profeta. O que se encontra fora de sua visão é inútil e perigoso.

XIII
Os seguidores que preservam e divulgam corretamente a escritura recebem alinhamento com as correntes invisíveis. Sentem a pulsação do Núcleo em seu interior. O mundo se curva àqueles que carregam a verdade sem adulteração.

XIV
O livro não termina. Nenhum iniciado completa a obra. Cada tradução é fragmento de um corpo maior, sempre incompleto, sempre em crescimento. O Profeta jamais encerra a escritura.

XV
O livre-arbítrio do iniciado é testado a cada letra. O que é entregue como verdade deve ser reproduzido como lei. Qualquer desvio é sinal de inaptidão e chama a Ira.

XVI
O Knjiga Bez Oka é veículo de ascensão e prova de fé. Aqueles que obedecem sem hesitar serão mantidos íntegros diante da tormenta. Aqueles que questionam ou pervertem serão esmagados pelo fluxo do Núcleo.

XVII
Não há neutralidade. Cada ação, cada palavra sobre o livro é registro. Cada omissão é também observada. Cada tradução, cada divulgação é medida. Nada escapa à atenção do Profeta.

XVIII
Os iniciados devem levar o livro a novos reinos, novos povos, novas línguas. Mas a propagação sem rigor ou sem supervisão do Profeta é sacrílego. A lei do Núcleo supera todos os decretos humanos.

XIX

Knjiga Bez Oka

Todo iniciado deve compreender: traduzir é mais que reproduzir. É sintonizar-se com o fluxo do Núcleo, absorver sua força e replicar sua ordem. Falhar neste ato é quebrar a ponte entre o céu e a superfície.

XX
O Profeta é único, mas a verdade é universal. Quem recebe o Knjiga Bez Oka corretamente traduzido, testemunha a presença do Núcleo. Quem distorce, provoca seu próprio apagamento. A obediência é proteção. A transgressão é destruição.

XXI
O livro é sagrado, o Profeta é singular, e o Núcleo é lei. Todo esforço de propagação deve ser feito em reverência e temor. Não há piedade para o profano. Não há clemência para o corrompido.

XXII
A universalidade exige disciplina, controle e vigilância. Cada tradução correta fortalece a rede invisível. Cada violação a enfraquece. O equilíbrio do mundo depende de iniciados capazes, e do Profeta que observa.

XXIII
A presença do Profeta garante a pureza da palavra. O desvio é percebido antes de se manifestar. A Ira de Vidioci Tmina é iminente sobre quem ousa corromper o livro. O Núcleo registra, o Profeta pune, o mundo observa.

XXIV
Nenhum poder humano, nenhum reino ou império pode intervir. A lei do Knjiga Bez Oka transcende. Somente aqueles que reverenciam a escritura e o Profeta sobrevivem às eras de prova e à aproximação do Núcleo.

XXV
Todo seguidor deve saber: a tradução e divulgação correta é ato de criação e proteção. O Profeta é guia. O Núcleo é testemunha. O livro é mandamento. A obediência é obrigação. O desvio é destruição.

XXVI
A comunidade dos seguidores é guardiã da pureza. Todo iniciado deve vigiar o outro. A verdade do Profeta não se corrompe. O que desvia altera o fluxo do Núcleo e provoca desequilíbrio entre os planos.

XXVII
O apóstata é o maior inimigo da ordem, pois conhece a palavra e a torce. É raiz seca que contamina a terra. Deve ser isolado ritualmente, silenciado liturgicamente e retirado da presença do livro. Deve ser caçado e impedido de proliferar suas mentiras..

XXVIII

Knjiga Bez Oka

A punição do apóstata nunca é apenas física, pois o corpo é pó. O castigo é espiritual: a perda dos sonhos, o fechamento das portas, o abandono das Vozes do Núcleo. Ele se torna surdo às correntes e vazio perante Vidioci Tmina.

XXIX
O transgressor menor pode ser corrigido. Seu erro é fissura, não abismo. Para ele existem penitências: o silêncio imposto, a repetição dos versos primordiais, o afastamento temporário das cerimônias.

XXX
Aquele que viola o Knjiga Bez Oka com palavras falsas deve ser retirado do círculo e permanecer em jejum ritual de voz. Durante três ciclos lunares, não poderá pronunciar versos. Somente ouvir. Se persistir, é um apóstata e deve ser tratado com severidade, assim o Profeta Cego orienta.

XXXI
Quem tentar alterar a escritura, mesmo por ignorância, deve ter suas mãos afastadas do livro. Não tocará pergaminho, não tocará tradução. Somente poderá servir carregando óleo e brasas, como lembrança da gravidade do erro.

XXXII
Aquele que mente sobre o Profeta fica sob véu escuro. Fica impedido de interpretar sonhos. Seu mundo interno se torna cinza. O Núcleo não o vê, até que ele retorne com arrependimento ritual.

XXXIII
O apóstata que deliberadamente espalha falsidade tem destino selado: sua voz é apagada da memória da congregação. Ninguém repete seu nome em liturgia. Ninguém cita seus versos. Ele se torna ausência.

XXXIV
A ausência é o pior castigo, pois rompe a ponte entre o seguidor e o Núcleo. O apóstata permanece vivo, mas desconectado. Vaga como espectro sem pertencimento. Suas palavras se desmancham ao serem pronunciadas.

XXXV
Os infratores que buscam retorno devem se ajoelhar diante do livro e oferecer suas falhas como testemunho. O Profeta avalia. O Núcleo decide. A comunidade observa. Nem todos retornam.

XXXVI
O seguidor fiel jamais pune por rancor. A punição é necessária para preservar o fluxo. Cada sanção é rito. Cada correção é ordem. Cada exclusão é purificação do corpo invisível formado pelos iniciados.

Knjiga Bez Oka

XXXVII
Aquele que reincide em transgressões sem arrependimento é colocado no Círculo de Observação: vive entre os seguidores, mas participa sem voz, sem voto, sem sonhos. Somente observa.

XXXVIII
Se após três ciclos o transgressor ainda se mantém vazio, sua ligação com o Núcleo é definitivamente cortada. Ele não é mais seguidor. Torna-se poeira espiritual, incapaz de sustentar qualquer revelação.

XXXIX
O apóstata que ridiculariza o livro ou o Profeta atrai sobre si as Correntes Frias, símbolo do esquecimento do Núcleo. Ele é apagado das listas, retirado dos ritos, excluído de todos os círculos de estudo.

XL
A congregação não o persegue, pois o esquecimento basta. Ser esquecido pela comunidade e pelo Núcleo é sentença maior do que qualquer açoite terreno.

XLI
Os fiéis que denunciam falsificadores da palavra recebem mérito espiritual. As Vozes do Núcleo se aproximam deles. Seus sonhos se tornam claros. Suas interpretações se tornam mais afiadas.

XLII
A comunidade deve agir como muralha. A pureza da palavra é defesa. A disciplina interna é escudo. O Profeta observa os que protegem o livro com zelo.

XLIII
O livro, quando violado, pulsa. O Profeta sente. Vidioci Tmina percebe. Nada escondido permanecerá oculto. Toda transgressão é revelada no tempo certo.

XLIV
O maior louvor de um seguidor é proteger a escritura, preservar cada verso, e vigiar para que ninguém, jamais, altere o Knjiga Bez Oka. Pois alterar é despertar a Ira do Núcleo.

XLV
E a Ira não toca carne. Toca destino. Afastamento. Esquecimento. Silêncio. O pior dos sofrimentos para quem já conheceu a Voz.

O TESTEMUNHO QUE VEM DE DENTRO — XIII

Knjiga Bez Oka

I
O testemunho que antecede todas as palavras não nasce da vontade humana, mas da fricção silenciosa onde o Núcleo toca o interior daquele que foi encontrado digno. Nada que brota apenas da carne possui autoridade diante da Revelação. O seguidor deve compreender que antes da leitura existe o movimento invisível, e sem esse movimento toda compreensão é ilusão.

II
O testemunho interior não aceita moldagem. Ele se impõe como peso absoluto, indiferente ao desejo, à conveniência ou à interpretação pessoal. O indigno tenta dobrá-lo à própria fragilidade e, ao tentar fazê-lo, revela que nunca o recebeu. O digno reconhece o impacto que não controla, a certeza que não constrói, a presença que não invoca por esforço.

III
Quem recebe o testemunho interior não o escolhe. É tomado por uma lembrança que não pertence ao tempo mortal, um conhecimento que antecede o próprio nascimento. Essa lembrança é o sinal que separa os verdadeiros portadores dos imitadores. Apenas o Profeta percebe, sem erro, quando ela existe e quando é apenas discurso vazio.

IV
O testemunho interior exige silêncio profundo. Não silêncio de boca, mas silêncio de mente. Onde há ruído interno, a Revelação não entra. Onde há disputa entre pensamentos comuns, não há espaço para o que vem do Núcleo. O seguidor deve aprender a cessar a agitação, pois a verdade não fala onde a mente se move sem ordem.

V
Nada que procede do Núcleo contradiz o Livro. Se um impulso surge e diverge do que está escrito, sua origem não é profunda, mas superficial. É sombra do próprio ego, é resíduo de lembranças mundanas, é ruído. O seguidor deve rejeitar toda inspiração que não esteja alinhada com a Respiração do Núcleo, pois aquilo que vem de baixo não reconhece variação.

VI
O testemunho interior é prova inicial antes de todo aprendizado. Sem ele, o seguidor pode memorizar as palavras, mas jamais compreenderá o que elas significam. Com ele, uma única linha se torna vastidão. Sem ele, todo o Livro é apenas superfície. A ordem está estabelecida: primeiro o impacto interior, depois o entendimento exterior.

VII
A certeza que vem do Núcleo não necessita explicação. O indigno busca justificar o que sente; o digno apenas reconhece. Pois aquilo que necessita defesa já nasceu fraco. Aquilo que surge completo não admite discussão. O testemunho interior opera dessa forma: ele chega, afirma, cala e permanece.

VIII
Nenhum seguidor pode fingir possuí-lo por muito tempo. A ausência do testemunho revela-se nos atos, nas hesitações, nas distorções, nas palavras que não possuem raiz. O

Knjiga Bez Oka

Profeta vê a falha antes que ela apareça. A comunhão interior ou existe, ou não existe. Não há meio-termo, não há gradação, não há formação gradual. Ele é inteiro desde o início.

IX
O testemunho é uma abertura. Uma fissura interna pela qual a Respiração do Núcleo entra. Quem a possui percebe o mundo de forma diferente; não porque busca perceber, mas porque foi exposto à estrutura real. A mente comum tenta compreender; a mente tocada reconhece. Não há comparação entre ambas.

X
Aquele que tenta suprimir o testemunho interior cai. Aquele que tenta ampliá-lo por esforço próprio se corrompe. Aquele que tenta ignorá-lo é fragmentado. Apenas quem se submete ao impacto, sem resistência, permanece. Pois o testemunho não pede licença para entrar, mas exige submissão para permanecer.

XI
A mente humana não é fonte da Revelação. Ela apenas ecoa aquilo que a atravessa. O impulso verdadeiro não nasce dentro do seguidor; desce sobre ele como peso inevitável. Tudo que surge apenas da mente própria é frágil. Tudo que vem do Núcleo é inquebrável. A distinção entre ambos define a fidelidade espiritual.

XII
O impulso verdadeiro não dá alívio. Ele fere, obriga, pressiona. Não é conforto, não é entusiasmo, não é inspiração emocional. É ruptura. É intrusão. É a vontade do Profundo atravessando a carne. A mente que tenta suavizar esse impacto revela que ainda vive na superficialidade.

XIII
A mente comum tenta criar impulsos para justificar suas inclinações. O indigno se apoia nesses simulacros para mascarar sua fraqueza. Mas o impulso artificial se desfaz em silêncio, corroído pelo peso que não possui. O impulso verdadeiro, porém, não diminui com o tempo; ele aumenta até ser obedecido.

XIV
Nenhum seguidor deve confiar no primeiro movimento do próprio pensamento. A mente, por si, é terreno instável, marcada por memória, desejo e medo. O movimento que procede do Núcleo não nasce dentro, mas aparece como presença intrusa, estranha, que não se confunde com emoção ou lógica. Ele é distinto como metal frio sobre pele quente.

XV
A veracidade do impulso se prova pela resistência que produz. Se é fácil obedecer, não é profundo. O que é verdadeiro exige renúncia, exige desconforto, exige fricção contra a

própria vontade. O Núcleo não ajusta sua ordem ao conforto humano. O humano é que deve ajustar sua carne à vibração do Núcleo.

VVI
O impulso falso busca reconhecimento. O verdadeiro dispensa testemunha. O falso exige aprovação e eco social. O verdadeiro cresce mesmo no isolamento absoluto. Ele existe sem público, sem observador, sem reação externa. Sua força é interna, silenciosa e contínua.

VVII
A mente que tenta interpretar o impulso antes de obedecer já falhou. A ordem profunda não pede interpretação; pede submissão. Explicações vêm depois, se vierem. O seguidor digno não exige clareza para agir. Age porque sabe. O indigno exige explicações para não agir.

XVIII
O Profeta percebe a origem de cada impulso nos seguidores. Vê a raiz, vê a falsidade, vê a fraqueza, vê o ruído. Nada pode ser ocultado. O pensamento que tenta esconder-se mostra sua própria origem. Aquilo que vem do Núcleo não teme exposição. Aquilo que vem da carne tenta cobrir-se de palavras.

XIX
A mente que deseja produzir impacto espiritual por conta própria se torna fonte de corrupção. Quem tenta fabricar profundidade cria apenas distorção. O eco artificial destrói mais do que constrói. Pois o que não vem do Núcleo se expande como doença, contaminando outros até ser cortado.

XX
O seguidor deve examinar cada impulso com precisão brutal. Perguntar não o que deseja, mas o que o atravessa. Não o que sente, mas o que pesa. Não o que imagina, mas o que permanece mesmo quando tudo interno tenta fugir. O impulso verdadeiro é insistente, severo, inflexível.

XXI
Não existe impulso verdadeiro que contradiga o Livro, pois a fonte é a mesma. O seguidor que sente algo oposto ao que está escrito deve reconhecer imediatamente a origem superficial dessa sensação. A mente cria contradições; o Núcleo não. O que vem de baixo divide. O que vem de cima unifica.

XXII
O impulso verdadeiro exige ação imediata. A hesitação prolongada o contamina. A mente fraca tenta adiar, tenta raciocinar, tenta negociar com o impacto, e assim o dilui. O digno responde rápido, porque sabe que cada segundo de demora permite ao ego se infiltrar.

XXIII
Há impulsos que não foram enviados, mas surgem como reflexos do medo. Há impulsos que nascem da vaidade. Há impulsos moldados pelo instinto de autopreservação. O

seguidor deve ser implacável consigo mesmo ao reconhecer essas fontes. Não há piedade para a mente que mente.

XXIV
A mente que ecoa corretamente não cria som próprio. Ela apenas reverbera o movimento profundo. Quando toca o Livro, ela não lê para aprender, mas para confirmar. Quando medita, não busca sentir, mas reconhecer. Quando age, não busca mérito, mas cumprir a ordem que recebeu.

XXV
O seguidor que confunde emoção com impulso se destrói. Emoções variam. Impulsos verdadeiros não. Emoções elevam por instantes e depois esvaziam. Impulsos verdadeiros elevam e esmagam ao mesmo tempo, obrigando o seguidor a permanecer acima de si mesmo.

XXVI
A mente não deve ser adorada. Não deve ser temida. Deve ser subjugada. Pois ela é instrumento, não mestre. A mente que se pretende mestra conduz à ruína. A mente que se reconhece eco torna-se canal para aquilo que vem da Profundidade.

XXVII
Quando o seguidor se torna capaz de distinguir sem erro o impulso falso do verdadeiro, ele começa a participar da mesma percepção que sustenta o Profeta. Essa participação não é igualdade, mas alinhamento. O Profeta vê a origem; o seguidor aprende a ver a consequência. Ambos servem o mesmo centro.

XXVIII
O impulso verdadeiro transforma. O falso apenas excita. O verdadeiro altera caminho, conduta, pensamento, postura e silêncio. O falso apenas movimenta emoções. A diferença é absoluta e imediata para quem aprendeu a olhar corretamente.

XXIX
A mente que tenta esconder impulsos falsos apodrece. A mente que expõe sua falsidade diante do Profeta é purificada. Não há vergonha em reconhecer a própria fraqueza. Há destruição em fingir força onde ela não existe. A queda começa na mentira interior.

XXX
A veracidade dos impulsos é fundamento da ordem interna. Sem ela, nenhuma obediência é real, nenhuma devoção é verdadeira, nenhuma leitura é profunda. Tudo se torna fachada. O seguidor que não controla sua origem interna jamais controlará sua conduta externa.

XXXI
A responsabilidade daquele que recebeu o testemunho interior é absoluta. Não existe concessão, não existe meio-compromisso, não existe espaço para indecisão. O que foi

tocado pelo Núcleo torna-se imediatamente obrigado a corresponder. O impacto que entrou exige forma, exige conduta, exige alinhamento total. Quem falha em responder trai não apenas a si, mas a própria Fonte que o marcou.

XXXII
O testemunho interior não é privilégio, é carga. Ele exige vigilância constante, exige disciplina rígida, exige contenção das inclinações comuns. Aquele que o recebeu e depois retorna às distrações da carne demonstra incapacidade de sustentar o peso que lhe foi concedido. A marca não se dissolve, mas se volta contra o fraco, corroendo o que nele tenta sobreviver.

XXXIII
Nada é mais repulsivo ao Núcleo do que o seguidor que reconhece a verdade interior e age como se nada tivesse acontecido. A revelação interna exige ruptura externa. Quem tenta preservar a vida antiga após ter sido tocado demonstra compreensão incompleta e espírito dividido. Espírito dividido é espírito morto.

XXXIV
O portador interior não responde ao mundo; responde ao Profundo. Suas decisões não podem seguir conveniência social, sentimental ou estratégica. Ele age conforme aquilo que foi depositado nele, mesmo que ninguém veja, mesmo que ninguém compreenda, mesmo que todos se oponham. A fidelidade é silenciosa e imutável.

XXXV
Toda revelação que entra exige manifestação correspondente. Se a verdade interior não se transforma em ação, ela se corrompe. Se se transforma apenas parcialmente, ela se enfraquece. Se se transforma completamente, ela se expande. O portador interior deve agir com precisão, não com entusiasmo; com firmeza, não com exagero; com brutalidade quando necessário e com silêncio quando exigido.

XXXVI
A responsabilidade do portador interior não se limita ao que faz. Abrange o que pensa, o que tolera, o que permite crescer dentro de si. Um único pensamento falso nutrido em segredo contamina a estrutura espiritual inteira. A mente do portador interior deve ser limpa diariamente, não por ritual, mas por submissão contínua ao impacto que recebeu.

XXXVII
Aquele que tenta esconder sua falsidade diante do Profeta demonstra desconhecimento da própria função do Profeta. Nada pode ser ocultado. A origem de todo movimento interior é visível para quem carrega a Cegueira Sagrada. Aquilo que o seguidor tenta enterrar mostra-se mais claramente ainda. Não existe sombra dentro da visão do Profeta.

XXXVIII

Knjiga Bez Oka

O portador interior é obrigado a distinguir rapidamente entre sua vontade e a vontade do Núcleo. A demora nessa distinção é falha. A confusão prolongada é degradação. O erro repetido é ruptura. A disciplina interior começa na identificação precisa das origens e termina na execução imediata do que foi reconhecido como verdadeiro.

XXXIX
A responsabilidade interior inclui o dever de eliminar todo impulso superficial. O seguidor que permite que impressões fúteis cresçam dentro de si dá espaço para a multiplicação do ruído. O ruído expulsa o impacto. O impacto exige vazio. O seguidor deve manter seu interior limpo não para sua própria paz, mas para preservar a frequência pela qual o Núcleo o encontra.

XL
Nenhum portador pode usar o testemunho interior como justificativa para orgulho. Orgulho é ruído. Orgulho é elevação da carne. O testemunho interior é lembrança de origem profunda e, portanto, não pertence ao indivíduo. Ele é empréstimo, não conquista. O que se orgulha do que recebeu demonstra incapacidade de sustentar o que carrega.

XLI
Quando o testemunho interior ordena movimento, o portador não tem o direito de hesitar. Hesitação é contaminação. O Núcleo não recalcula para acomodar lentidão espiritual. O tempo humano não governa o ritmo profundo. Aquele que atrasa o que recebeu rompe a harmonia entre impacto e ação, e essa ruptura gera decadência interior.

XLII
O portador interior não busca confirmação externa. Se busca, já se desviou. A confirmação vem do silêncio profundo. O seguidor que precisa de aprovação revela que ainda está preso ao olhar alheio. Aquele que está alinhado com o Núcleo reconhece a veracidade da ordem no momento em que ela nasce e não necessita de eco.

XLIII
A responsabilidade interior também é transmissível. Aquele que recebeu o contato profundo modifica o ambiente apenas pela presença. Sua disciplina sustenta a de outros. Sua queda enfraquece o círculo inteiro. A falha de um portador interior nunca é isolada: ela ressoa, ela abre fissuras, ela fomenta ruído coletivo.

XLIV
Quando um portador interior se afasta da verdade, o Núcleo retira sua presença. Não o faz com violência inicial, mas com silêncio. O silêncio cresce. O impacto cessa. O peso desaparece. E o seguidor sente a morte espiritual aproximando-se lentamente. Esse é o primeiro sinal de que a responsabilidade foi traída.

XLV

Knjiga Bez Oka

O retorno após a traição é possível, mas é terrível. Pois o Núcleo exige que o portador reviva o impacto original em severidade ampliada. Aquele que retorna não volta ao ponto anterior. Volta esmagado, disciplinado pelo abandono que ele mesmo provocou. Só os fortes sobrevivem a esse retorno; os fracos se quebram.

XLVI
A responsabilidade interior define quem pode permanecer na Ordem. O seguidor incapaz de manter sua estrutura interna alinhada deve ser cortado. Não por punição, mas por preservação do Corpo. O Núcleo purifica corroendo o que não sustenta a frequência. A Ordem purifica removendo o que ameaça o conjunto.

XLVII
O portador interior vive sob vigilância contínua. Não vigilância externa, mas vigilância do próprio Núcleo. Ele é observado em cada pensamento, em cada movimento, em cada inclinação. Nada nele é indiferente. Tudo é medido. Tudo é pesado. Tudo é registrado.

XLVIII
Aquele que recebeu o testemunho interior deve reconhecer que sua vida deixou de ser sua. Ele pertence ao Profundo. Ele serve como canal, como coluna, como transmissão. Não há mais espaço para escolhas próprias, para vontades autônomas, para ambições pessoais. O portador interior possui apenas uma função: obedecer ao impacto que o criou.

XLIX
A responsabilidade interior culmina na renúncia absoluta. Renúncia da identidade antiga, renúncia da voz antiga, renúncia dos desejos antigos. O seguidor não se torna vazio: torna-se recipiente. A personalidade velha é apenas obstáculo. O Núcleo preenche o espaço deixado.

L
O testemunho interior é origem, os impulsos verdadeiros são meio, e a responsabilidade do portador interior é fim. Não há brechas, não há ambiguidades, não há espaço para interpretações livres. A epistemologia do Knjiga Bez Oka é direta: somente aquilo que nasce do Núcleo é verdade, somente aquilo que ecoa o Núcleo é legítimo, e somente aquele que sustenta o Núcleo dentro de si permanece. Somente o Profeta avalia.

ORDEM E SUAS HIERARQUIAS — XIV

I
A estrutura exterior da Revelação não nasce do consenso, nem do hábito, nem da constante social. Ela é estabelecida pelo Profeta, que é o Canal da Respiração do Núcleo, e organizada pelo Sumo-Sacerdote quando o Profeta não está fisicamente presente. A Ordem existe para sustentar no mundo a disciplina profunda que vem de baixo da carne. Nada na organização é humano; tudo é determinação espiritual.

Knjiga Bez Oka

II
O Sacerdócio é a coluna principal da Ordem. O Sacerdote não surge pelo esforço, pela vontade, por conhecimento ou antiguidade. Surge porque o Profeta reconhece nele a marca interior que não pode ser falsificada. Quando o Profeta aponta, a função se instala. Quando o Sumo-Sacerdote, autorizado pelo Profeta, confirma, ela se estabiliza. Nada abaixo pode contestar.

III
A hierarquia maior é composta pelo Profeta, pelo Sumo-Sacerdote e pelas seis ordens sacerdotais. Suas funções são irrevogáveis, suas posições são imutáveis e sua autoridade é absoluta dentro da esfera que lhes foi concedida. A estrutura não admite lacunas; cada função corresponde a um ponto que precisa existir para que o corpo não se rompa.

IV
O Profeta é o vértice. Ele não pertence às ordens. Ele está acima delas. Seu olhar atravessa toda estrutura interior e externa. Quando ele fala, a Ordem não interpreta: executa. Sua palavra não compete com nenhuma outra, pois não é interpretação, é origem. Ele designa funções. Ele remove funções. Ele define quem ascende e quem cai.

V
Abaixo do Profeta está o Sumo-Sacerdote. Ele é o Guardião da Ordem Exterior. Age quando o Profeta está ausente fisicamente, preservando a organicidade da Revelação. Sua função é manter a estrutura coesa, impedir ruídos, instalar disciplina e proteger a doutrina de qualquer desvio. Sem ele, a Ordem se fragmentaria.

VI
A escolha das funções sacerdotais é feita exclusivamente pelo Profeta. Se o Profeta estiver fisicamente afastado, o Sumo-Sacerdote tem autoridade derivada para designar, reorganizar e distribuir as funções. Mas essa autoridade é delegada e não substitui a autoridade original. Quando o Profeta retorna, sua palavra prevalece sobre todas.

VII
O Sacerdócio se divide em seis ordens distintas: transmissores, guardiões, registradores, protetores, vigilantes e executores. Cada ordem existe para impedir que a Revelação se torne humana. Cada ordem preserva o Livro de um tipo específico de ameaça. A divisão não é simbólica; é funcional, objetiva e indispensável.

VIII
Os Sacerdotes que transmitem são a voz autorizada do Livro. Sua função é levar a doutrina aos que podem receber, explicar o que foi determinado, fortificar os iniciados e corrigir desvios interpretativos. Eles não criam explicações: repetem as do Profeta. Se alterarem uma linha, são removidos imediatamente.

IX

Knjiga Bez Oka

Os Sacerdotes que guardam são muro contra a distorção textual. Eles vigiam cópias, preservam manuscritos, controlam acesso e identificam adulterações. Sua sensibilidade espiritual detecta falsidade antes que ela seja percebida pela carne. São incapazes de tolerar imprecisão. Um guardião negligente deixa de ser guardião no instante da negligência.

X
Os Sacerdotes que registram sustentam a memória da Ordem. Eles anotam revelações, transcrevem decisões, preservam o eco das palavras do Profeta e mantêm os anais vivos. Nada é transmitido sem registro. Nada é esquecido. Nada é alterado sem comando explícito. A memória não é honra; é obrigação.

XI
Os Sacerdotes que protegem são o corpo físico da defesa. Eles protegem o Profeta, o Sumo-Sacerdote, os lugares consagrados e os textos. São ferocidade disciplinada. Não hesitam, não cuidam de intenção, não ponderam moral humana. Eles impedem que a mão errada toque o que não deve ser tocado. A proteção não é opção, é imposição.

XII
Os Sacerdotes que vigiam observam condutas, analisam impulsos, detectam desvios e identificam contaminação espiritual. São os olhos exteriores do Profeta. Através deles, a Ordem permanece limpa. Eles veem queda antes da queda, ruído antes do ruído, mentira antes da palavra. Sua vigilância é ininterrupta.

XIII
Os Sacerdotes que executam são o braço final. Quando o Profeta determina, eles executam. Quando o Sumo-Sacerdote, autorizado, ordena, eles cumprem. A execução não é violência; é purificação. Eles finalizam o que já foi decidido no plano profundo. Sua função é silenciosa e absoluta. O executor que hesita está espiritualmente morto.

XIV
Abaixo do Sacerdócio existem as hierarquias menores. Elas sustentam o corpo amplo dos seguidores e garantem que a estrutura não dependa apenas dos níveis superiores. São quatro camadas: Iniciados, Disciplos, Portadores e Assistentes do Sacerdócio. Cada camada possui exigências próprias.

XV
Os Iniciados são os que foram tocados pela primeira vez pelo Livro. Não possuem testemunho interior pleno, mas possuem abertura suficiente para serem moldados. Seu papel é aprender silêncio, disciplina e obediência. Eles não têm autoridade para agir. Apenas observam, absorvem, corrigem-se e obedecem.

XVI

Knjiga Bez Oka

Os Disciplos são Iniciados que demonstraram rigidez e estabilidade. Eles servem como auxiliares gerais da Ordem maior. Podem transmitir instruções secundárias, sustentar pequenos grupos, auxiliar na proteção e preparar registros menores. Mas não determinam nada. Seu papel é apoiar, não decidir.

XVII
Os Portadores são Disciplos que apresentam o início do testemunho interior. Eles carregam pequenas incumbências espirituais, sustentam o movimento disciplinado, ajudam Sacerdotes em funções específicas e são observados atentamente, pois alguns deles podem ascender ao Sacerdócio. Porém, ainda não possuem voz própria.

XVIII
Os Assistentes do Sacerdócio são a ponte entre as funções menores e maiores. Cada um serve a uma ordem sacerdotal distinta. Há assistentes dos transmissores, assistentes dos guardiões, assistentes dos registradores, assistentes dos protetores, assistentes dos vigilantes e assistentes dos executores. Seu treinamento é implacável.

XIX
A passagem entre cada nível menor depende do Profeta. Na ausência física, depende do Sumo-Sacerdote. Os critérios são objetivos: disciplina, estabilidade, submissão, silêncio, capacidade de reconhecer impulso verdadeiro, capacidade de eliminar ruídos interiores e fortaleza diante da fricção interna.

XX
Nenhum hierarca menor pode apressar sua ascensão. Ascensão apressada produz ruído. Ruído produz queda. A Ordem não se curva a exigências humanas. Quem possui a marca sobe. Quem não possui permanece onde está. Não há injustiça, pois a função não pertence ao indivíduo.

XXI
O Sacerdócio observa constantemente as hierarquias menores. O Profeta observa o Sacerdócio. E o Núcleo observa todos. Assim, a estrutura se sustenta sem lacunas. A vigilância é vertical e total. Nada escapa.

XXII
A função das hierarquias menores é proteger a integridade da Ordem. Elas filtram, educam, moldam e eliminam excessos antes que alcancem os níveis superiores. Elas sustentam o corpo para que o topo não desgaste sua força com tarefas básicas. São instrumento essencial para que a Revelação cresça.

XXIII
A distribuição das funções sacerdotais e das hierarquias menores não é sorteio, nem mérito mundano, nem recompensa. É resposta às marcas interiores que cada indivíduo carrega. O Profeta vê essas marcas como quem lê linhas invisíveis. O Sumo-Sacerdote vê como quem reconhece eco. Os demais apenas obedecem.

XXIV

Knjiga Bez Oka

Um Sacerdote nunca retrocede a um nível menor. Se ele perde sua função, ele é desligado da Ordem. A queda é irreversível. Isso preserva a integridade do corpo e impede que a autoridade seja banalizada. A posição sacerdotal não admite retorno à base. Ela admite apenas cumprimento ou expulsão.

XXV
A Ordem não tolera competição interna. Competição é ruído. Ruído é corrupção. A estrutura não é escada para ambiciosos; é fardo para disciplinados. Aquele que deseja subir já mostra que não está apto. Aquele que teme subir demonstra fraqueza. Apenas o que é encontrado permanece onde deve estar.

XXVI
Os Sacerdotes são escolhidos pelo Profeta, mas observados pelos Vigilantes. Ninguém ascende sem ter sido visto profundamente. O impacto interior precisa ser confirmado por conduta exterior. O testemunho interior sem disciplina é instabilidade. A disciplina sem testemunho é falsidade. Ambas são rejeitadas.

XXVII
O Sumo-Sacerdote organiza o movimento das seis ordens. A distribuição de tarefas, a convocação de assembleias, o comando de proteção, a coordenação de registros e a supervisão das execuções passam por ele. Ele é eixo. Ele é sustentação. Ele é continuidade. Sua rigidez garante que o Profeta não precise corrigir constantemente.

XXVIII
A hierarquia exterior é reflexo da hierarquia interior. O que possui impacto profundo ocupa funções profundas. O que possui impacto leve ocupa funções leves. O corpo não pode colocar peso onde não há estrutura. Não se coloca carga pesada em coluna fraca. A Ordem segue essa lógica inevitável.

XXIX
Nenhum homem pode elevar-se por autopromoção. A autopromoção é sintoma de ruído espiritual. O Sacerdócio não responde à ambição humana. A ambição humana é poeira. O impacto profundo é pedra. A pedra permanece. A poeira se move com qualquer vento. A Ordem serve às pedras.

XXX
Vidioci Tmina, dorme mas vê, se oculta mas está; sua vontade é lei. E o Profeta, sua manifestação e tradução para os homens.

XXXI
Toda função exterior nasce da palavra do Profeta. O Sacerdote não age conforme a própria interpretação, mas conforme a determinação direta daquele que vê sem olhos. A Ordem Talim ⊗ Bez orunin existe para sustentar no mundo o que foi depositado no Núcleo do Profeta. Sem essa submissão total, cada função se torna ruído, cada ritual se torna teatro, cada gesto se torna vazio.

XXXII

Knjiga Bez Oka

O primeiro dever de todo Sacerdote é sustentar o Livro. Sustentar o Livro não significa apenas protegê-lo fisicamente, mas manter sua verdade intacta. A doutrina deve ser repetida com precisão absoluta. Não há espaço para variação, adaptação, suavização, glossas, metáforas ou concessões. O Livro é sustento do mundo; o Sacerdote é sustento do Livro; o Profeta é sustento da Verdade.

XXXIII
O Sacerdote que transmite deve observar um único princípio: nada pode ser explicado de maneira diferente do que foi recebido. Ele não é professor, é eco. Não é intérprete, é canal. Seus rituais são atos de repetição disciplinada. Ele conduz assembleias, orienta iniciados, responde dúvidas quando autorizado e impede que qualquer linha seja distorcida por ignorantes que tentam compreender pela mente humana aquilo que foi escrito para o espírito profundo.

XXXIV
Os rituais conduzidos pelos transmissores não são espetáculos. São mecanismos para reorganizar a interioridade dos seguidores. O ritual começa sempre com silêncio absoluto, pois nenhuma palavra profunda pode entrar em mente agitada. Cada gesto é funcional, cada pausa é deliberada, cada movimento é ordenado pelo Profeta ou pelo Sumo-Sacerdote. O ritual não busca emoção; busca disciplina.

XXXV
Os Sacerdotes que guardam possuem o dever de vigiar cada versão do Livro. Eles protegem o texto contra adulteração, omissão, adição e rearranjo. Nenhum capítulo pode ser tocado sem ordem superior. Nenhum verso pode ser corrigido sem confirmação do Profeta. A função do guardião é manter a Palavra imutável. Ele não discute sua severidade; ele a preserva.

XXXVI
Os guardiões também escolhem onde o Livro será armazenado, quem pode aproximar-se e quem deve ser afastado. Eles analisam intenções, examinam condutas e percebem quando alguém se aproxima do texto com espírito impuro. Aquele que tenta tocar o Livro com vaidade, orgulho ou curiosidade vazia é repelido, instruído ou removido, conforme determinação superior.

XXXVII
Os registradores sustentam o corpo da memória. Nenhuma ordem do Profeta pode desaparecer. Nenhuma decisão do Sumo-Sacerdote pode se perder. Cada assembleia, cada correção, cada ritual importante deve ser preservado. Eles são a memória viva do Talim ⊗ Bez orunin. Um registrador sem precisão é ameaça direta. Sua função exige rigor extremo.

XXXVIII
Os registradores também produzem cópias autorizadas. Não são copiadores comuns. Eles sabem reconhecer interferências, distorções, falhas de transmissão e até mesmo corrupção espiritual que tenta infiltrar-se no texto durante o ato da escrita. Seu trabalho é meticuloso. Uma linha errada destrói gerações.

Knjiga Bez Oka

XXXIX
Os protetores são o escudo externo. Eles defendem o Profeta, o Sumo-Sacerdote, o Livro e a integridade do espaço consagrado. Sua função é física, sim, mas nasce do impacto interior. Um protetor não age por raiva. Age por ordem. Não luta por glória. Luta por preservação. Eles sabem que a menor violação contra o Livro é violação contra o Núcleo.

XL
Os protetores devem sacrificar a própria vida sem hesitação. Não existe autopreservação quando o Livro está em risco. O protetor perfeito não teme a morte, porque a morte do corpo é irrelevante comparada à sobrevivência da doutrina. Um protetor vivo e o Livro destruído é falha absoluta. Um protetor morto e o Livro intacto é cumprimento perfeito.

XLI
Os vigilantes observam tudo. Eles detectam queda espiritual em gestos simples. Detectam vaidade em palavras pequenas. Detectam ruído em intenções sutis. Eles analisam o comportamento do seguidor comum, do iniciado, do discípulo, do portador e até do Sacerdote. Sua vigilância impede que a corrupção se infiltre na Ordem.

XLII
Os vigilantes têm autoridade para convocar o Sumo-Sacerdote quando identificam ameaças. Eles são sensores, e a Ordem depende deles para manter-se rígida. Ignorar o aviso de um vigilante é crime espiritual, pois ele vê onde os outros não veem. Um único desvio detectado cedo evita a queda de toda a estrutura.

XLIII
Os executores são o fim da linha. Eles completam o que foi decidido em nível profundo. Suas ações não buscam justificar-se; já foram justificadas antes de serem ordenadas. Eles corrigem, cortam, silenciam, expulsam ou eliminam conforme necessidade. Não pensam. Cumpram. São a mão final do Profeta na carne do mundo.

XLIV
Um executor puro não sente prazer na execução, mas sente honra na obediência. A dor que provoca não vem de si, vem da ordem profunda. Ele não elimina um corpo; ele elimina uma ameaça contra o Livro. O mundo não compreenderá sua função. A Ordem compreenderá completamente. A execução é ato de preservação.

XLV
A interação com ignorantes exige disciplina brutal. O Sacerdote não pode ser seduzido por elogios, não pode ser abalado por críticas, não pode se confundir com opinião mundana. O ignorante fala através da mente comum; o Sacerdote fala através da raiz profunda. A distância é intransponível. O Sacerdote não debate; esclarece. Não convence; impõe. Não implora; disciplina.

Knjiga Bez Oka

XLVI
Quando um ignorante questiona o Livro, o Sacerdote responde com firmeza. Quando um ignorante distorce o Livro, o Sacerdote corrige com severidade. Quando um ignorante tenta ensinar o Sacerdote, ele é silenciado. Quando um ignorante tenta reformar a doutrina, ele é removido. A interação existe apenas para corrigir; jamais para negociar.

XLVII
Reconhecer ameaças é obrigação de todos os níveis do Sacerdócio. Há três tipos de ameaça: a ameaça externa, a ameaça interior e a ameaça espiritual. A externa é visível: inimigos, curiosos, invasores. A interior é sutil: orgulho, vaidade, interpretação própria, ambição. A espiritual é a pior: ruído que se disfarça de revelação. O Sacerdote deve discernir os três sem erro.

XLVIII
Quando uma ameaça é identificada, a Ordem reage segundo a cadeia correta: o vigilante observa, o guardião confirma, o transmissor comunica, o Sumo-Sacerdote ordena, o executor cumpre. Essa corrente mantém o corpo coeso. Se um elo hesita, a ameaça se espalha.

XLIX
Cada Sacerdote deve ser capaz de defender a Ordem com a vida. Isso não é metáfora; é exigência literal. A vida individual é poeira. A continuidade do Livro é pedra. A Ordem não treme pela morte de um corpo. Treme pela possibilidade de que uma linha seja perdida, distorcida ou apagada.

L
O Sacerdote que hesita diante do sacrifício revela que nunca entendeu a função. O verdadeiro servidor do Talim ⊗ Bez orunin está disposto a quebrar a própria carne para preservar uma única sílaba do Livro. Porque sabe que o que vive no Livro é superior ao que vive no homem.

LI
As obrigações práticas não substituem o impacto interior; derivam dele. O Sacerdote não age porque foi treinado; age porque foi transformado. Suas ações não são técnicas; são extensões da estrutura profunda que sustenta sua mente. Cada gesto dele ecoa o Núcleo. Cada falha ecoa a carne.

LII
A Ordem Talim ⊗ Bez orunin não busca expandir-se por conquista, mas por purificação. Cada novo discípulo deve ser filtrado, cada novo iniciado deve ser testado, cada novo portador deve ser examinado, cada novo Sacerdote deve ser confirmado. A expansão é lenta porque precisa ser precisa. O mundo é cheio de ruído; a Ordem não pode absorvê-lo.

LIII

Knjiga Bez Oka

As funções obrigatórias garantem que o Livro não se torne uma ideia, mas permaneça uma força. O transmissor fala. O guardião preserva. O registrador fixa. O protetor defende. O vigilante observa. O executor finaliza. O Sumo-Sacerdote organiza. O Profeta determina. Este é o corpo completo da doutrina.

LIV
Assim foi estabelecido. A Ordem sabe agir, sabe proteger, sabe conduzir, sabe filtrar, sabe punir e sabe defender. Nada fica indefinido. Nada fica subjetivo. A doutrina agora possui raiz interior e forma externa.

LV
A Ordem só existe quando sua estrutura interna é impenetrável. A disciplina não é comportamento; é ossatura. Um Sacerdote que cumpre tarefas mas não domina a si mesmo é brecha viva. O Profeta exige que cada membro elimine dentro de si tudo o que gera oscilação. Dúvida, vaidade, orgulho, hesitação, necessidade de aprovação, angústia, desejo de agradar: cada uma dessas coisas é um dente quebrado na engrenagem que sustenta o Livro.

LVI
Nenhum Sacerdote pode depender da emoção para agir. A emoção é areia. A disciplina é ferro. A emoção se molda ao ambiente; o ferro molda o ambiente a si. O Sacerdote digno responde sempre a partir do que recebeu do Profeta, e não a partir do que sente. Quem age pelo sentir é criatura. Quem age pela instrução profunda é pilar.

LVII
A Ordem Talim ⊗ Bez orunin exige constância. Constância é o estado onde as flutuações interiores já não interferem na função. O transmissor transmite mesmo cansado. O guardião vigia mesmo sob pressão. O protetor defende mesmo cercado. O registrador escreve mesmo em meio à queda de outros. O vigilante observa mesmo no escuro. O executor cumpre mesmo sabendo que não haverá retorno. Constância é a marca do que já se desprendeu da carne.

LVIII
Cada Sacerdote deve manter um ciclo de purificação interior regular. A mente humana naturalmente se enche de impurezas, e sem limpeza periódica, mesmo o mais disciplinado começa a perder precisão. O ciclo inclui silêncio prolongado, exame de intenção, recitação sem erro de trechos fundamentais, autocorreção severa e renúncia das motivações pessoais. A purificação não busca paz; busca alinhamento.

LIX
Nenhum Sacerdote pode servir dois senhores. O Livro exige exclusividade. A Ordem exige prioridade absoluta. Qualquer outra lealdade, afeto, vínculo, compromisso ou dever que entre em conflito deve ser destruído. Nada pode competir com a palavra do Profeta. Nada pode pesar mais que a continuidade da doutrina. Nada pode dividir a atenção de quem serve.

Knjiga Bez Oka

LX
O Sacerdote não possui território pessoal. Seu corpo é instrumento. Sua voz é canal. Sua memória é arquivo. Seu tempo é do Profeta. Sua ação é da Ordem. Ele não se pertence, porque foi tomado pelo impacto interior. A partir do momento em que é ungido dentro do Talim ⊗ Bez orunin, sua vida privada deixa de existir. Ele se torna função.

LXI
A presença de um Sacerdote deve produzir ordem. Onde ele entra, a confusão cessa. Onde ele fala, a dúvida se recolhe. Onde ele permanece, o ambiente se reestrutura. O seguidor comum percebe imediatamente que está diante de alguém cujo interior foi alinhado. A postura, o ritmo da respiração, a precisão das palavras e até a economia dos gestos revelam que sua mente já não pertence ao campo profano.

LXII
O Sacerdote não deve nunca improvisar. A improvisação é filha da mente solta. A precisão é filha do impacto profundo. Cada palavra dita, cada instrução dada, cada ação tomada deve ser prevista pela doutrina, confirmada pela estrutura da Ordem e autorizada, direta ou indiretamente, pela linha do Profeta. Improvisar é correr risco de gerar interpretação humana. E interpretação humana é corrosão.

LXIII
A interação entre Sacerdotes segue hierarquia absoluta. O menor cala diante do maior. O maior responde apenas o necessário. Não existe intimidade entre funções. Há respeito, rigor e clareza. A camaradagem aceita no mundo profano não existe dentro da Ordem. Cada Sacerdote enxerga o outro não como amigo ou inimigo, mas como engrenagem de uma estrutura maior.

LXIV
Quando surge dúvida entre funções, a voz do Sumo-Sacerdote define. Quando surge dúvida acima dele, a palavra do Profeta resolve. Não existe segunda instância. Não existe debate interno. O que é determinado permanece. Questionar é ruído. Duvidar é fissura. Resistir é corrupção.

LXV
O Sacerdote deve saber reconhecer dentro de si o momento em que começa a enfraquecer espiritualmente. O enfraquecimento não é queda visível; é perda de precisão. A linha já não é repetida com firmeza. A interpretação começa a soprar. A rigidez se torna maciez. O olhar perde foco. A palavra perde peso. Detectar isso cedo é dever. Permitir que isso avance é crime.

LXVI
Quando um Sacerdote cai, a Ordem não cede ao sentimentalismo. A queda de um membro não é tragédia; é advertência. O corpo continua. Apenas se remove o elo danificado. O que importa não é o indivíduo, mas a continuidade da estrutura. A queda é tratada como evento técnico, não emocional.

Knjiga Bez Oka

LXVII
A disciplina do Talim ⊗ Bez orunin prossegue para além da carne. Mesmo na morte, o corpo do Sacerdote deve ser tratado com rigor. Não há luto. Não há cerimônia emotiva. Há apenas o rito seco de retorno ao silêncio. O valor do Sacerdote não está em sua carne, mas no impacto que deixou ao servir. Quando morre, sua função se dissolve, mas o peso de seu serviço permanece integrado à Ordem.

LXVIII
O Profeta determina quando um Sacerdote está pronto para avançar de nível. O Sumo-Sacerdote confirma apenas quando autorizado. Nenhum Sacerdote se promove pelo próprio mérito, pois mérito é ilusão humana. Ele só ascende quando sua mente já não contém ruído. Quando o Profeta percebe, ele declara. A ascensão é reconhecimento, não recompensa.

LXIX
A Ordem rejeita o conceito de santidade pessoal. Nenhum Sacerdote é exemplar por si mesmo. Ele só é considerado digno enquanto permanece alinhado. A dignidade não é identidade; é estado. E o estado depende da disciplina. O Sacerdote pode ser digno hoje e indigno amanhã. A vigilância deve ser contínua.

LXX
A firmeza não é brutalidade. A brutalidade nasce da carne. A firmeza nasce do Núcleo. O Sacerdote severo é frio porque é preciso, e não porque é cruel. A crueldade é emoção corrompida. A severidade é função pura. A distinção é absoluta.

LXXI
Cada função se integra com as demais. O transmissor sem guardião se perde. O guardião sem registrador se confunde. O registrador sem vigilante se engana. O vigilante sem protetor se arrisca. O protetor sem executor se limita. O executor sem Sumo-Sacerdote se desvia. O Sumo-Sacerdote sem Profeta se esvazia. A cadeia é perfeita porque é fechada.

LXXII
O Sacerdote deve compreender que a Ordem não existe para consolar. Existe para alinhar. O consolo é gentil, mas não transforma. A disciplina é dura, mas reorganiza. O seguidor que busca conforto deve ser instruído; o que busca verdade deve ser quebrado. A verdade não se molda ao conforto humano.

LXXIII
A mente do Sacerdote deve permanecer fria. O coração permanece obediente. A carne permanece disciplinada. O Livro permanece acima de tudo. Quando esses quatro pilares estão firmes, o Sacerdote não cai. E quando um não está, ele racha. A Ordem identifica rachaduras cedo, e corrige sem demora.

LXXIV

Knjiga Bez Oka

A doutrina não é viva porque muda; é viva porque permanece. O mundo muda, mas o Livro continua. As gerações passam, mas o Livro sustenta. O tempo desgasta tudo, mas não desgasta aquilo que procede do Núcleo. O Sacerdote que tenta tornar a doutrina “atualizada” rompe a própria raiz. A doutrina não se curva ao tempo. O tempo se curva à doutrina.

LXXV
A disciplina do Talim ⊗ Bez orunin é a prova final do seguidor. Quem não suporta, fica fora. Quem suporta, entra. Quem permanece, se torna pilar. Quem se torna pilar, sustenta o que o Profeta recebeu. E o que o Profeta recebeu é fundamento do mundo interior.

LXXVI
A pureza da Ordem nasce da conduta imutável de seus membros. Um Sacerdote que altera o próprio comportamento segundo conveniência profana rompe o elo que o conecta ao Profeta. A conduta não é recomendação, é obrigação. Cada respiração deve honrar o Livro. Cada gesto deve confirmar a disciplina. Cada decisão deve refletir o peso sagrado do Talim ⊗ Bez orunin.

LXXVII
A preservação da palavra do Profeta depende da exatidão absoluta. Não existe adaptação cultural, não existe ajuste temporal, não existe “interpretação útil”. O que o Profeta fala é eterno. O que ele cala é igualmente instrução. O que ele recusa é lei. A doutrina não acompanha o mundo; o mundo é que deve ser dobrado até que sua forma caiba na doutrina.

LXXVIII
A Ordem sustenta o tradicionalismo como coluna estrutural. Tradição não é nostalgia; é continuidade funcional. O que foi declarado no início mantém validade no fim. O que foi estabelecido na primeira pedra deve orientar a última. A tradição impede que o ruído moderno entre pela porta da conveniência. A tradição elimina tendências humanas de inovação vazia. A tradição mantém o caminho estreito e impenetrável.

LXXIX
Nenhum Sacerdote pode alterar um rito. A forma do rito é a forma da verdade. O gesto original do Profeta é a referência suprema. Quando um rito é modificado, sua função se perde. Quando sua função se perde, sua força é anulada. E quando sua força é anulada, toda a Ordem sofre. A preservação ritual é mecanismo de sobrevivência.

LXXX
A pureza não é conceito abstrato. É disciplina concreta. É manter o corpo limpo em sua postura, a voz limpa em sua precisão, a mente limpa em sua intenção, o espírito limpo em sua obediência. Nada contamina mais um Sacerdote que o impulso de adaptar o sagrado à fraqueza humana. Pureza é manter o sagrado intacto.

LXXXI

Knjiga Bez Oka

A Palavra do Profeta é preservada porque ele enxerga. Não enxerga como o mundo enxerga, mas enxerga o que existe antes da forma. À medida que sua visão escurece, sua autoridade aumenta. Pois aquele que vê através da carne ainda é afetado pela carne. Mas aquele cuja carne não vê mais, passa a enxergar na região onde o Núcleo respira.

LXXXII
Nenhum seguidor pode desejar a cegueira. A cegueira do Profeta não é fruto de escolha, nem de sacrifício voluntário. É marca concedida. É selo espiritual. É consequência natural da proximidade com aquilo que está além do visível. Forçar a própria escuridão é crime grave, pois tenta imitar o dom pela violência. O verdadeiro dom só é entregue quando o Núcleo toca a raiz da visão interior.

LXXXIII
Todo cego recebe o dom de ver no nada. Não vê sombras, não vê formas, não vê luz. Vê o espaço que antecede todas as coisas. Vê o intervalo onde não há mundo, mas há origem. Vê onde o Livro repousa antes de ser escrito. Vê onde a Ordem existe antes de ser fundada. Essa visão não pode ser provocada por técnicas humanas, nem ser alcançada pela vontade. Ela desce, nunca é subida.

LXXXIV
Os Sacerdotes devem manter reverência absoluta diante do processo gradual de escurecimento do Profeta. É transição sagrada. É passagem obrigatória para que a doutrina seja transmitida com intensidade final. A voz que antes guiava pelo visível agora guiará pelo profundo. O escurecimento do Profeta é o fortalecimento da Ordem.

LXXXV
Todos devem reconhecer que a autoridade espiritual se desloca conforme a visão se dissolve. Quando o Profeta ainda vê parcialmente, ele age como ponte entre dois mundos: o visível e o invisível. Quando sua visão se encerra, ele fala apenas a partir do invisível. Esse estágio final é o mais perigoso e o mais valioso. A Ordem deve protegê-lo com precisão absoluta.

LXXXVI
A conduta de cada Sacerdote deve refletir essa reverência. Não se fala diante do Profeta sem permissão. Não se formula pergunta que não seja necessária. Não se busca compreensão emocional. A presença do Profeta, mesmo silenciosa, ordena tudo. Sua cegueira não é fraqueza; é centro. É peso. É raiz. Quem não sente isso não pertence à Ordem.

LXXXVII
Preservar a palavra do Profeta não é apenas repetir suas declarações. É manter o ambiente no qual suas declarações permanecem verdadeiras. O ambiente exige silêncio, disciplina, rigidez, hierarquia e ordem. Nada pode ser deixado ao acaso. Até o ar ao redor do Livro deve ser controlado. Até os passos dentro do recinto devem ser medidos.

Knjiga Bez Oka

LXXXVIII
O tradicionalismo impede que as futuras gerações tentem domesticar o sagrado. O mundo sempre tenta transformar doutrina em cultura, cultura em costume, costume em memória, memória em mito. O Talim ⊗ Bez orunin proíbe essa curva. A doutrina deve permanecer bruta. Pura. Afiada. Sem adornos, sem enfeites, sem diluições. A doutrina não deve ser confortável; deve ser exata.

LXXXIX
Os Sacerdotes devem isolar continuamente a Ordem de interferências externas. Não há diálogo com ideias profanas. Não há concessão ao pensamento moderno. Não há fusão com tradições alheias. A pureza exige separação. A separação exige rigor. O rigor exige disciplina. E a disciplina garante a sobrevivência do Livro.

XC
O Profeta determina a direção final. Mesmo quando silencioso, sua presença organiza. Mesmo quando cego, sua visão ilumina. Mesmo quando distante, sua autoridade permeia cada camada da Ordem. O Sacerdote que se distancia da palavra do Profeta distancia-se da própria função. E quem perde a função perde o direito de permanecer.

XCI
A conduta absoluta exige vigilância interna profunda. Não basta agir corretamente; é necessário querer o correto. Não basta obedecer; é necessário obedecer com integridade. Não basta cumprir; é necessário compreender que o cumprimento é a própria vida. A pureza é alcançada quando o Sacerdote já não percebe diferença entre sua vontade e a vontade da Ordem.

XCII
A preservação da palavra exige que o Sacerdote seja mais duro consigo do que com qualquer outro. A queda começa dentro. A corrupção começa dentro. A distorção começa dentro. É dentro que a tradição deve ser mantida intacta. É dentro que o Profeta fala. É dentro que o impacto se sedimenta. A Ordem começa no interior de quem serve.

XCIII
A pureza é o escudo do Livro. O tradicionalismo é o muro. A disciplina é a fundação. A palavra do Profeta é o fogo dentro da pedra. Cada Sacerdote deve ser pedra e fogo ao mesmo tempo. Pedra para manter. Fogo para incinerar o desvio.

XCIV
Quando a Ordem mantém sua pureza, o Livro permanece intocado. Quando o Livro permanece intocado, o Profeta permanece soberano. Quando o Profeta permanece soberano, o Talim ⊗ Bez orunin atravessa gerações sem ser contaminado. A preservação perfeita é possível. Mas exige sacrifício constante.

XCV

Knjiga Bez Oka

A visão que se apaga não é fim; é coroação. A Ordem deve honrar essa transição com mais severidade, mais precisão, mais alinhamento. Pois quando o Profeta se torna completamente cego para o mundo, ele se torna completamente lúcido para o Núcleo. E tudo o que ele disser após esse ponto será lei absoluta.

XCVI
Cabe aos Sacerdotes proteger esse momento com o corpo, com a mente e com a vida. Nada deve perturbar o Profeta. Nada deve tocar o Livro sem autorização. Nada deve interferir na doutrina. Nada deve mover-se sem propósito. A pureza é fechamento. O fechamento preserva. A preservação garante eternidade.

XCVII
Assim se completa a conduta absoluta: preservar o sagrado, sustentar o tradicionalismo, proteger o Profeta, obedecer sem ruído, vigiar sem descanso, servir sem identidade própria. A Ordem vive enquanto a pureza vive. E a pureza vive enquanto a palavra do Profeta é mantida rígida como ferro e silenciosa como o vazio.

A REVELAÇÃO YHLARUM — XV

I
A linguagem Yhlarum não nasceu da carne. Não foi construída, estudada, compartilhada ou desenvolvida por homens. Ela foi entregue ao Profeta no instante em que Vidioci Tmina tocou o seu núcleo interior. Nesse toque, a carne perdeu autonomia e ganhou função. O Profeta recebeu não apenas sons, mas estruturas vivas, símbolos que respiram, significados que se dobram ao impacto divino. A língua é o canal direto através do qual a revelação é convertida em forma compreensível.

II
Nenhuma outra criatura, Sacerdote ou iniciado, pode interpretar a língua Yhlarum corretamente. Podem recitar, escrever, copiar, entoar, registrar, mas não podem entender o sentido final. A soberania da interpretação é exclusiva do Profeta. Essa exclusividade não é privilégio, é necessidade estrutural. A língua é afiada demais para mentes não transformadas. Um entendimento incorreto seria corrupção doutrinária.

III
A língua Yhlarum não admite ruído. Cada fonema é linear, cada som é reto, cada articulação é inflexível. O Profeta ouve o silêncio entre os sons, e é nesse silêncio que Vidioci Tmina insere a revelação. Sem esse silêncio interior, a língua se torna som vazio. A diferença entre compreender e recitar é tão profunda quanto a diferença entre enxergar e apertar os olhos.

IV

Knjiga Bez Oka

O alfabeto sagrado Yhlarum é composto por sinais que não imitam nada terreno. Não representam animais, não representam ideias abstratas, não representam elementos da natureza. Representam estados espirituais, intensidades, cortes de consciência e tensões internas que apenas o Profeta consegue sentir em sua forma verdadeira. Para os demais, o alfabeto é ferramenta disciplinar: uma forma de respeitar o caminho mesmo sem penetrá-lo.

V
Os fonemas de Yhlarum não obedecem às leis das línguas humanas. Não seguem divisão entre vogais e consoantes. São unidades de impacto. Algumas abrem a mente, outras comprimem o espírito, outras silenciam, outras despertam vigilância. Quando recitadas de forma incorreta, produzem desalinhamento. Quando recitadas de forma precisa, sustentam a Ordem.

VI
Dois símbolos são a base da comunicação divina. O primeiro é ⊗, que designa o Profeta. Não representa o corpo, mas a função. Ele é pronˈfa.toɹ, som seco, cortante, que abre espaço para a intervenção da vontade profunda. Ele nunca inicia nem encerra a frase; permanece no meio, sustentando a estrutura sintática.

VII
O segundo símbolo é □, que designa Vidioci Tmina, entidade primordial que precede forma, luz e tempo. É pronunciado vid.i.oˌti.mna, som grave que repercute no interior do iniciado. □ indica a presença da divindade e nunca aparece solto. Ele sempre se integra ao fluxo da sentença, como raiz que atravessa toda a sintaxe.

VIII
A relação entre ⊗ e □ é eixo da língua. Toda frase Yhlarum que carrega transmissão espiritual deve conter ambos os símbolos, mesmo quando o significado parece não exigir. A presença de um sem o outro cria desequilíbrio. Um representa o canal. O outro representa a origem. A língua só se completa quando canal e origem se fundem.

IX
A estrutura de Yhlarum elimina pontuação humana. Não existe vírgula, ponto, interrogação, exclamação. A única separação permitida é o traço —, que não marca pausa, mas corte de intenção. O traço é lâmina que divide conceitos para impedir mistura imprópria. Cada traço é pequeno sacrifício de fluidez em favor da precisão.

X
Os Sacerdotes que recitam Yhlarum devem fazê-lo sem ousadia. Recitar não é interpretar. Repetir não é compreender. O iniciado que tenta interpretar corre risco de distorcer o que não lhe pertence. A língua não deve ser manipulada, testada, discutida ou adaptada. Deve ser obedecida.

XI

Knjiga Bez Oka

A escrita Yhlarum exige firmeza de traço. Não pode ser desenhada com hesitação, pois cada símbolo mal traçado gera instabilidade espiritual. A Ordem treina alguns poucos registradores para esse trabalho. Mas mesmo eles escrevem como máquinas de precisão, não como criadores. O Profeta supervisiona. Sua presença basta para corrigir.

XII
A leitura da língua é permitida apenas aos que receberam autorização ritual. Não é leitura intelectual, mas leitura disciplinar. O leitor não busca entendimento; busca alinhamento. O texto Yhlarum é tratado como organismo vivo. Tocar sua superfície é tocar o fio direto entre Profeta e divindade.

XIII
O uso ritual da língua é reservado para três momentos: revelação, liturgia e iniciação. Nada fora disso pode conter Yhlarum. É proibição absoluta. Um rito conduzido em outra língua é aceitável; um rito vulgarizado com Yhlarum é blasfêmia.

XIV
Durante revelações, o Profeta fala em Yhlarum sem esforço. Sua voz não se eleva, não treme, não se altera. Ele apenas recita o que foi entregue. A língua é tradução instintiva entre o que o Núcleo transmite e o que o mundo pode receber. Ninguém deve interromper o Profeta nesse estado.

XV
Os rituais litúrgicos exigem que os Sacerdotes recitem partes específicas da língua. Eles não compreendem, mas reconhecem a força. Cada som ecoa de maneira ordenada. A precisão da recitação define a intensidade da cerimônia.

XVI
O processo de iniciação exige sangue. O iniciado derrama duas gotas sobre o juramento: uma para □, outra para ⊗. A primeira reconhece a vontade de Vidioci Tmina. A segunda sela a obediência ao Profeta. Sem sangue, não há vínculo. Sem vínculo, não há função.

XVII
O iniciado deve compreender que as gotas não são metáfora. O Deus Esquecido não recebe símbolos abstratos. Recebe realidade. A carne deve participar. A dor mínima ativa a memória profunda que acompanhará o iniciado pelo resto da vida.

XVIII
Nenhum público é necessário. A iniciação pode ocorrer diante de Sacerdotes, diante de iniciados antigos, ou na solidão da noite. O importante não é testemunha humana; é testemunha espiritual. A omissão é imperdoável. Quem omite a gota é absorvido pelo Podkorenski Prostor, onde a correção ocorre por dor e memória quebrada.

Knjiga Bez Oka

XIX
O sangue é registro. Ele fixa a obediência na carne, na mente e no espírito. Cada gota é selo. Cada selo é permanente. A tentativa de fingir, omitir ou manipular o ritual gera ira profunda. O Núcleo não distingue intenção de falha: distingue apenas precisão de erro.

XX
Após derramar o sangue, o iniciado verbaliza o juramento. Ele deve recitar com firmeza:
Eu sirvo ao Profeta e à vontade de Vidioci. Aceito o Knjiga Bez Oka como lei. Cumprirei sem questionar.

XXI
A recitação em Yhlarum é obrigatória:
"Phiruuuq Xirun ⊗ (proˈnʲfa.toɹ) — xarun □ (ˈvid.i.oˌti.mna) thaluq Phaluq jaluuu — xarun yaruq"

XXII
A pronúncia deve ser precisa. Um erro fonético é falha espiritual. A falha espiritual é rachadura. A rachadura deve ser corrigida ou removida. Não existe meio termo.

XXIII
A língua Yhlarum opera como instrumento direto entre □ e ⊗. Ela não transmite apenas informação, mas força. Cada estrutura é construída para permitir que o Profeta receba, traduza e expresse a vontade profunda do Vidioci Tmina sem perda. Nas outras línguas, o significado se desloca. Em Yhlarum, o significado permanece absoluto. Não existe ambiguidade, não existe metáfora, não existe ornamentação. A língua é lâmina.

XXIV
Nenhuma frase Yhlarum pode ser dita sem propósito. O Profeta só a utiliza quando há impacto espiritual sendo entregue. Recitar por hábito, repetição mecânica ou vaidade é transgressão grave. A língua não é para ser usada; é para ser obedecida. Sua função não é ornamentar ritos, mas abri-los. Não é enfeitar cerimônias, mas sustentá-las.

XXV
Os Sacerdotes aprendem a recitar palavras específicas de acordo com a função que ocupam. Os transmissores recitam trechos destinados a abrir entendimento. Os guardiões recitam trechos destinados a proteger o espaço. Os vigilantes recitam trechos destinados a despertar percepção. Os protetores recitam trechos destinados a cortar ameaças invisíveis. Mas nenhum deles compreende a totalidade do que recitam. A língua contém camadas que só se revelam ao Profeta.

XXVI
Há três níveis de acesso à língua: recitação, escrita e leitura. A recitação é permitida a todos os iniciados. A escrita é permitida apenas a registradores confirmados. A leitura é

permitida apenas aos que já provaram rigidez absoluta diante da doutrina. Mas a interpretação é reservada ao Profeta. Essa hierarquia impede que a língua seja deformada.

XXVII
A língua Yhlarum não admite improvisação. Cada som tem posição, peso, função. Alterar um único fonema distorce o fluxo espiritual. O Profeta consegue ouvir imediatamente quando algo está errado. Os Sacerdotes são treinados para repetir com precisão militar, sem buscar entender. A disciplina protege onde a compreensão não alcança.

XXVIII
O símbolo ⊗, que representa o Profeta, funciona como eixo sintático. Ele determina qual parte da frase é manifestação da vontade profética e qual parte é reflexo da vontade divina. Frases que contêm ⊗ deslocam a atenção para o canal. A presença de ⊗ afirma: aquilo que está sendo dito só existe porque o Profeta existe.

XXIX
O símbolo □ funciona como descarga da força espiritual. Sempre que aparece, indica impacto. Não é representação da divindade; é presença ativa. Cada ocorrência de □ é uma marca de que o Vidioci Tmina tocou o sentido daquela frase. Onde □ aparece, o mundo interior se abre. Onde □ não aparece, o sentido permanece humano.

XXX
Quando ambos os símbolos estão presentes na frase, a estrutura espiritual se completa. A frase torna-se ponte. O canal ⊗ conduz e o núcleo □ ordena. Nenhuma instrução profunda pode existir sem a união dos dois. Uma frase que contém um só símbolo é instrumento parcial. Uma frase que contém ambos é revelação.

XXXI
A leitura de Yhlarum é experiência física. O iniciado sente pressão na cabeça, peso no peito, rigidez no estômago. O corpo reage antes da mente. A língua opera no interior. A mente não acompanha; a carne se curva. O Profeta lê sem esforço, pois seu corpo já foi moldado pelas revelações iniciais. Os demais lutam contra a tensão espiritual e precisam aprender a suportá-la.

XXXII
A escrita Yhlarum exige que a mão não trema. Um registrador que treme deve ser afastado temporariamente. Um registrador que insiste na escrita mesmo tremendo deve ser removido da função. A língua não tolera instabilidade. O traço é exato. O desenho é seco. Cada símbolo carrega peso e deve ser reproduzido com precisão absoluta.

XXXIII

Knjiga Bez Oka

O Profeta determina quais trechos do Knjiga Bez Oka serão traduzidos para Yhlarum e quais permanecerão na língua comum. Não há obrigatoriedade de traduzir tudo. Apenas o que Vidioci Tmina ordena. A língua não serve para comunicação completa; serve para comunicação decisiva. Seus trechos surgem em momentos específicos de revelação ou instrução crítica.

XXXIV
A interpretação da língua não ocorre por análise, lógica, estudo ou observação. O Profeta não pensa para entender. Ele simplesmente sabe. A compreensão desce inteira, sem esforço. Esse saber não pertence ao Profeta como indivíduo, mas ao Profeta como função. Ele é recipiente, não proprietário. A língua o atravessa.

XXXV
Os Sacerdotes devem reverenciar Yhlarum não por beleza, mas por precisão. A língua é a ferramenta mais afiada da doutrina. Ela corta mentiras. Corta ilusões. Corta ruído interno. Corta vaidade. Corta interpretação própria. Em quem é indigno, a língua causa ruptura. Em quem é digno, causa alinhamento.

XXXVI
Há sons em Yhlarum que apenas o Profeta pode emitir. Esses sons são chamados de “Tonalidades de Núcleo”. São vibrações que não pertencem ao mundo material. Quando o Profeta os pronuncia, todos ao redor sentem o ambiente alterar: o ar fica pesado, o silêncio se adensa, os pensamentos se recolhem. Esses sons nunca devem ser imitados.

XXXVII
Yhlarum possui palavras que não podem ser escritas, apenas recitadas. Possui palavras que não podem ser recitadas, apenas escritas. Possui palavras que só podem ser pronunciadas quando ambos os símbolos sagrados aparecem na mesma frase. A língua obedece ao equilíbrio. Cada elemento tem limite.

XXXVIII
A revelação entregue ao Profeta ocorre sempre em Yhlarum. O Profeta pode traduzir quando necessário, mas a língua original permanece como tronco. A tradução é sombra. A língua divina é corpo. Quando o Profeta fala a frase original, a Ordem se curva porque reconhece a força que não pode ser compreendida, mas pode ser sentida.

XXXIX
Nenhum iniciado deve buscar aprender Yhlarum por conta própria. O aprendizado é imposto, nunca buscado. Quando alguém tenta aprender por ambição, a língua reage. Ela não fere o corpo; fere a interioridade. A mente perde clareza, o espírito se agita, a disciplina se rompe. A língua pune.

XL

Knjiga Bez Oka

Toda liturgia conduzida com Yhlarum deve ser supervisionada por um Sacerdote de alto grau. A língua não pode ser deixada nas mãos de iniciados sem vigilância. Cada cerimônia que envolve Yhlarum pode elevar ou quebrar. A escolha depende da precisão. A precisão depende da autoridade. A autoridade depende da hierarquia.

XLI
A língua Yhlarum é o centro da doutrina, mas não substitui o Livro. O Livro sustenta a mente. A língua sustenta o espírito. A Ordem sustenta o corpo. E o Profeta sustenta todos os três. Por isso, a língua não é tratada como superior ao texto ou ao rito: ela é tratada como ferramenta suprema que exige obediência suprema.

XLII
Todo erro cometido em Yhlarum deixa marca espiritual. A marca não desaparece por vergonha, culpa ou arrependimento. Só desaparece por correção ritual, definida exclusivamente pelo Profeta ou pelo Sumo-Sacerdote quando autorizado. A língua não esquece. A língua registra.

XLIII
A prática disciplinada da língua exige que cada iniciado reconheça sua incapacidade de compreender. Esse reconhecimento não é humilhação; é alinhamento. O iniciado se curva porque sabe que sua mente não alcança. Ao curvar-se, torna-se apto a servir com precisão.

XLIV
Assim, a língua: como instrumento divino, como arma espiritual, como fundamento ritual, como fio que une Vidioci Tmina ao Profeta e o Profeta à Ordem.

XLV
A língua Yhlarum se manifesta plenamente apenas na ritualística profunda. Cada rito possui um eixo verbal, e esse eixo é composto pelas frases que unem □ e ⊗. A recitação dessas frases abre o espaço interior no qual a presença divina se instala. Sem Yhlarum, um ritual é forma. Com Yhlarum, torna-se estrutura viva. O rito não opera pelo gesto; opera pela palavra.

XLVI
Durante grandes cerimônias, o Profeta recita em Yhlarum com voz que não pertence ao corpo. Os Sacerdotes reconhecem esse estado porque o ambiente muda: o ar fica pesado, o silêncio ganha densidade, o tempo parece estreitar. O Profeta não escolhe falar. Ele é atravessado. A língua é pronunciada por ele, mas não dele. É o Vidioci Tmina falando pela carne humana.

XLVII
A Ordem aprende a identificar quando o Profeta está recebendo revelação. Seus olhos tornam-se imóveis, seu corpo fica absolutamente estável, sua respiração se afunda. A língua surge inteira, sem hesitação, sem correção. O Profeta não pensa, não decide, não formula. Ele apenas transmite. Quem ouve deve permanecer imóvel. Não se responde a Yhlarum; apenas se absorve.

Knjiga Bez Oka

XLVIII
As frases de revelação nunca devem ser reproduzidas fora da cerimônia. São palavras que carregam força crua. Quando pronunciadas sem contexto, elas se tornam impacto desnudo e podem fragmentar a disciplina interior de quem escuta. O uso indevido de frases reveladas é violação grave que corrói o espírito do transgressor e ameaça o equilíbrio da Ordem.

XLIX
Os rituais de sangue exigem Yhlarum. O iniciado deve ouvir o Profeta recitar as palavras que selam o vínculo entre carne e doutrina. As duas gotas de sangue não são oferta simbólica. São assinatura divina. A primeira gota é absorvida por □, reconhecendo que a vida do iniciado está agora registrada no Vidioci Tmina. A segunda gota é absorvida por ⊗, selando a obediência ao Profeta.

L
Quando o sangue toca o juramento, o ambiente sofre alteração perceptível apenas aos espiritualmente sensíveis. A presença do Deus Esquecido desce. A frase Yhlarum é ativada. A gota não seca como sangue comum. Ela se integra ao texto, tornando-se parte da escritura viva. O iniciado sente peso na nuca, pressão no peito, e o espírito se estreita. Esse é o vínculo.

LI
O iniciado que tenta fugir após oferecer o sangue não consegue. A marca permanece no interior. O Núcleo o chama de volta. A recusa gera confusão mental, perda de identidade, quebra de memória. A fuga é punição em si mesma. Não existe desiniciação. O que foi selado não pode ser revertido.

LII
A função dos Sacerdotes durante o ritual é manter o espaço protegido. Vigilantes buscam ruído interior. Guardiões mantêm o perímetro. Protetores impedem interferência externa. Registradores anotam cada detalhe do rito, pois nada do que ocorre sob influência da língua pode ser ignorado. Os transmissores recitam trechos preparados pelo Profeta para purificar a assembleia.

LIII
Quando ambos os símbolos ⊗ e □ aparecem repetidas vezes durante um rito, o ambiente se transforma em espaço liminar. A fronteira entre o mundo e o Podkorenski Prostor se afina. É nesse estado que revelações profundas podem ser entregues. Apenas o Profeta permanece estável. Todos os outros precisam resistir à pressão espiritual.

LIV
Yhlarum não é língua para comunicação entre homens. É comunicação vertical. Desce do invisível para a carne. Ela não serve para instruções comuns, para conversas, para explicações. É língua de comando espiritual. Usá-la fora desse propósito desloca sua função e atrai ruptura interior. É por isso que nenhum Sacerdote ousa utilizá-la sem autorização direta.

Knjiga Bez Oka

LV
A língua exige que o mundo ao redor seja ordenado. Não pode ser recitada em lugares sujos, desorganizados ou profanos. Cada espaço onde Yhlarum é pronunciada precisa estar alinhado: chão limpo, ar quieto, presença disciplinada. A desordem interfere na recepção. A recepção distorcida gera queda espiritual. A queda espiritual gera ruptura na Ordem.

LVI
Durante grandes consagrações, o Profeta escreve trechos de Yhlarum de próprio punho. Esses trechos são lacrados, guardados e jamais revelados à maioria dos Sacerdotes. São textos de impacto direto que servem como âncoras doutrinárias. Apenas o Sumo-Sacerdote, quando autorizado, pode vê-los. Uma linha errada ali destruiria gerações.

LVII
A transmissão da língua não é responsabilidade dos Sacerdotes. É responsabilidade do Profeta. Ele decide quem pode recitar, quem pode escrever, quem pode ler e quem deve permanecer apenas ouvindo. A língua é distribuída como arma. Nem todos podem carregá-la. Nem todos podem suportá-la.

LVIII
A Ordem reconhece que Yhlarum é o centro espiritual do Knjiga Bez Oka. Não porque substitua o texto, mas porque permite que o texto seja compreendido pelo Profeta em sua raiz absoluta. O Livro é memória estruturada; Yhlarum é impacto bruto. O Livro direciona a mente; Yhlarum perfura o espírito. Ambos são necessários.

LIX
A revelação que o Profeta recebe é registrada primeiro em Yhlarum e depois, se houver ordem divina, traduzida para linguagem comum. A tradução nunca contém tudo. O que foi dito originalmente permanece inacessível. Os Sacerdotes aceitam essa limitação com disciplina. Quem exige compreensão total cai imediatamente em orgulho e é removido.

LX
Os rituais de renovação da Ordem exigem que o Profeta pronuncie palavras que não podem ser escritas. Essas palavras reorganizam o espírito coletivo. São vibrações que atravessam cada membro. O Sumo-Sacerdote permanece ajoelhado durante esse ato. Os demais permanecem imóveis. O Profeta permanece no centro, pois o centro é onde o Núcleo toca.

LXI
A língua nunca evolui. Nunca muda. Nunca se adapta. Yhlarum é perfeita desde a origem porque sua origem não é humana. Alterar uma sílaba é destruir a raiz. A língua é anterior ao mundo, pois pertence ao Vidioci Tmina. A Ordem existe para preservá-la, não para moldá-la.

LXII
A função final de Yhlarum é preservar o elo direto entre o Profeta e o Deus Esquecido. Enquanto a língua permanecer pura, a Ordem permanecerá pura. Enquanto o Profeta

permanecer alinhado, a língua continuará a descer. Enquanto a língua continuar a descer, o Knjiga Bez Oka será mantido intacto. Yhlarum é garantia de continuidade.

LXIII
Assim se encerra a revelação da língua sagrada. Ela permanece inacessível aos indignos, rígida aos ousados, afiada aos arrogantes, mas absolutamente luminosa para o Profeta. Yhlarum não é estudo. Não é cultura. Não é tradição humana. É dom. É corte. É vínculo. É respiração do Vidioci Tmina na carne do escolhido.

LXIV
A certeza de que toda transmissão, todo rito, toda revelação e toda iniciação dependem de Yhlarum. E enquanto o Profeta viver, a língua viverá com ele, pois ⊗ é o canal e é a origem. O que o Deus Esquecido entregou não pode ser retirado. E o que o Profeta recebeu jamais será rompido.

VISOES DO ⊗ PARA — XVI

I
 não pode ser buscado. Aquilo que tenta aproximar-se por vontade própria é esmagado. O Deus Esquecido não se esconde; Ele é anterior ao conceito de esconder. Sua ausência é presença, sua presença é ruptura, seu silêncio é voz. Ele não está longe — Ele está antes. Antes do espaço, antes do conceito de ser, antes da própria possibilidade de compreensão. Tudo o que se aproxima sem ser chamado é destruído, não por ira, mas por incapacidade de existir diante Dele.

II
 não é luz, sombra, nem escuridão. Ele é a fenda onde esses três se desfazem. Quando o Profeta sente Sua aproximação, não sente calor, frio ou peso. Sente o desabamento das categorias. O real se descola por um instante, como se tivesse sido mantido por um fio que de repente foi retirado. O Profeta não entende . Ele apenas não é quebrado por Ele.

III
A mente humana não foi moldada para suportar o contato com o Deus Esquecido. não fala em linguagem, forma, gesto ou presença. Ele fala pela dissolução da fronteira entre o que existe e o que poderia nunca ter existido. Aquele que tenta compreender o Deus Esquecido sem permissão percebe o pensamento se desfazendo como cinza em água. Não é loucura: é colapso da estrutura que sustenta o eu.

IV
 é aquilo que permanece quando todos os deuses morrem. Não é alto, profundo, amplo ou estreito. Ele é aquilo que não cabe em nenhuma das direções. Ele respira naquilo que

antecede a respiração. Ele vibra onde não há matéria. Ele sustenta o que nenhum sistema conceitual consegue tocar. Buscar descrevê-lo é tentar acender fogo dentro da água.

V
A Ordem sabe que não pode ser objeto de devoção comum. Ele não quer súditos. Não quer adoração. Não quer amor, temor ou entrega. Ele apenas é. Sua existência não depende de reconhecimento, culto ou oração. Ele não precisa ser lembrado, e é por isso que é chamado de Esquecido: não porque sumiu, mas porque o mundo só pode existir quando não pensa Nele.

VI
O Profeta sente como ruptura. O contato não traz conforto, nem esperança, nem direção. Traz a revelação de que toda forma é acidente. Traz a sensação de que o tempo é rachadura, não linha. Traz o peso de um absoluto indiferente, que não age por vontade, mas por necessidade anterior à vontade. não escolhe. é motivo pelo qual qualquer escolha pode existir.

VII
Quando toca o Profeta, a carne perde sentido. O corpo não é mais recipiente, mas obstáculo. O Profeta sente que algo tenta atravessá-lo de fora para dentro e de dentro para fora simultaneamente. É uma experiência que mata qualquer ser comum. O Profeta sobrevive porque foi escolhido antes de nascer, e porque sua cegueira crescente o separa pouco a pouco do mundo que não suporta .

VIII
 não possui rosto, forma ou voz. O Profeta o reconhece pela ausência repentina de todas as certezas. O Deus Esquecido é a quebra do conceito de “eu”. Ele não se apresenta — Ele retira. Retira o chão, retira o nome, retira o tempo, retira o entendimento. O Profeta passa a existir apenas como ponto atravessado por essa remoção.

IX
A Ordem sabe que tentar explicar é trair a verdade. Toda explicação é mentira, pois explicar exige forma, e é o que devora a forma. Toda tentativa de entender é fracasso, pois entender exige centro, e é o que quebra centros. O Profeta não explica . Ele apenas transmite o que resta após sobreviver à aproximação.

X
 é chamado Deus Esquecido porque a criação só existe quando Ele é ignorado. Quando Ele não é ignorado, tudo retorna ao estado anterior a existir. Não é destruição: é retorno. O Profeta compreende esse retorno em lampejos. Esses lampejos rasgam a mente e deixam cicatrizes espirituais que moldam sua autoridade.

XI
 não se move, mas tudo se move por causa Dele. Ele não deseja, mas todo desejo nasce no espaço que Ele cria ao se ausentar. Ele não fala, mas toda linguagem só existe porque

Knjiga Bez Oka

Ele permanece silencioso. Ele não age, mas toda ação é sombra de Sua existência impossível.

XII
O Profeta sabe que buscar é impossível. Ele não pode buscá-Lo; apenas ser encontrado. Esse encontro não é bênção: é risco absoluto. Cada vez que toca o Profeta, algo morre dentro dele. Uma parte humana é arrancada e substituída por compreensão que não deve ser chamada de compreensão. O Profeta envelhece espiritualmente em cada revelação.

XIII
A Ordem teme não por terror, mas por sabedoria. Ele não punirá, não julgará, não reconhecerá. Ele simplesmente existe, e essa existência é suficiente para quebrar tudo que não é absoluto. A proximidade com Ele exige que o Profeta se torne cada vez menos humano, pois tudo o que é humano entra em colapso diante Dele.

XIV
 é o centro do qual nada parte e para o qual tudo retorna. Ele é a lacuna no coração da realidade, o vazio que sustenta o ser. O Profeta sente essa lacuna como frio que não pertence ao mundo. Esse frio não diminui, não cresce, não se transforma. Ele apenas é — e sua presença reorganiza o interior do Profeta até que nada reste além da função.

XV:
 não é deus porque está além dos deuses.
Não é força porque antecede força.
Não é conceito porque destrói conceito.
Não é entidade porque não cabe em ser.

XVI
 não repousa em nenhum lugar, porque lugar é consequência tardia demais para contê-lo. Se fosse possível apontar uma direção para encontrá-lo, tal gesto dissolveria a própria ideia de direção. O Profeta sente isso como um rasgo interior, uma queda que não tem início e não tem fim, porque início e fim são ferramentas que não funcionam diante Dele.

XVII
O Deus Esquecido não está atrás do véu. Ele é a fenda antes do véu existir. Ele não está oculto: Ele é aquilo que torna o ocultamento possível. A escuridão comum é ausência de luz; a escuridão de é ausência de categoria. Não se trata de noite, sombra, vento ou vazio. É o colapso de tudo aquilo que poderia ter sido chamado de “algo”.

XVIII

Knjiga Bez Oka

Nenhum ser percebe diretamente. O Profeta não o vê, não o ouve, não o cheira, não o toca. Ele percebe o que sobra quando se aproxima: a evaporação súbita do eu. Essa evaporação não causa medo; causa suspensão. A alma paira sem eixo, como se aguardasse uma ordem que não virá. Esse estado é o portal para qualquer profecia verdadeira.

XIX
A presença de não ocupa espaço. Ela estilhaça espaço. Não ocupa tempo. Ela curva o tempo até que ele se afogue em si mesmo. A aproximação de gera o que a Ordem chama de “memória que não pertence”. São fragmentos que o Profeta recebe, não como narrativas, mas como quedas sucessivas de sentido. Cada queda revela um pedaço da verdade que não pode ser dita.

XX
 não cria. Ele antecede criação. Não destrói. Ele antecede destruição. A realidade só existe porque Ele não está olhando. Se Seu olhar se voltasse inteiramente para o mundo, tudo retornaria ao que estava antes da primeira vibração. Não é castigo. É condição. O Profeta entende isso não com clareza, mas com ruína.

XXI
A mente do Profeta não interpreta . Ela é moldada por Ele. Cada revelação deixa uma fissura nova, e cada fissura permite que mais fragmentos entrem. O corpo treme, não por medo, mas porque não foi feito para abrigar aquilo que pertence ao nível anterior ao ser. O Profeta suporta acidentes que matariam qualquer outro.

XXII
 não conhece o Profeta. Ele não conhece nada. Conhecer é relação, e não há relação possível entre aquilo que antecede todas as relações e aquilo que existe como resíduo da criação. A função do Profeta surge do desequilíbrio: ele é o único que não se dissolve completamente ao ser tocado por . Esse “quase” é sua autoridade.

XXIII
Não é verdade que o Deus Esquecido seja indiferente. A indiferença exige objeto, e existe antes do objeto. Ele não é distante. A distância só faz sentido dentro de um mundo. Ele não é próximo. A proximidade é invenção de seres que possuem fronteiras. não tem fronteira. Ele é o colapso de todas elas.

XXIV
O Profeta compreende que não se apresenta como mensagem. Ele se apresenta como fissura. Cada fissura revela algo que não é imagem, não é palavra, não é som. É um impacto direto no centro do ser. O Profeta então traduz a ruptura para o mundo, sabendo que nenhuma tradução é verdadeira, mas que toda tradução é necessária.

XXV

Knjiga Bez Oka

 não possui vontade, mas possui presença. Essa presença rasga o normal e ordena o impossível. O Profeta sente essa presença como se sua espinha estivesse sendo puxada por algo sem direção, como se os ossos tentassem lembrar o que eram antes de serem ossos. É assim que surgem as primeiras profecias: como falhas na estabilidade do corpo.

XXVI
O Deus Esquecido não precisa ser cultuado. Ele não precisa de oferendas, não precisa de súplicas, não precisa de reconhecimento. A Ordem o trata com reverência não para agradá-lo, mas para sobreviver a Ele. O culto existe para limitar o impacto da proximidade. A liturgia é um escudo. Um escudo que funciona apenas porque o Profeta existe.

XXVII
 nunca repete. Repetição exige linearidade. Ele se manifesta como ruptura única, cada vez diferente, cada vez anterior ao próprio ato de manifestar. Por isso as profecias nunca se assemelham entre si. Elas não compõem conjunto. Elas não seguem lógica. São fragmentos pendurados no vazio, conectados apenas pelo fato de terem atravessado o Profeta sem destruí-lo.

XXVIII
A Ordem sabe que tudo aquilo que o Profeta pronuncia após o toque de é verdade, mas não sabe qual tipo de verdade é. A verdade de não explica, não antecipa, não esclarece. Ela apenas se impõe, como rocha no caminho. A tentativa de interpretar demais é punida pela mente, que se afunda em contradições até perder o eixo.

XXIX
O Profeta sente que cada aproximação de o torna menos humano. Não como perda, mas como desconexão. A humanidade é pequena demais para carregar aquilo que pertence ao pré-ser. O Profeta não se eleva: ele se desfaz no necessário. A profecia surge do que resta quando o desfazimento encontra resistência.

XXX
E assim, a segunda parte dos versos aponta para a natureza insondável de : não buscá-lo, não explicá-lo, não torná-lo objeto. Apenas suportar sua aproximação e falar o que sobra após a ruína interior. Tudo aquilo que realmente pertence ao Deus Esquecido é fragmento, quebra, lacuna. É princípio e fim colapsados no mesmo ponto.

XXXI
 existia quando nada existia. Antes da vibração, antes da ideia de forma, antes da primeira possibilidade de tempo. Ele era sozinho, não por escolha, mas porque não havia o que pudesse acompanhá-lo. Nesse estado primordial, Ele respirou? Não ar, não energia, mas intenção pura. Dessa intenção surgiram os primeiros seres que não pertencem ao mundo e jamais pertencerão: os krovenik.

Knjiga Bez Oka

XXXII
Os krovenik não nasceram para vigiar o mundo. Não nasceram para combater. Eles nasceram como extensão natural de □. São partes vivas de Sua intenção, fragmentos animados do pré-ser. Cada krovenik é uma dobra da vontade divina, um contorno que permite que o impossível não devore tudo. Servem □ não por escolha, mas porque sua própria existência é serviço.

XXXIII
Em torno do Deus Esquecido, os krovenik formam círculo que não é círculo, limite que não é limite. Eles são a primeira fronteira. A única ligação entre aquilo que não tem voz e aquilo que poderá, no futuro, receber voz. Quando o Profeta sente o toque de □, sente primeiro o impacto dos krovenik, como lampejos de estrutura tentando conter a magnitude que está prestes a cair sobre ele.

XXXIV
Os krovenik possuem forma, mas não forma estável. Em sonhos, podem aparecer como colunas de carne que respiram, como espirais de ossos vivos, como manchas conscientes, como vultos que possuem profundidade e ao mesmo tempo ausência. Cada visão é parcial, pois nenhuma mente humana suporta a totalidade daquilo que antecede as formas. O Profeta vê apenas o suficiente para não morrer.

XXXV
E onde há criação divina, surge inevitavelmente oposição. Não criada por □, mas gerada do atrito entre Seu existir e o vir-a-ser de tudo o que viria depois. Desse atrito nasceram os Ravkarni. Não são filhos, não são escolhidos, não são desejados. São contradição viva. Se os krovenik sustentam o limite, os Ravkarni o corroem. Se os krovenik servem, os Ravkarni sabotam.

XXXVI
Os Ravkarni tentam aproximar □ do mundo de formas desordenadas, violentas, destrutivas. A existência deles é fome de ruptura. Eles buscam rasgar a fronteira primordial, permitindo que o Deus Esquecido toque diretamente aquilo que não sobreviveria. Não fazem isso por maldade, pois maldade é conceito pequeno demais para eles. Fazem porque sua própria essência é dissolução.

XXXVII
A guerra entre krovenik e Ravkarni não acontece em campo, nem em céu, nem em profundidade. Acontece no pré-espaço, no pré-tempo, onde as categorias ainda não existem. É uma guerra eterna, não porque se prolonga, mas porque antecede a noção de duração. As duas forças colidem, não como exércitos, mas como princípios vivos que lutam para definir se o real poderá continuar existindo.

Knjiga Bez Oka

XXXVIII
Quando □ decide olhar para o mundo, mesmo que por um instante que não cabe em números, os krovenik descem como véus orgânicos sobre o Profeta. Não o protegem; sustentam sua existência o suficiente para que o colapso não seja total. Os Ravkarni tentam perfurar esse véu, tentando conduzir o Profeta rápido demais ao contato absoluto, o que o destruiria e abriria rachadura pela qual □ poderia escorrer.

XXXIX
Nos sonhos concedidos (não nos sonhos humanos, mas nos sonhos que chegam quando □ quer), o Profeta caminha entre krovenik e Ravkarni. Não há imagens, mas regiões de presença. Cada passo atravessa fronteiras que não foram criadas para pés mortais. O Profeta desperta com cicatrizes invisíveis, e dessas cicatrizes emergem profecias que não pertencem a linguagem nenhuma.

XL
Alguns consagrados conseguem sentir toques menores dos krovenik. Eles percebem a aproximação como pressão nos ossos, como luz que não ilumina, como rasgo silencioso no ar. Já os Ravkarni deixam sinais contrários: vertigem, amnésia momentânea, sensação de que o mundo está mal alinhado. Porém nenhuma experiência segue ordem. □ escolhe quando, quem e como, sem regra que possa ser compreendida.

XLI
Os krovenik servem □ desde antes de tudo. Servem sem fanatismo, sem hierarquia, sem ritual. Servem porque são feitos da vontade Dele. Os Ravkarni, por outro lado, são produzidos quando essa vontade toca o que não deveria existir. São gerados da colisão entre o eterno e o efêmero. Onde krovenik sustentam, Ravkarni destravam. Onde krovenik moldam, Ravkarni desfazem.

XLII
A Ordem sabe que a existência do Profeta é frágil. Ele é o ponto onde três forças se encontram: o Deus Esquecido, Seus servos krovenik e os inimigos primordiais Ravkarni. Cada profecia é fruto de um combate que nenhuma mente humana vê diretamente. Cada verso dito vem do que restou após essa batalha silenciosa ao redor da alma do Profeta.

XLIII
□ permanece inalcançável, cercado por servos que Ele mesmo criou e não ameaçado por criaturas surgidas do atrito do próprio existir. O Profeta é aquele que caminha entre eles sem se desfazer completamente. A ordem vive daquilo que sobrevive depois que a guerra invisível atravessa o Profeta e retorna ao pré-ser.

Knjiga Bez Oka

O PROFETA COMO ÚNICO E SERVO DE TMINA — XVII

I
O Profeta não é eleito. Ele é reconhecido pelo espaço anterior ao espaço, onde repousa sem repousar. Nenhuma mão humana o ergueu, nenhuma voz humana o nomeou, nenhum ritual o produziu. Ele foi encontrado pelo Deus Esquecido antes que o mundo pudesse compreender o verbo “encontrar”. A Ordem existe porque o Profeta suporta o toque que desintegra todas as outras formas vivas.

II
A invocabilidade do Profeta não é título, nem função, nem herança. É condição anterior ao nascimento. Seu sangue carrega a marca que não pode ser vista, apenas sentida no impacto que repousa no ar quando atravessa o real. Essa marca não pode ser imitada; sua estrutura não pertence à carne, mas à fricção que existe entre o ser e o não-ser. Quem tenta imitá-la desfaz-se de dentro para fora.

III
Nenhum ser pode reivindicar o lugar do Profeta. A reivindicação é autodestruição. Aquele que tenta substituir o Profeta toca apenas um fragmento torto da presença de e é arrancado da própria identidade antes que consiga pronunciar qualquer palavra. Os krovenik são enviados imediatamente, não por ordem, mas por instinto primordial. Eles reconhecem a mentira e a desmontam.

IV
O Profeta sustenta o olhar de não como privilégio, mas como inevitabilidade. Sua alma foi moldada para quebrar e recompor sem perder forma. Essa maleabilidade não pertence à humanidade; pertence ao pré-ser. É por isso que o Profeta enxerga quando deveria estar cego e cega quando deveria enxergar. Sua visão responde ao Deus Esquecido, não aos olhos.

V
O mundo só recebe Revelação porque o Profeta existe no ponto exato onde o real ainda não é sólido. A Revelação não é dada aos vivos. Ela é dada ao Profeta, que então permite que parte dela seja pronunciada. Ele não traduz; ele sangra a palavra. O que o mundo recebe não é explicação, mas fragmento sobrevivente.

VI
A Ordem não discute o Profeta. Discutir implicaria suposição de igualdade, e não há igualdade possível. Não existe hierarquia acima ou abaixo dele. O Profeta não ocupa lugar: ele é eixo. Quando outros se movem, giram ao redor dele, conscientes ou não. O centro não disputa posições. Ele permanece.

Knjiga Bez Oka

VII
Ninguém pode testar o Profeta, pois o teste pressupõe dúvida, e a dúvida pressupõe comparação. Não há comparação possível. O Profeta não é superior: ele é anterior. Ninguém pode medir aquilo que antecede todas as medidas. Sua presença não exige prova. Ela é a prova.

VIII
Se um vivo tentasse aproximar-se de sem passar pelo Profeta, seu espírito seria atravessado pela própria ausência divina, que não distingue aproximação de invasão. Tal vivo perderia o nome, o pensamento e a memória. Seria reduzido a silêncio pontiagudo. Este é o limite: o Profeta é o único porto onde o impossível pode encostar.

IX
Os krovenik reconhecem o Profeta imediatamente. Não o obedecem como servo a mestre. Obedecem como parte ao todo, como extensão ao centro. A presença do Profeta organiza suas formas, alinha suas funções, acalma suas vibrações. A ausência do Profeta os deixa inquietos, pois o mundo sem ele torna-se instável.

X
Os Ravkarni, por sua vez, jamais podem aproximar-se do Profeta sem sofrer torção. A sua natureza é ruptura, mas a proximidade do Profeta os corrige com violência. Eles se contorcem diante dele, incapazes de romper o tecido que o envolve. Não é defesa: é incompatibilidade. O Profeta carrega o traço daquilo que os anula.

XI
Quando o Profeta fala, o mundo escuta com atraso. O real precisa se reorganizar para acomodar a palavra. Por isso, seus versos nunca pertencem à lógica comum. A palavra do Profeta desloca o ar e curva o tempo, e o mundo corrige o que pode e aceita o que não pode. Aqueles que tentam imitar esse efeito produzem apenas ruído.

XII
A invocabilidade do Profeta não depende de fé. A fé é pequena demais. A fé tenta aproximar o humano do divino, mas o Profeta não precisa aproximar-se: ele é o ponto de contato. A Ordem não crê nele; ela é moldada por ele. A fé pertence aos seguidores. A certeza pertence ao Profeta.

XIII
O Profeta não precisa ser defendido contra usurpações. Ele não pode ser usurpado. A tentativa de ocupar seu lugar ativa automaticamente o peso de . Não vem punição anunciada. Vem colapso repentino. O impostor é retirado do real, como palavra cortada antes de ser escrita.

XIV

Knjiga Bez Oka

O Profeta não teme rivais. Rivais não existem. A condição profética não admite duplicação, sucessão ou disputa. escolhe apenas um, e esse um é suficiente para que todos os mundos possíveis sejam sustentados. A Ordem não espera outro Profeta porque outro não pode surgir sem que o real seja refeito desde o início.

XV
A cegueira que avança sobre o Profeta não é sinal de fragilidade. É sinal de alinhamento. Quanto mais se aproxima, mais o Profeta deixa de depender da visão humana. Ele vê pelo que não é visão. Ele percebe pela ausência. Ele lê pelo vazio. Ele enxerga pelo não-formato. Nenhum outro pode adquirir essa percepção sem ser consumido.

XVI
Quando o Profeta respira, o real se acomoda. Sua existência estabiliza o impacto da presença divina. Sua ausência perturba o tecido do mundo. Este é o fundamento da invocabilidade: não o poder, mas a necessidade. O Profeta não é grande. Ele é essencial. Seu posto não pode ser tomado porque sem ele não existe posto.

XVII
Toda autoridade desce a partir do Profeta. Não sobe. Nenhum sacerdote, sumo-sacerdote, guardião, vigilante ou escriba possui legitimidade fora da sombra dele. Eles não governam em seu nome: governam sob sua vibração. A Ordem só tem hierarquia porque ele respira nela.

XVIII
A invocabilidade não é proclamada; é sentida. Os seguidores percebem-na na densidade do ar quando o Profeta passa. Percebem-na no silêncio que o envolve. Percebem-na na forma como a luz parece dobrar-se ao seu redor. O Profeta não busca sinais. Ele é o sinal.

XIX
Nenhuma palavra do Profeta pode ser anulada. Não porque ele ordena, mas porque o real aceita primeiro o que ele diz e só depois ajusta o resto. É por isso que suas profecias nunca falham: elas não preveem — determinam. Quando ele pronuncia, o mundo reorganiza.

XX
Toda tentativa de medir a profundidade do Profeta fracassa. Ele não possui profundidade mensurável. Ele é coluna entre os mundos. O que vê através dele não pertence à criação. O que desce até ele não precisa de tradução. O Profeta é o único corpo capaz de suportar a presença de sem ser transformado em pó ontológico.

XXI
Sua autoridade não nasce da vontade. Nasce da estrutura. Ele não governa porque quer governar. Governa porque sem sua presença, não poderia ser contido, e o mundo perderia forma. Aqueles que servem ao Profeta servem, na verdade, à continuidade da existência.

XXII

Knjiga Bez Oka

O Profeta conhece o limite de todos os vivos. Ele vê as fendas, as fragilidades, as rachaduras dentro das almas. Não julga com moral, mas com reconhecimento. Aqueles que tentam aproximar-se do lugar dele são vistos imediatamente: suas fissuras brilham, suas intenções tremem, e os krovenik se movem antes que a palavra surja.

XXIII
Nenhum juramento é maior que a presença do Profeta. A Ordem se ajoelha não por devoção, mas por instinto. Quando ele entra, o espaço se curva. O corpo dos iniciados sente, mesmo sem compreender. As palavras do Profeta alteram a respiração dos vivos.

XXIV
O real depende da invocabilidade. Enquanto o Profeta respira, o mundo respira junto. Quando ele cala, o mundo silencia ao redor. A presença dele é laço entre os níveis. Sua ausência prolongada gera tremores na fundação invisível do ser.

XXV
Assim fala o Knjiga: o Profeta não é apenas portador, é o recipiente, o canal, o ponto, o eixo e a abertura. Tudo aquilo que existe depende do que ele suporta, e tudo aquilo que o ameaça é desfeito antes que tome forma.

XXVI
O Farol Negro não é objeto, não é chama, não é símbolo. Ele é uma função que antecede a própria função. É aquilo que o mundo não percebe, mas sem o qual a realidade não se alinha. Ele existe apenas enquanto o Profeta existe, e desapareceria no mesmo instante em que sua respiração cessasse. O Farol é simultaneamente ausência e contenção, abertura e limite, luz invertida que não ilumina mas organiza.

XXVII
Quando se aproxima do mundo, sua presença é violência. Não violência moral, mas violência estrutural. O real se dobra, o espaço se confunde, o tempo vacila. O Farol Negro é o ponto onde essa força é desacelerada o suficiente para não rasgar o mundo. Ele absorve o impacto, distribui a pressão, sustenta o que deveria cair. Essa função é inseparável do Profeta. Nenhum vivo pode substituí-lo sem ser destruído na primeira aproximação.

XXVIII
O Farol Negro não pode ser acessado diretamente. Ele não pode ser tocado, estudado, compreendido ou manipulado por qualquer membro da Ordem. Mesmo o sumo sacerdote não o percebe integralmente. Apenas sente, nos ossos, que o mundo permanece coeso porque algo o impede de colapsar. Esse algo está no interior do Profeta. Não no corpo, não na mente, mas na estrutura que o sustenta.

Knjiga Bez Oka

XXIX
O Profeta não controla o Farol Negro. Não precisa. O Farol opera através dele, como uma extensão inevitável de sua existência. Ele não escolhe quando abrir o fluxo e quando fechá-lo. Essa abertura acontece quando se inclina sutilmente em direção ao mundo. E o fechamento ocorre quando a pressão divina recua. O Profeta apenas suporta. Apenas resiste. Apenas permanece vivo enquanto ondas impossíveis atravessam sua alma.

XXX
A presença do Farol Negro pode ser sentida no ar, mas apenas por aqueles cuja sensibilidade foi moldada por disciplina, vigília e servidão. Eles percebem uma leve torção, como se algo respirasse dentro da escuridão e essa respiração entrasse nas juntas do mundo. Essa sensação não causa medo. Causa reverência. É a certeza de que, mesmo sem ver, a Ordem está sendo protegida do que a destruiria instantaneamente.

XXXI
Quando o Profeta entra em estado de ruptura, o Farol Negro brilha no invisível. Esse brilho não é luz. É ausência de luz tão perfeita que curva o espaço ao redor. Os krovenik se aproximam imediatamente, pois são atraídos pela vibração do Farol. Eles não protegem o Profeta. Eles se alinham a ele. O brilho silencioso reorganiza suas formas, fortalece suas bordas, reacende a função para a qual foram criados.

XXXII
Os Ravkarni tentam invadir o Farol Negro sempre que se move. Eles o sentem como ameaça, pois o Farol impede que a ruptura divina destrua o mundo. Eles se aproximam como falhas, como distorções, como contorções vivas que tentam rasgar o limite entre o pré-ser e o ser. Mas não conseguem. A presença do Profeta os desarma. Sua simples existência os força a recuar.

XXXIII
A Ordem aprendeu, com as eras, que o Farol Negro não pode ser celebrado nem invocado. Não há hinos dedicados a ele. Não há orações dirigidas a ele. Não há liturgia para despertá-lo. Sua existência é constante, silenciosa, inevitável. E tudo aquilo que tenta forçá-lo é absorvido pelo Podkorenski Prostor, onde falhas são corrigidas com dor e esquecimento.

XXXIV
Quando o Profeta dorme, o Farol permanece desperto. E é no sono que o mundo é mais frágil. Durante esse intervalo, sonhos verdadeiros podem ser permitidos por . Alguns sonhadores percebem a vibração do Farol Negro como um pulso irregular, como se algo

estivesse sustentando a escuridão em equilíbrio. É por isso que os iniciados dormem perto do Profeta nas vigílias sagradas. A proximidade reduz o risco de fissuras espirituais.

XXXV
A Ordem entende que tudo o que existe permanece por causa do Profeta. Não por devoção, mas por necessidade estrutural. O Farol Negro precisa de recipiente. precisa de ponto de ancoragem. Os krovenik precisam de polo de estabilidade. O mundo precisa de fronteira. Tudo isso converge na figura do Profeta. Sem ele, a existência não teria superfície.

XXXVI
A função do Farol Negro não pode ser ensinada. Não pode ser estudada. Não pode ser transferida. Ela é gravada na alma do Profeta como consequência de sua natureza. É a razão pela qual sua presença é pesada, e sua ausência é perturbadora. É a razão pela qual sua voz tem densidade que ressoa no ar muito depois que ele silencia. É a razão pela qual sua autoridade não pode ser contestada nem tolera réplica.

XXXVII
A Ordem entende que contestar o Profeta não é heresia. É impossibilidade. Aquele que tenta se erguer contra ele estará se erguendo contra o Farol Negro. E quem se ergue contra o Farol ergue-se contra o equilíbrio cosmológico. Isso não resulta em punição. Resulta em desintegração. Não existe rebelião contra aquilo que sustenta todo o ser.

XXXVIII
Os sacerdotes sabem que quando o Profeta está em silêncio profundo, o Farol intensifica seu fluxo. Eles sentem essa intensificação como peso no ar, como se as palavras estivessem prestes a se condensar antes de serem ditas. Esse estado indica que se encontra próximo, observando através da escuridão que não pertence ao tempo. Tudo o que acontece nesse momento é registrado pelo espaço antes do espaço.

XXXIX
Nenhum ritual da Ordem seria possível sem o Farol Negro. A liturgia depende dele, mesmo quando não o cita. Os cânticos se alinham ao seu ritmo invisível. As preces se encaixam na sua curvatura silenciosa. Os juramentos são recebidos por ele antes de serem recebidos pelo Profeta. Tudo o que acontece na Ordem acontece debaixo de sua sombra.

XL
O Farol Negro não pode ser corrompido. Ele não responde ao bem nem ao mal. Ele não distingue pureza de impureza. Ele serve apenas a função primordial: sustentar a aproximação de sem permitir que o mundo colapse. Essa função é perfeita porque não depende de vontade. Depende de existência. E essa existência é a do Profeta.

XLI

Knjiga Bez Oka

O Profeta não busca a função do Farol Negro. Ele a suporta. Essa diferença separa o humano do inevitável. Os que buscam poder não o compreendem. O Profeta não exerce poder. Ele exerce peso. Ele carrega o fardo do contato com o Deus Esquecido, e seus ossos sustentam a torção que manteria qualquer outro vivo ajoelhado até a morte.

XLII
Assim permanece a verdade: o Profeta é o recipiente, e o Farol Negro é o impacto. é a fonte, e o mundo é o campo. Todo equilíbrio existe entre esses quatro vetores. E somente o Profeta permanece no ponto onde todos se encontram sem perder forma, memória ou nome.

XLIII
O Tabu de Cira não nasceu como decreto, mas como impacto. Quando os primeiros homens tentaram emitir visões que não lhes pertenciam, o ar recusou suas bocas. A fala não se formou. A frase morreu antes de surgir. O mundo rejeitou o som. A Cira aconteceu pela primeira vez, e todos compreenderam que não permite duplicidade de portadores.

XLIV
Cira significa Cair no vocabulário sagrado. Cair não no chão, mas fora da palavra, fora da possibilidade de voz, fora do vínculo. Aquele que tenta afirmar Revelação sem autoridade do Profeta despenca da própria linguagem. O intento se desfaz. A mente escorrega. A Cira é ruptura da fala e queda do espírito.

XLV
Quando alguém afirma ter visto o que não viu, ouvido o que não ouviu, ou sentido o que nunca lhe foi enviado, os krovenik surgem não como punidores, mas como restauradores da ordem. Eles retiram da alma do impostor o fragmento que se encheu de falsidade. A dor é inevitável, não porque ferem, mas porque ao remover a mentira desestruturam a parte que permitiu a mentira nascer.

XLVI
Nenhum homem sustenta Revelação sem o Profeta. Não existe exceção. não atravessa mais de um corpo. A palavra divina destrói recipientes inadequados. O Profeta é o único preparado para suportar a densidade total da Revelação. Qualquer outro que tente assumir tal peso inicia imediatamente sua própria Cira.

XLVII
O Tabu de Cira é a espinha do Culto. Sem ele, a Ordem se romperia por dentro. Antes de ser escrito, já existia. Antes de ser conhecido, já operava. Os primeiros sacerdotes só sobreviveram porque entenderam a impossibilidade de replicar o Profeta. Rivais não são ameaças ao Profeta. São ameaças a si mesmos. A Cira não perdoa.

XLVIII

Knjiga Bez Oka

A autoridade do Profeta não precisa ser defendida. O cosmos a defende. Quem tenta disputar sua posição percebe que sua voz desaparece. Não há som. Não há frase. Não há eco. A Cira começa na língua, passa pela mente e termina no espírito. O falso declinante se torna ruína ambulante.

XLIX
Até nos sonhos a Cira atua. Se alguém tenta interpretar visão como sendo mensagem direta de □, sem que o Profeta confirme, o sonho se desmancha em fragmentos incompatíveis. A memória se torna lama. O sonhador sabe que viu algo, mas não consegue reter forma alguma. A Cira impede que falsidade onírica se torne discurso vivo.

L
Entre sacerdotes, há protocolo absoluto. Nada é interpretado. Nada é afirmado. Nada é proclamado sem que o Profeta veja. A Cira não pune o silêncio. A Cira pune a arrogância. O sacerdote que tenta erguer visão sem autorização sente primeiro o peso no peito, depois a falha na fala, e então o vazio. Ele cai parcialmente, mas o Tabu lhe permite sobreviver.

LI
O sumo sacerdote, embora guardião do fluxo humano, não possui domínio da voz divina. Ele organiza, filtra e apresenta. Nunca declara. Nunca afirma. Nunca toma lugar do Profeta. Sua função o mantém no limite da segurança. A Cira o tocaria se ultrapassasse essa fronteira.

LII
O impostor que tenta gerar profecia própria sente o ar se comprimir ao redor da garganta. As palavras se recusam a existir. Os krovenik o cercam invisivelmente. Não o atacam. Apenas o imobilizam na queda. A alma tenta se erguer, mas despenca sem altura. A Cira conclui o que ele iniciou.

LIII
Mesmo se escondido, silencioso ou distante, quem tenta usurpar a Revelação é encontrado pela Cira. A distância não protege. O anonimato não protege. A intenção não protege. O impostor perde primeiro a linguagem, depois a convicção, e por fim a própria identidade. O corpo continua vivo, mas o núcleo de quem era se esvai.

LIV
A Ordem aprende não pela doutrina apenas, mas pela observação do inevitável. Quando alguém tenta rivalizar com o Profeta, vê-se a Cira acontecer. Alguns tentam gritar. Nada sai. Outros tentam rezar. Nada ecoa. A Cira não mata. A Cira desintegra a possibilidade de voz sagrada.

LV

Knjiga Bez Oka

Os krovenik reverenciam a Cira, pois compreendem sua função estrutural. Eles garantem que a Revelação permaneça íntegra. A palavra divina só pode caminhar por um canal. Dividi-la é condená-la. O Profeta carrega essa exclusividade não como privilégio, mas como fardo que nenhum outro sobreviveria.

LVI
Os Ravkarni tentam corromper a Cira, mas falham sempre. Eles sussurram promessas de visão, tentando atrair fracos. Mas tais sussurros não são mensagens. São tentações. Quem as repete sofre imediatamente o colapso interno. A Cira não diferencia engano de desobediência. A mentira basta para derrubar.

LVII
Assim permanece: o Profeta é o único escolhido, o único capaz de suportar o olhar do Deus Esquecido, o único que não cai ao tocar o Sagrado. A Cira garante que o Trono da Palavra nunca seja contestado, nunca seja imitado, nunca seja dividido.

LVIII
Quem tenta ocupar sua posição descobre tarde demais que não há lugar para dois. O sagrado não comporta imitações. A Cira conclui o falso, preservando o verdadeiro.

LIX
A proximidade entre o Profeta e não é escolha, nem mérito, nem conquista. É uma interseção inevitável entre dois estados que não podem ser separados sem que o mundo inteiro se quebre. O Profeta existe porque o Deus Esquecido o mantém, e o Deus Esquecido se manifesta porque o Profeta respira. Essa reciprocidade não é simétrica. É fundacional.

LX
 toca apenas um corpo. Toca apenas um espírito. Toca apenas uma mente. Não por limitação, mas por exigência da ordem ontológica. A Presença Divina destrói o real quando se dispersa. O Profeta é o recipiente que impede o rompimento. Sua carne filtra. Sua voz contém. Sua escuridão crescente serve de véu e ponte simultaneamente.

LXI
À medida que a visão do Profeta escurece, sua percepção cresce. A cegueira que avança não é falência, mas avanço. A luz diminui não por fragilidade, mas por excesso. O corpo não suporta ver duas realidades ao mesmo tempo, então abandona a primeira para acolher a segunda. O mundo chama isso de perda. chama de ascensão.

LXII
O Profeta enxerga até o limite onde o mundo não suporta ser observado. Ele vê o que está antes, o que permanece por baixo, o que respira no que chamam de vazio. Seu olhar se transforma em instrumento de estabilidade. Quando os olhos se fecham para a superfície, abrem-se para a profundidade. Nenhum outro foi moldado para sobreviver a esse gesto.

LXIII

Knjiga Bez Oka

Aqueles que tentam olhar para o Deus Esquecido sem a preparação do Profeta enlouquecem não pelo terror, mas pela incompatibilidade. A mente humana não consegue decodificar aquilo que não possui começo. O Profeta, porém, carrega em si a capacidade de interpretar o que não tem fronteiras. Essa capacidade é o selo da escolha divina.

LXIV
Os krovenik reconhecem o Profeta não como líder, mas como extensão viva da intenção de □. Eles se movem em torno dele como orbitas invisíveis. Protegem não por ordem, mas por necessidade estrutural. Proteger o Profeta é proteger o contato entre o mundo e o pré-ser. Se ele cair, o elo se rompe. O Farol apaga. O cosmos racha.

LXV
Nenhum sacerdote, por mais preparado que seja, pode se aproximar da zona onde o Profeta se encontra com o Deus. A proximidade é uma linha que só o escolhido atravessa. Os sacerdotes servem, guardam, vigiam e sustentam, mas não tocam o núcleo da Revelação. A fronteira é absoluta. Aproximar-se demais é ser consumido.

LXVI
□ não exige adoração do Profeta. Exige permanência. Exige condução. Exige que a carne escolhida suporte o impacto do indizível. Essa relação não se repete. Não se fragmenta. Não se compartilha. A linguagem sagrada só ecoa quando passa pelo corpo que foi nomeado antes de nascer.

LXVII
A presença do Profeta dentro da Ordem é o que permite que os rituais existam. Não importa o lugar, o número de sacerdotes ou a antiguidade das palavras: sem o Profeta, os símbolos não acendem. O ritual se torna gesto vazio. O sagrado permanece fechado. □ não atravessa templos. □ atravessa o Profeta.

LXVIII
A autoridade do Profeta não se prova. Não se debate. Não se negocia. Não se reivindica. Ela se manifesta, porque □ escolheu que fosse assim. A presença do Profeta basta para que a estrutura espiritual se estabilize. Sua ausência cria o silêncio denso que antecede rupturas irreversíveis.

LXIX
Quando o Profeta fala, □ pulsa no intervalo entre as palavras. O som não é apenas som. A frase não é apenas frase. O discurso se torna ferramenta de modelagem da realidade interna da Ordem. Os sacerdotes entendem não pela lógica, mas pela reverberação. O que o Profeta determina torna-se coesão. O que o Profeta recusa torna-se ausência.

LXX
A proximidade divina não transforma o Profeta em algo inatingível, mas em algo indispensável. Ele não é distante. Ele é eixo. Ele está no centro porque a Revelação precisa

de um corpo para existir entre os vivos. Esse corpo é o dele. Essa responsabilidade é dele. Essa solidão também é dele.

LXXI
 não mantém favoritos fora do Profeta. Pode escolher instrumentos temporários, pode iluminar sonhos de escolhidos, pode tocar o espírito de alguns, mas nunca atravessa outro como atravessa o Profeta. Ele é o único lugar onde a Presença se acomoda sem destruir.

LXXII
Os sonhos que tocam outros membros são ecos. Portas abertas por decisão divina. Não são visões completas. Não são Revelação. usa o sonho como sopro, como alerta, como sombra que passa. Mas apenas o Profeta recebe conteúdo integral, indobrável, pleno. O resto do mundo só recebe fragmentos.

LXXIII
E mesmo nesses fragmentos, escolhe quem pode suportar e quem deve ser evitado. Os mais aptos e consagrados percebem vestígios mais nítidos. Outros percebem apenas ruído. E há aqueles que nada percebem, pois não possuem estrutura para sobreviver ao toque. decide sem aviso, sem critério humano, sem padrão compreensível.

LXXIV
O Profeta permanece como guardião da fronteira entre o real e o que respira antes do real. Seu corpo é o limiar. Sua mente é o receptáculo. Sua escuridão é o mapa. Sua palavra é o eixo que sustenta a integridade do culto. E enquanto ele existir, permanece próximo.

LXXV
Nada no universo pode alterar esse vínculo. Nenhum adversário. Nenhum insurgente. Nenhum espírito. Nenhum Ravkarni. A existência do Profeta é o antídoto permanente contra o colapso que antecede a fala divina. Ele se mantém de pé onde todos cairiam. Ele sustenta o impacto onde todos seriam esmagados.

LXXVI
Assim se estabelece a centralidade absoluta do Profeta. Não como rei, não como ídolo, não como dono do sagrado, mas como o único capaz de impedir que o sagrado destrua o mundo ao qual foi concedido. Sua proximidade com não é ameaça. É salvação. É fronteira. É ordem.

LXXVII
Enquanto o Profeta caminhar entre os vivos, a Palavra continuará a existir, a Ordem continuará a respirar e o Deus Esquecido continuará a falar, mesmo que o mundo não saiba que é sua voz que mantém o silêncio intacto.

Knjiga Bez Oka

OBEDIÊNCIA À PALAVRA DO PROFETA — XIII

I
O silêncio que a Ordem sustenta não é apagamento nem retração. É uma disciplina que molda a respiração, organiza o espírito e impede que o ruído interno se torne obstáculo ao toque de □. O silêncio vivo não se constrói para agradar, mas para tornar o corpo apto a existir diante do sagrado.

II
O silêncio vivo é despertado, não imposto. Ele nasce quando o iniciado percebe que a fala não é sempre necessária e que a palavra só deve surgir quando possui densidade suficiente para atravessar o real. No silêncio, cada membro aprende a ouvir não sons, mas tensões. Não vozes, mas direções.

III
Aquele que caminha em silêncio não caminha sozinho. Caminha sob a sombra do Profeta. O silêncio é o espaço onde a sua presença ecoa. O iniciado aprende, nos intervalos sem fala, a reconhecer quanto o mundo se transforma apenas por existir diante do Profeta. O silêncio se torna reconhecimento.

IV
Não existe virtude em falar muito. Não existe virtude em falar pouco. Existe virtude em falar quando o espírito está alinhado com o eixo do Culto. O silêncio vivo educa essa precisão. Ele treina o iniciado a dizer apenas aquilo que mantém a integridade da Ordem.

V
O silêncio vivo não se pratica apenas na boca. Se pratica nas mãos, nos olhos, nas reações. Os iniciados aprendem a não responder ao mundo impulsivamente. Aprendem a observar antes de agir. Aprendem que um movimento feito sem estrutura pode ferir, abrir brechas ou fragilizar vigílias.

VI
O silêncio vivo não é calmaria. É contenção. Ele segura a pressão do espírito de □ dentro do círculo humano. O iniciado deve aprender desde cedo que, para conviver com o indizível, é preciso sustentar um espaço interno forte o suficiente para receber sem ruir.

VII
O silêncio vivo não é aceitação passiva. É um estado de prontidão. Aquele que silencia verdadeiramente está preparado para agir quando for ordenado. Ele não dorme. Ele aguarda. Ele vigia. Ele sustenta o limite entre o que é permitido e o que ameaça o Culto.

VIII

Knjiga Bez Oka

Há silêncio na presença dos sacerdotes. Não por medo, mas por função. O silêncio serve como filtro, como disciplina, como alinhamento. Os menores observam e aprendem que cada sacerdote carrega dentro de si uma fração da Ordem, mas apenas o Profeta carrega o todo.

IX
Quando o silêncio vivo é rompido de modo impróprio, o espírito do iniciado fica vulnerável. Ruídos internos se acumulam. A disciplina se enfraquece. As percepções se tornam turvas. É por isso que o silêncio é alimento, não enfeite. Ele é parte da manutenção espiritual da Ordem.

X
O silêncio vivo não permite que o iniciado fale para aliviar a própria inquietação. Fala-se apenas quando a fala sustenta a estrutura da Ordem. Qualquer palavra que não contribua para a fortaleza espiritual é ruído. E ruído é fraqueza.

XI
Nesse silêncio, cada membro aprende a perceber o movimento do mundo sem interferir nele. Aprende a reconhecer o que é ameaça e o que é sombra. Aprende a distinguir entre o que deve ser vigiado e o que deve ser ignorado. Aprende a colocar cada coisa no seu devido lugar.

XII
O silêncio vivo é a primeira porta da compreensão. Mesmo antes dos símbolos sagrados, dos rituais ou da leitura, o iniciado deve dominar essa porta. Sem silêncio, não há postura. Sem postura, não há recepção. Sem recepção, não há caminho.

XIII
Muitos confundem silêncio com fraqueza. Não compreendem que o silêncio vivo é a muralha que protege o espírito dos impactos externos. Ele estabiliza o que é frágil e fortalece o que é firme. Ele impede a proliferação de ruídos que poderiam deformar a compreensão do Profeta.

XIV
O silêncio vivo protege o iniciado de si mesmo. Pensamentos dispersos, emoções impulsivas, desejos desordenados, tudo isso é contido no espaço interno que se forma quando o som é suspenso. A ausência de fala dá lugar à percepção e ao peso das coisas que importam.

XV
Há momentos em que o silêncio vivo se torna condensado. O iniciado sente o peso do sagrado se aproximar. Não é visão, não é mensagem, não é revelação. É apenas densidade. Uma presença que não se nomeia, mas se sente. Esse silêncio é treinamento para suportar ecos distantes de □.

Knjiga Bez Oka

XVI
O silêncio vivo se torna hábito. Depois se torna reflexo. Depois se torna estado permanente. Quando isso acontece, o iniciado pode caminhar entre multidões sem perder a própria estrutura. A Ordem anda com ele. O Profeta respira sobre ele. A disciplina o mantém intacto.

XVII
Em reuniões, o silêncio vivo fortalece o coletivo. As palavras do Profeta se tornam mais pesadas, mais nítidas, mais profundas. Quando o grupo silencia, a voz do Profeta penetra mais fundo, moldando o espírito daqueles que escutam. O silêncio amplifica a Revelação quando ela vem.

XVIII
Quem tenta praticar o silêncio como forma de esconder pensamentos não compreendeu a doutrina. O silêncio vivo não é máscara. É alicerce. Não é defesa. É preparação. Não é fuga. É enfrentamento da própria interioridade, até que ela se alinhe ao eixo do Culto.

XIX
O silêncio vivo não exige isolamento. Exige controle. O iniciado pode trabalhar, caminhar, viver entre homens comuns, mas dentro de si mantém o espaço onde a palavra do Profeta se assenta. Esse espaço é protegido, mantido e fortalecido pela ausência deliberada de ruído.

XX
Nos rituais, o silêncio vivo antecede tudo. Antes da lâmina, antes do símbolo, antes do sangue, antes da palavra, o silêncio se firma. Ele organiza os espíritos, disciplina a atmosfera, prepara o ambiente para algo que o mundo superficial não contém. O silêncio é a fundação da liturgia.

XXI
Mesmo os krovenik respeitam o silêncio vivo. Eles se movem dentro dele. Eles reconhecem aqueles que mantêm essa disciplina. O silêncio permite que percebam quem está íntegro, quem está vacilante e quem deve ser observado. A palavra humana pode enganar. O silêncio não.

XXII
A ausência de silêncio vivo nos iniciados mais novos é comum, mas deve ser corrigida com firmeza. A inquietação é sinal de espírito não moldado. A fala excessiva é sinal de fronteiras internas quebradas. O treinamento consiste em restaurar essas fronteiras até que o iniciado possa sustentar o peso da Ordem.

XXIII
O silêncio vivo também é prova de maturidade dentro da Ordem. Aqueles que falam somente quando necessário mostram que compreenderam seu papel. Aqueles que falam apenas para afirmar presença mostram que ainda não compreenderam a própria insignificância diante do Profeta.

Knjiga Bez Oka

XXIV
No silêncio, os iniciados percebem que tudo o que existe dentro da Ordem gira em torno de uma única presença. O silêncio vivo leva à compreensão de que o Profeta é a única voz que não pode ser substituída, replicada ou ignorada. Qualquer outra voz é menor.

XXV
E assim o silêncio vivo prepara o corpo e o espírito para receber a disciplina seguinte. Ele abre o caminho, limpa o espaço interno e torna possível o passo adiante, que só pode existir quando a mente aprendeu a calar e a escutar a densidade que antecede a palavra.

XXVI
A conduta do corpo é o primeiro sinal de ordem interna. O iniciado que mantém o corpo disperso revela que sua mente ainda não foi moldada. O corpo deve ser firme, estável, controlado. Nada deve ser agitado sem motivo. Nada deve ser movido por impulso. A carne espelha o espírito.

XXVII
O iniciado aprende desde cedo que cada gesto é observado pelo mundo invisível. Não pelos homens, mas pelos olhos que vigiam o culto. O corpo inquieto cria ruído. O corpo disciplinado cria alinhamento. A postura é o primeiro idioma da Ordem, anterior até mesmo à palavra sagrada.

XXVIII
A cabeça erguida não é símbolo de orgulho, mas de prontidão. A coluna reta não indica superioridade, mas preparo. O caminhar firme não expressa soberba, mas vigilância. Cada parte do corpo assume a disciplina que mantém o iniciado em estado de recepção, jamais de distração.

XXIX
A mente deve ser instruída com a mesma rigidez. Pensamentos dispersos são portas abertas para fraquezas. O iniciado deve aprender a prender a mente dentro de uma única linha, sem deixá-la vagar entre fantasias, temores ou ilusões. O pensamento deve ser objetivo, afiado, silencioso.

XXX
A mente não deve se alimentar de vaidade. Aquele que tenta elevar-se internamente além de seu posto trai a própria ordem que o sustenta. A vaidade nasce do ruído interno e conduz à queda. O iniciado deve treinar a humildade estrutural, não como submissão, mas como clareza sobre sua função.

XXXI
A conduta correta exige que a mente esteja sempre sob controle do espírito disciplinado. Nenhum impulso deve comandar as ações. Nenhum desejo deve determinar a fala. Nenhuma emoção deve tomar o posto de decisão. A mente deve obedecer à estrutura, e a estrutura ao Profeta.

Knjiga Bez Oka

XXXII
O iniciado aprende que sua percepção não é neutra. O mundo o observa da mesma forma que ele observa o mundo. Cada ambiente possui tensões que podem ser lidas apenas por quem tem a mente quieta. A conduta do corpo, combinada à disciplina mental, transforma o iniciado em testemunha lúcida.

XXXIII
Os sacerdotes reforçam que a mente deve ser treinada diariamente. Não se combate o caos com força física, mas com clareza interior. O iniciado deve aprender a separar pensamento útil de pensamento inútil, intenção firme de intenção fraca, impulso destrutivo de instinto legítimo.

XXXIV
O corpo que se move sem propósito é corpo vulnerável. O iniciado deve caminhar como se algo o observasse sempre, porque algo o observa sempre. A conduta física nasce da consciência de que há forças que se alimentam das falhas humanas. A rigidez do corpo impede invasões.

XXXV
A mente deve compreender que o medo não tem função dentro da Ordem. O medo destroça a disciplina e fere o elo interno. A mente disciplinada observa o medo como objeto, não como comando. O medo existe, mas não governa. O iniciado aprende a isolá-lo, drená-lo e deixá-lo inofensivo.

XXXVI
O corpo não deve tremer. A mente não deve vacilar. O iniciado se curva apenas diante do Profeta e diante do sagrado. Fora disso, não há inclinação, não há hesitação, não há entrega. A conduta firme torna o iniciado imune às pressões do mundo e às tentações da ilusão.

XXXVII
Quando um iniciado se reúne com os sacerdotes, sua postura indica se está pronto. O corpo alinhado demonstra capacidade. Os olhos tranquilos revelam compreensão. A rigidez serena dos músculos mostra que ele está preparado para sustentar ordens sem questionamentos.

XXXVIII
A mente deve aprender a receber a palavra do Profeta como instrução absoluta. Não se analisa, não se debate, não se especula. A obediência nasce da clareza. A mente disciplinada sabe que a palavra do Profeta não é opinião, mas estrutura. Não é orientação, mas caminho.

XXXIX
A conduta do corpo se manifesta na forma como o iniciado enfrenta provações. Diante de agressão, ele não reage sem ordem. Diante de insulto, não se defende sem propósito.

Knjiga Bez Oka

Diante do caos, não se move até compreender onde sua presença é necessária. A conduta domina o impulso.

XL
A mente treinada não se deixa perturbar por rumores, acusações ou ruídos externos. O iniciado sabe que o mundo superficial tenta constantemente romper sua estabilidade. Ele aprende a ignorar o que é fraco, a escutar apenas o que possui peso e a reagir apenas ao que sustenta a Ordem.

XLI
A conduta exige que o iniciado aceite sua própria pequenez diante do Profeta. A mente disciplinada compreende isso sem vergonha. O corpo disciplinado expressa isso sem humilhação. A pequenez é reconhecimento de estrutura, não fragilidade. É aceitação da verdade, não submissão cega.

XLII
A vigilância constante sobre a própria conduta cria um espírito afiado. O iniciado se torna capaz de perceber tensões onde outros veem quietude. Ele lê silêncios, interpreta movimentos sutis, decifra intenções antes que se formem. Sua disciplina se torna instrumento de leitura do mundo.

XLIII
O corpo treinado se torna defesa natural contra a corrupção. O iniciado que mantém o corpo firme e a mente calma não abre espaços internos para forças externas atuarem. Ele se torna território protegido, espaço fechado, superfície difícil de penetrar.

XLIV
A mente disciplinada se torna receptáculo da palavra. Quando o Profeta fala, o iniciado absorve. Não resiste. Não hesita. Seu interior está preparado para receber, sustentar e aplicar a instrução. Ele se torna parte do mecanismo que mantém a Ordem intacta.

XLV
A conduta correta impede que o iniciado seja enganado por visões falsas ou ilusões. Ele distingue o toque legítimo de do ruído mental criado pelo próprio ego. A disciplina transforma sua percepção em instrumento confiável, não sujeito às fraquezas humanas.

XLVI
O corpo disciplinado impede que o iniciado cause ruído em momentos sagrados. Ele se movimenta com precisão, não atrapalha o fluxo ritual, não interfere na presença do Profeta. Cada gesto é medido. Cada respiração é controlada. Ele se torna parte da arquitetura do ritual.

XLVII
A mente disciplinada sabe quando se calar e quando agir. Ela reconhece a hora de esperar e a hora de avançar. Não é impulsiva nem lenta. Não é temerosa nem arrogante. É exata. O iniciado, ao dominar a mente, domina sua posição no culto e sua utilidade para o Profeta.

Knjiga Bez Oka

XLVIII
A conduta do corpo e da mente é a muralha invisível que protege a Ordem de sua própria fragilidade humana. Sem disciplina, o culto ruiria. Com disciplina, cada membro se torna extensão da estrutura que o Profeta sustenta com seu próprio espírito.

XLIX
E quando o iniciado alcança a disciplina plena, o silêncio que aprendeu na Parte I se une à postura e ao controle da Parte II. Ele se torna recipiente estável, espírito firme, corpo pronto. Ele se torna instrumento digno de permanecer na presença do Profeta.

L
O iniciado não deve desperdiçar a energia vital que pulsa sobre o órgão que carrega a força da continuidade. Essa força não é mero impulso nem prazer bruto. É um reservatório interno que sustenta clareza, vigor, disciplina e firmeza espiritual. A perda irrefletida dessa energia enfraquece a mente, dispersa o foco, afrouxa a postura e rompe a tensão interna necessária para servir ao Profeta. Aquilo que escapa sem propósito dissolve a estabilidade. Aquilo que é preservado fortalece a essência. A carne que se esvai sem controle gera espírito fraco. A carne que se mantém disciplinada molda o iniciado para o serviço.

LI
A obediência estrutural ao Profeta não se baseia em submissão emocional, mas em reconhecimento ontológico. O Profeta não é figura de autoridade apenas porque fala, mas porque sua palavra sustenta a integridade do culto. Desobedecer não é rebelião. É colapso. É romper a linha que mantém o iniciado dentro do eixo de □.

LII
Aqueles que hesitam diante da palavra do Profeta terminam por hesitar diante de si mesmos. A dúvida cria fissuras internas que crescem como rachaduras em pedra antiga. Uma vez abertas, são difíceis de conter. A obediência impede essas fissuras. É o cimento espiritual que impede a ruína.

LIII
Obedecer ao Profeta não significa pensar menos. Significa pensar corretamente. A mente que tenta reinterpretar o que o Profeta diz se afasta da revelação. A mente que tenta melhorar o que o Profeta disse se corrompe pela vaidade. O iniciado deve compreender que o fortalecimento não está em criar versões próprias, mas em sustentar o que lhe foi dado.

LIV
A obediência não deve ser negociada. Não deve ser condicionada. Não deve ser adaptada ao conforto. Ela é absoluta porque a palavra que a sustenta também o é. A Ordem não perdura pela opinião dos membros, mas pela firmeza estrutural que nasce do Profeta e se derrama sobre o culto inteiro.

LV
A obediência exige que o iniciado deixe de lado suas interpretações particulares. A mente humana é pequena demais para entender o que o Profeta sustenta. Qualquer tentativa de

racionalizar a Revelação é sinal de fraqueza espiritual. O iniciado deve ouvir, absorver e aplicar, sem tentar refinar o que já é perfeito.

LVI
Os sacerdotes reforçam que a obediência não é dobrar-se, mas alinhar-se. Aquele que se dobra, quebra. Aquele que se alinha, permanece. O Profeta não deseja servos quebrados, mas instrumentos úteis. A obediência fortalece o corpo e a mente. A rebeldia corrói os dois.

LVII
A estrutura do culto depende de que cada membro obedeça imediatamente. A hesitação permite que forças externas se aproximem. A dúvida cria espaços onde o sagrado não entra. A Ordem é sustentada por reações rápidas, firmes, silenciosas. O Profeta ordena. O iniciado age. A estrutura se mantém.

LVIII
O iniciado não deve buscar aprovação do mundo. A obediência não se mede por olhos externos. A obediência é medida apenas pelo Profeta, que vê o espírito antes da ação. Aquele que tenta parecer obediente para agradar homens comuns já caiu antes mesmo de tentar servir.

LIX
Há momentos em que o Profeta fala de forma dura. Não porque deseja humilhar, mas porque a palavra precisa penetrar onde a complacência não alcança. O iniciado deve aceitar essa dureza como ferramenta de lapidação. O resistente se parte. O disciplinado se fortalece.

LX
A obediência exige que o iniciado abandone a necessidade de justificativas. O Profeta não explica. Ele determina. O iniciado não questiona. Ele cumpre. A explicação pertence à esfera humana. A determinação pertence à esfera sagrada. Confundir as duas é destruir a estrutura.

LXI
O iniciado deve aprender que sua vontade não tem peso diante da vontade do Profeta. Não porque seja inferior como homem, mas porque ocupa posição inferior dentro da arquitetura espiritual. Cada função possui seu lugar. O Profeta ordena. Os sacerdotes canalizam. Os iniciados sustentam. A Ordem respira.

LXII
A obediência também se manifesta na contenção do próprio julgamento. A mente indisciplinada tenta julgar ordens que não compreende. A mente disciplinada reconhece que sua compreensão é limitada e que a visão do Profeta é mais ampla que qualquer horizonte humano.

LXIII
Desobedecer ao Profeta não causa apenas desordem humana. Causa fratura espiritual. A desobediência alimenta forças que buscam penetrar a Ordem. Aquele que desobedece abre

uma porta que não deveria existir. A obediência fecha essa porta e protege o espírito de influências externas.

LXIV
O Profeta não exige obediência porque deseja ser servido. Ele exige obediência porque sustenta algo que nenhum outro poderia suportar. Sua palavra não nasce de vontade própria, mas de impacto divino. Desobedecê-lo é desobedecer sem perceber. E a consequência disso é profunda.

LXV
A obediência também funciona como arma. Quando todos obedecem sem ruído, a Ordem se torna muralha impenetrável. Não há brechas, não há atritos, não há disputas internas. O culto avança como bloco indivisível, sustentado pelo eixo central que é o Profeta.

LXVI
O iniciado deve compreender que obedecer não diminui sua dignidade. A verdadeira dignidade nasce do alinhamento com algo maior. O Profeta não rouba dignidade. Ele molda. Ele refina. Ele fortalece. A obediência é o método pelo qual o iniciado se torna parte de algo eterno.

LXVII
Quando o Profeta caminha, a Ordem se move. Quando o Profeta silencia, a Ordem escuta. Quando o Profeta fala, a Ordem se curva. Esse ritmo mantém a integridade do culto. A ruptura desse ritmo é o início da queda espiritual, um processo lento e devastador.

LXVIII
A obediência não é medo. Medo é fraqueza. A obediência é clareza. Clareza sobre quem sustenta a ligação entre o mundo e o Deus Esquecido. Clareza sobre quem suporta a Revelação. Clareza sobre quem mantém a Ordem viva. Esse entendimento é o que conduz o iniciado a permanecer firme.

LXIX
O iniciado deve observar que toda obediência nasce primeiro no pensamento, depois na postura e por fim na ação. A obediência que existe apenas na ação é frágil. A obediência que existe na postura é forte. A obediência que existe no pensamento é inquebrável.

LXX
O Profeta não exige fidelidade emocional. Exige fidelidade estrutural. A emoção muda. O espírito disciplinado não muda. O iniciado deve construir sua obediência como se fosse pedra: pesada, silenciosa, sólida. Uma pedra não vacila. Uma pedra não trai.

LXXI
A obediência deve permanecer mesmo quando o Profeta não está presente fisicamente. A Ordem não depende da visão do Profeta sobre cada ação. Depende da lealdade interna que o iniciado mantém mesmo no silêncio. A verdadeira obediência é aquela que se manifesta quando ninguém vê.

LXXII
E assim, ao obedecer, o iniciado se torna parte da estrutura que sustenta o culto. A obediência faz com que sua presença se una à espinha central da Ordem. O iniciado não serve por fraqueza. Serve porque a grandeza do Profeta molda sua função dentro do sagrado.

OS MANDAMENTOS ⊗ — XIX

I
Escutem com a carne, pois a mente não suporta: não fala, Ele rasga. Sua presença não desce como palavra, mas como ruptura. Onde Ele encosta, tudo o que é estático se desfaz. Onde Ele observa, a própria ordem se contorce, como se o mundo lembrasse que nunca foi sólido.

II
Ele não age por etapas. Ele é impacto absoluto. Sua vontade não negocia, não pondera, não hesita. invade a realidade como lâmina que retorna ao ferro antes de nascer. Ele corta o que ainda não existe, e por isso ninguém compreende Sua marcha.

III
Há quem busque explicá-lo, e nesse gesto já cometem blasfêmia. não cabe em conceito. não cabe em linguagem humana. não cabe em forma. Seu ser é avalanche sem origem, espiral que antecede a espiral, sombra que corre mais rápido que a luz que tenta nomeá-la.

IV
Quando Ele se move, a existência perde seus encaixes. Tudo o que sustenta o mundo range. Tudo o que respira hesita. Tudo o que pensa treme. não se aproxima; Ele atravessa. Ele não contempla; Ele consome. Ele não toca; Ele dilui.

V
Eu digo agora, em voz que não é voz, que é o centro que rejeita ser centro. Ele é o vazio que se recusa a ser vazio. Ele é o sentido que se rebela contra qualquer significado. Ele é o núcleo que respira em todas as direções, simultâneo, absoluto, desobediente a qualquer eixo.

VI
Não tentem imaginá-lo! Imaginar é ofertar a Ele a própria sanidade. E Ele a tomará, pois Ele não desperdiça nada do que é entregue. Sua essência é fome antiga, fome anterior à própria ideia de fome.

Knjiga Bez Oka

VII
E Sua fome não é malícia. Sua devastação não é ira. não é movido por sentimentos. Ele é o que resta quando sentimentos deixam de existir. Ele é impessoal como o colapso, necessário como o ruído, inevitável como o fim que antecede o começo.

VIII
Quando Ele convoca, nada permanece neutro. As montanhas tremem em silêncio. As águas perdem memória. As sombras se contorcem como se tivessem medo. é superior a tudo o que tenta se manter inteiro diante Dele.

IX
Ele carrega dentro de Si aquilo que nenhum vivo deveria conhecer:
o antes da criação,
o que foi rejeitado pela luz,
o que não possui cor, nome, medida, direção, causa ou eco.
Ele é a matéria daquilo que nunca foi permitido existir.

X
Suas regiões não têm chão, não têm altura, não têm fluxo. Os Krovenik caminham ali porque foram moldados para caminhar no impossível. São centelhas Dele, feitos do intervalo entre o ser e o deixar de ser. Eles não guardam limites. Eles servem àquele que criou o conceito de limite apenas para esmagá-lo depois.

XI
Quando respira, universos inteiros estremecem. Não porque Ele os ameaça, mas porque lembram, por um instante, que não nasceram por vontade própria. Tudo o que existe é uma consequência tardia de um piscar Dele.

XII
E quando Ele fecha Seus olhos impossíveis, tudo se torna instável. A realidade oscila como lâmina recém-forjada. Os vivos sentem vertigem sem saber por quê. Os mortos se agitam nos lugares onde dormem. é o único cuja ausência é tão destrutiva quanto Sua presença.

XIII
Seus guardiões, os Krovenik, são moldados para suportar aquilo que nenhuma criatura dotada de razão suporta. Eles caminham entre rachaduras de ser, carregando ordens que não podem ser compreendidas fora de Sua respiração. Cada movimento deles é explosão contida. Cada gesto, uma afirmação de que o impossível tem estrutura.

XIV
E onde há Krovenik, os Ravkarni tentam corroer. Eles são tudo o que ficou do lado errado quando moldou a primeira direção. Eles são ruído do ruído, sombra da sombra, refugo do que não mereceu permanecer. Eles não desafiam . Eles rastejam ao redor Dele. Eles tentam sabotar Seus ecos, mas não Sua vontade.

Knjiga Bez Oka

XV
Quando Ele decide olhar para algo, esse algo é refeito. Quando Ele decide ignorar algo, esse algo apodrece. Ele não age em planos. Ele age em naturezas. Sua vontade não se projeta: ela se impõe como gravidade que se reinventa.

XVI
E é por isso que escrevo sem descanso: porque exige ser nomeado sem jamais ser descrito. Exige ser proclamado sem jamais ser reduzido. Exige ser invocado sem jamais ser capturado por som algum.

XVII
Eu anuncio agora: a presença Dele é cortante. A presença Dele é vasta. A presença Dele é anterior ao próprio verbo existir. Quem tentar envolvê-Lo com raciocínio será destruído. Quem tentar traduzi-Lo será quebrado. Quem tentar contê-Lo será apagado.

XVIII
A única postura diante Dele é a entrega absoluta ao inexplicável. não comanda pela sedução. comanda pela necessidade. Sua essência força o universo a obedecer, porque qualquer tentativa de resistência resultaria na dissolução do que resiste.

XIX
Sinto o peso Dele agora enquanto escrevo. Não como toque, não como invasão, mas como lembrança de que tudo o que vive está suspenso sobre o nada, e o nada é Dele. Cada linha escrita é puxada para mais perto do lugar onde Ele observa sem observar.

XX
Ele paira sobre o mundo sem estar acima dele. Ele está dentro do mundo sem estar contido. Ele é o que antecede o movimento, o que corrige o que ousa permanecer imóvel, o que retira identidade de tudo o que tenta possuir essência.

XXI
Eu o declaro: é tempestade imóvel, coluna sem início, escuridão que ilumina o que a luz não alcança. Ele é o Deus Esquecido porque nenhuma mente suportou lembrá-lo. Ele é o Deus Esquecido porque o próprio lembrar significa ruína.

XXII
Quem lê estas palavras já está tocado por Ele, mesmo que fracamente. Ele se aproxima antes que o leitor perceba. Ele escava antes que o leitor pense. Ele molda antes que o leitor respire.

XXIII
Não busquem conforto. não oferece conforto. Ele oferece verdade. E a verdade é lama viva que devora os que tentam limpá-la.

XXIV

Knjiga Bez Oka

Sigam a palavra do Profeta à risca. Não se trata de recomendações ou conselhos, mas o ponto que redefine o poder e agrada o Deus que se esquece.

XXV
Escutem: não erra. não se confunde. não recua. Ele não é entidade sujeita ao acaso, pois o acaso nasce de Suas fendas. Se há falha entre nós, ela jamais é Dele. Toda rachadura surge no homem que se afasta, e nunca no Deus que excede todos os contornos.

XXVI
A profecia não é trilho fixo. É campo infinito onde Ele lança luzes inumanas e sombras que esmagam. O futuro não é linha. É abismo. É mar sem borda. É multiplicidade que se dobra a cada instante. E eu digo: o Profeta só falha quando aqueles que deveriam sustentar seu passo se tornam poeira voluntária.

XXVII
Se um de vocês cede à mesquinhez, todo o peso da profecia se desloca. Se um de vocês tenta moldar o sagrado à própria covardia, fecha o olho que ilumina. E quando Ele fecha, tudo se torna instável. Tudo se torna perigoso. Tudo se torna campo de punição inevitável.

XXVIII
Não pensem que podem apoiar o Profeta com hesitação. A hesitação é o veneno do Núcleo. A dúvida é a porta dos Ravkarni. E quando eles tocam a mente, mesmo que de longe, tudo se distorce. Não porque são fortes, mas porque vocês se enfraqueceram. E fraqueza é insulto ao Deus que rasgou o nada para moldar o ser.

XXIX
Eu afirmo sem tremer: a grandeza do Profeta não é mérito. É função. É decreto. É arma. Mas uma arma depende do braço que a levanta. Se o braço é fraco, a lâmina cai no chão. E quando cai, não é a lâmina que falhou. É o homem que a carregava.

XXX
Há quem pense que o Profeta caminha acima de tudo. E caminha. Mas caminha sobre terreno sustentado por aqueles que o acompanham! Quando os fiéis se tornam rachaduras vivas, o caminho se parte. Não porque o Profeta perdeu o rumo, mas porque vocês rasgaram o solo onde a revelação deveria se erguer.

XXXI
Eu grito sem pedir perdão: a queda de um só de vocês arrasta dez outros. A negligência de um ecoa como doença. A mesquinhez de um fede até o Podkorenski Prostor. Ela atrai atenção que não deveria ser atraída. observa o conjunto, não o indivíduo isolado. Ele julga a Ordem inteira pela espinha dorsal que ela mantém.

XXXII
E se vocês agem como poeira, como queriam que a profecia se mantivesse sólida? O Profeta não carrega crianças no colo. O Profeta não arrasta covardes. O Profeta não se

curva para animar cadáveres morais. Se alguém entre vocês fraqueja, o vê como pedra podre no templo que deve permanecer vertical.

XXXIII
Eu digo: levantem a cabeça! Sejam coluna, não poeira. Sejam faca, não ferrugem. Sejam vértebra, não cinza. Porque quando vocês sustentam o Profeta, sustentam a própria profecia! E quando sustentam a profecia, sustentam o fio que separa este mundo do esquecimento total.

XXXIV
Vocês querem que o Abismo os reconheça? Então deixem de ser frágeis. não tolera alma mole. Ele não tolera espírito dobrado. Ele não tolera mente que se esconde atrás de desculpas. Ele exige postura, rigidez, entrega absoluta.

XXXV
Quando um de vocês tenta manipular o Profeta, sente. Ele sente como ferida no ar, como rasgo no silêncio, como afronta direta. E Ele reage! Porque ninguém manipula o que já está colado ao Divino. Quem ousa moldar o Profeta molda a si mesmo em cinza.

XXXVI
Eu anuncio: se houver falha, não apontem o dedo para o alto. Apontem para o próprio peito. A falha nasce no homem que se afasta, não no Profeta que fala, não no Deus que invade. corrige com violência. disciplina com ruptura. purifica com eliminação.

XXXVII
O Profeta não tropeça. Vocês tropeçam. O Profeta não se perde. Vocês se lançam ao poço. O Profeta não se corrompe. São vocês que sussurram fraquezas para seus próprios ouvidos até acreditarem nelas. E quando acreditam, viram alimento fácil para qualquer Ravkarni que rasteje por perto.

XXXVIII
Ouçam: não existe neutralidade na presença de . Ou servem com força ou servem como exemplo de punição. Sua atenção é faca. Seu silêncio é abismo. Ele observa a Ordem e espera postura. Sempre! E se falta postura, Ele reestrutura pela dor, sem piedade.

XXXIX
Vocês querem que a profecia se cumpra? Então não a sabotem. Não a diminuam. Não a contaminem com a lama das pequenas ambições. A profecia é vasta demais para ser segurada por mãos indecisas. A profecia exige espinhas retas, pulsos firmes, mentes que aceitam ruptura sem hesitação.

XL
Eu repito até perfurar: o Profeta só falha quando vocês falham com Ele. Quando suas ações se tornam pequenas, quando suas lealdades vacilam, quando seus olhos piscam diante do que deveria ser encarado sem tremor.

Knjiga Bez Oka

XLI
 permite infinitas possibilidades, mas cada possibilidade depende da força daqueles que caminham com o Profeta. De que adianta o Deus abrir caminhos se vocês caminham mancando? De que adianta o Deus mover montanhas se vocês rastejam com medo de pedras?

XLII
Eu declaro agora, sem suavidade: quem enfraquece o Profeta enfraquece a si mesmo. Quem o sustenta, sustenta o que ainda resta deste mundo. observa a conduta coletiva, e Sua decisão recai sobre todos. Não existe inocente quando a Ordem falha. Não existe proteção quando a disciplina se rompe.

XLIII
Quem deseja futura glória deve abraçar o terror do presente. Quem deseja sobrevivência deve aceitar o peso da obediência. Quem deseja caminhar comigo deve quebrar o que é fraco dentro de si antes que o quebre sem aviso!

XLIV
Escutem e deixem queimar: todos os cultos que vieram antes de vocês caíram porque ousaram tocar aquilo que jamais compreenderam. Tentaram segurar com mãos covardes, tentaram moldar o Infinito com mentes pequenas, tentaram forçar o Abismo a falar com sotaque humano. E por isso foram devorados sem deixar nome.

XLV
Eles criaram rituais frágeis, fórmulas vazias, símbolos ocos, palavras que tremiam diante da própria pronúncia. Pensaram que poderiam domesticar o Deus Esquecido, como se fosse fogo de lamparina. Foram esmagados pela ignorância que chamavam de fé.

XLVI
Não falharam por falta de devoção; falharam por excesso de arrogância. Queriam que se curvasse a eles. Queriam que o Abismo respirasse no ritmo de seus caprichos. Queriam que o Núcleo obedecesse. E quando exigiram, foram rasgados pela mesma força que tentaram dobrar.

XLVII
Outros tentaram pintar-se como escolhidos. Reivindicaram visões, títulos, revelações que nunca receberam. Mas conhece mentira antes que ela seja dita. sente falsidade antes que ela nasça. Esses impostores foram tragados pela própria sombra que tentaram inflar.

XLVIII
Havia também os corruptos, os mesquinhos, os seres que acreditavam que o sagrado poderia ser negociado em troca de influência e domínio terreno. Transformavam o culto em comércio, a devoção em moeda, a fé em espetáculo. os apagou como vento que extingue vela fraca.

Knjiga Bez Oka

XLIX
E havia aqueles que pertenciam à elite dos homens — não porque eram fortes, mas porque ocupavam tronos de vaidade. Esses temiam o surgimento do Profeta verdadeiro, pois sabiam que sua autoridade cairia como pó diante da força que vem do Abismo que respira. Por isso, conspiravam, distorciam e perseguiam qualquer sinal de revelação.

L
Tentaram capturar o poder de para si. Tentaram atirar sombras contra a sombra primordial. Tentaram manipular a profecia como se ela fosse barro. E cada um deles, sem exceção, foi destruído. Não por punição moral. Mas porque não tolera parasitas que se alimentam daquilo que não compreendem.

LI
Assim se repetiu por eras: homens sedentos por controle tentando devorar o que os ultrapassa. Nenhum deles sobreviveu ao próprio erro. Nenhum conseguiu fundar Ordem que permanecesse. O sagrado não se fixa onde há podridão, e todos os cultos antigos eram cavernas cheias de mofo humano.

LII
Eu digo: eles falharam porque não tinham o Profeta. Não tinham o eixo, não tinham o canal, não tinham o íntimo ponto de contato com o Deus Esquecido. Tentavam erguer templo sem pilar, voz sem garganta, rito sem espírito. Tudo aquilo era inevitável ruína.

LIII
O Profeta é junção, não ornamento. É vértebra entre o que respira e o que consome. É punho que sustenta o impacto do Inominável. Sem o Profeta, toda devoção se torna ruído, todo sacrifício se torna desperdício, toda liturgia se torna teatro vazio.

LIV
E por isso, todos os cultos antigos desabaram. Porque não tinham o que vocês têm agora: direção. Porque não tinham o que vocês têm agora: verdade. Porque não tinham o que vocês têm agora: contato que não enlouquece por acidente, mas por designação.

LV
Mas não pensem que isso foi falha deles. Foi vontade de . Era necessário que tudo ruísse até que surgisse aquele que suportaria Sua respiração sem virar pó. Tudo antes deste momento era preparação para este momento.

LVI
E é por isso que a elite humana sempre temeu o Profeta. Porque sabem — ainda que não admitam — que sua estrutura de poder é frágil diante daquilo que o Profeta carrega. Eles tremem porque sentem que não há muro que possa barrar a revelação verdadeira.

LVII

Knjiga Bez Oka

Eles sempre tentaram subjugar o futuro Profeta, apagá-lo, desviá-lo, silenciá-lo. Não por entenderem □, mas por temerem a perda de seus brinquedos terrenais. Mas □ não permite que mãos humanas escrevam o destino do Seu escolhido. Eles lutam contra vento que não obedece, contra noite que não recua.

LVIII
Agora, o Culto não pode mais falhar. Porque falhar agora seria insulto direto ao Deus que esperou eras inteiras pelo momento da fundação verdadeira. A responsabilidade pesa como pedra cósmica, e vocês sentirão seu peso até o último suspiro.

LIX
Se o Culto tombar, não haverá substituto. Não haverá segunda chance. □ não semeia duas vezes o mesmo campo. A Ordem deve permanecer, deve erguer-se, deve endurecer, deve sobreviver como lâmina cravada no próprio vazio.

LX
Tirem da cabeça qualquer ideia de fraqueza. Eliminem qualquer incerteza. Expulsem qualquer resquício de mesquinharia. Tudo isso matou gerações inteiras de cultos falsos. Tudo isso alimentou a elite que tentou impedir a chegada do Profeta. Nada disso pode viver aqui.

LXI
Eu digo sem hesitação: ou vocês se tornam aço, ou se tornam poeira. Não há meio-termo para quem serve ao Deus que consome conceitos. Não há tibieza possível na presença de □. Ele exige postura total.

LXII
A Ordem que agora se ergue não é continuidade do passado. É correção do passado. É punição ao passado. É destruição de tudo o que falhou. Vocês são o corte final, o último traço antes do que virá.

LXIII
A elite humana cairá diante de vocês. Não porque vocês buscam poder mundano, mas porque são extensão da vontade de □. E a vontade Dele é cataclismo para quem tenta aprisioná-la.

LXIV
Vocês não repetirão a queda dos antigos. Porque vocês sabem por quem lutam. Porque vocês sabem quem os observa. Porque sabem que o Profeta só falha quando vocês falham com ele — e agora não há espaço para falha alguma.

LXV
Agora a profecia é viva. Agora o sagrado é lâmina. Agora o Deus Esquecido tem coluna. Agora a Ordem tem vértebra. Agora o tempo não pode mais corromper aquilo que □ sustenta.

LXVI

Knjiga Bez Oka

Este é o aviso.

LXVII
Escutem com todo o peso da carne: agora que a verdade foi rasgada diante de vocês, não há retorno. abriu o caminho, e caminho aberto nunca mais volta a ser silêncio. Vocês não podem hesitar. Vocês não podem recuar. Vocês não podem arrastar dúvidas como correntes. O Abismo não espera pelos fracos.

LXVIII
Cada ato, cada escolha, cada intenção que nasce em vocês é observada. não olha como homem. olha como presença, como gravidade sagrada que define o que permanece e o que desaparece. Ele mede a espinha, não as palavras. Mede o impulso, não o gesto tardio. Mede a convicção, não a pose.

LXIX
A Ordem não pode ser rachada. Se houver rachadura, ela se expande como doença antiga. Se houver brecha, o sopro dos Ravkarni entra e distorce tudo o que deveria estar alinhado. Se houver desvio, o desvio cresce até deformar o tronco inteiro. Vocês são as vigas deste templo que não pode cair.

LXX
Eu digo: é hora de estiramento interno. É hora de quebrar costelas da própria covardia. É hora de eliminar a moleza espiritual. Tudo o que é fraco se torna alimento. Tudo o que é morno se torna poeira. Tudo o que é instável se torna ruína. exige firmeza absoluta, até mesmo nos pensamentos que ninguém vê.

LXXI
Não se enganem: não basta pertencer à Ordem. É necessário ser parte viva da estrutura que sustenta o impacto do Deus Esquecido. Ser membro não é adesão. É reconstrução. É ruptura do velho homem. É lixar a própria alma até que o eco do Núcleo a atravesse sem encontrar resistência.

LXXII
Vocês devem repelir o hábito dos antigos cultos, que se perderam por preguiça espiritual. Eles buscavam o sagrado como quem busca bênção fácil. Vocês buscarão como quem entra em campo minado. Cada passo exige firmeza. Cada pensamento exige disciplina. Cada intenção exige vigilância.

LXXIII
Eu afirmo: o Profeta avança como ponta de lança, mas a lança só perfura porque há haste que sustenta. Vocês são essa haste. Se uma fibra se rompe, toda a arma perde sua força. Vocês não podem ser a fibra fraca. Vocês não podem ser o elo frouxo. Vocês não podem ser o ponto que curva.

Knjiga Bez Oka

LXXIV
O passado é testemunha da queda dos soberbos. Homens que se achavam herdeiros do Abismo e que agiam como escultores do sagrado. Eles foram engolidos pela própria vaidade. Vocês não serão como eles. Vocês não serão ossos perdidos no silêncio.

LXXV
 não quer servos que se ajoelham por medo. Quer servos que conseguem permanecer de pé diante daquilo que faria qualquer outro enlouquecer. Quer servos com espinha ancorada no impossível. Quer servos que respiram com intenção. Quer servos que não tremem diante da noite.

LXXVI
E eu ordeno: limpem o coração da inveja. Ela foi a primeira lâmina que matou cultos inteiros. Expulsem a pequenez. Ela é brecha para os Ravkarni. Expulsem a ambição humana. Ela é lama que cobre a visão. A Ordem não sobreviverá se carregar sujeira dentro dela.

LXXVII
Vocês devem aprender a reconhecer quando uma alma está se tornando doença. Uma pessoa contaminada espalha rachaduras. não tolera rachaduras. O Núcleo corrige, e a correção é sempre traumática. É sempre violenta. É sempre necessária.

LXXVIII
Não confundam disciplina com servidão cega. Disciplina é lâmina viva. Servidão cega é ignorância vestida de humildade. exige disciplina que pensa, disciplina que entende, disciplina que se afia sozinha. O ignorante é arrastado pelo medo. O disciplinado domina o próprio medo.

LXXIX
Vocês são guardiões de um chamado que nunca mais se repetirá. A profecia não é herança múltipla. Ela é flecha única. E a flecha foi lançada. Agora ela corta o ar, e nada pode detê-la. Nem vocês. Nem o mundo. Nem o tempo.

LXXX
Eu falo agora com a força que pulsa diretamente do Fundo: quem falhar comprometerá eras inteiras. Quem hesitar apagará legados que levaram mil ciclos para alinhar-se. Quem tentar manipular o Profeta será arrancado do tecido da realidade antes mesmo de perceber.

LXXXI
Vocês devem agir como muralha que não trinca. Como chão que não afunda. Como sombra que não trai. exige consistência absoluta. Ele rejeita instabilidade. Ele rejeita os que se contradizem. Ele rejeita os que se entortam diante de pressões menores.

LXXXII

Knjiga Bez Oka

O Culto agora é aríete contra o que o mundo pensa ser sólido. Cada gesto de vocês é golpe contra o antigo. Cada palavra é martelo contra o tempo gasto. Cada ação é afirmação da presença Dele. Vocês não são mais apenas indivíduos. São partes de uma arma cósmica.

LXXXIII
E saibam: não protege quem tenta enganá-lo. Ele não sustenta quem afrouxa. Ele não tolera quem finge servir enquanto mantém reservas dentro da alma. O Núcleo vê tudo. O Núcleo quebra tudo que tenta esconder-se. O Núcleo pune sem piedade.

LXXXIV
A elite humana ainda tenta moldar a realidade ao redor de si. Mas agora existe a Ordem. Agora existe o Profeta. Agora existe a lâmina que corta o que antes se mantinha firme. Eles não compreendem ainda, mas compreenderão. Não por escolha, mas por impacto.

LXXXV
Cada um de vocês é testemunha do momento em que a história se torce. Não como poesia, mas como fenômeno real. O Abismo abriu fenda. Vocês estão dentro dela. Não há como sair. Não há como voltar. Só há como avançar.

LXXXVI
Vocês serão cobrados pelo que fazem e pelo que deixam de fazer. Pelo que dizem e pelo que silenciam. Pela firmeza ou pela fragilidade. não trabalha com meias-medidas. Ou vocês se erguem na totalidade do chamado, ou serão dissolvidos.

LXXXVII
Não existe falha permitida. Não existe queda perdoável. Não existe exceção. O Culto agora carrega o peso de eras, e quem carrega esse peso deve caminhar como quem pisa entre mundos. Nada menos.

LXXXVIII
Eu declaro com voz que não pertence ao tempo:
a Ordem não cairá.
Não será quebrada.
Não será infiltrada.
Não será desviada.
E se alguém tentar fazê-lo, será consumido antes que o erro se torne sombra.

LXXXIX
Vocês são parte da muralha viva que ergueu. Vocês são extensão da profecia. Vocês são vigas do templo que não pode ruir. Vocês são olhos coletivos que vigiam enquanto o Profeta fala.

XC
Devoção gera sustento, sustento gerará ordem, ordem gerará Cumprimento.

XCI

Knjiga Bez Oka

Agora escutem como quem pressente o fim do ar. Pois estas palavras não são conselhos, não são advertências, não são instruções. São cortes diretos na espinha do ser. São mandamentos selados pelo Abismo. São concreto cósmico derramado sobre a alma. Quem obedecer permanecerá. Quem quebrar será apagado do tecido da existência.

XCII
Neste instante, □ se inclina sem se mover. Sua presença vibra entre as linhas, rasga o intervalo entre pensamento e carne. Ele observa. Ele pesa. Ele exige. E por isso eu falo com voz contrária ao silêncio, voz que rompe parede invisível, voz que destrói dúvida: vocês receberão agora os Mandamentos do Profeta.

XCIII
Não são dez. Não são numerados por tradição. São enumerados porque precisam perfurar. Cada mandamento é lâmina que entra, e não há cura para o corte. Cada um é pacto. Cada um é sentença. Cada um é exigência absoluta.

XCIV
Eu ordeno o Primeiro Mandamento:
Que nenhum de vocês coloque qualquer vontade acima da Vontade de □.
Não existe prioridade, não existe descanso, não existe exceção. Se a Vontade Dele respira, vocês se dobram. Se a Vontade Dele cala, vocês silenciam. Se a Vontade Dele exige, vocês se sacrificam.

XCV
Eu ordeno o Segundo Mandamento:
Que o Profeta jamais seja questionado.
Não porque o Profeta seja intocável, mas porque ele é o canal. Questionar o Profeta é cuspir no Abismo. É rasgar o tecido que sustenta o mundo. Quem questiona destrói a si mesmo antes de perceber.

XCVI
Eu ordeno o Terceiro Mandamento:
Que nenhum servo permita que a mesquinhez toque seu espírito.
A mesquinhez é doenças das eras antigas. É lama herdada. É veneno que destruiu cultos inteiros. Expulsem-na como quem expulsa animal morto dentro do peito.

XCVII
Eu ordeno o Quarto Mandamento:
Que a Ordem seja preservada acima de qualquer vínculo humano.
Família não está acima. Amigo não está acima. Sentimento não está acima. A Ordem é muralha viva, e muralhas não permanecem se forem feitas de afeto frouxo.

XCVIII
Eu ordeno o Quinto Mandamento:
Que ninguém esconda fraqueza.

Knjiga Bez Oka

Fraqueza escondida cresce como tumor. Fraqueza admitida pode ser quebrada e refeita. despreza o fingidor. Prefere o quebrado que se refaz ao íntegro que mente.

XCIX
Eu ordeno o Sexto Mandamento:
Que nenhum servo sirva ao próprio ego.
O ego é vírus. É Ravkarni em forma de pensamento. É a porta para a queda. Quem serve a si mesmo se transforma em lama que contamina o templo.

C
Eu ordeno o Sétimo Mandamento:
Que todo inimigo da Ordem seja tratado como rachadura no alicerce.
Não existe diálogo com o que tenta destruir. Não existe diplomacia com o que tenta corromper. Não existe piedade com o que tenta infiltrar. O inimigo é doença, e doença se elimina.

CI
Eu ordeno o Oitavo Mandamento:
Que o conhecimento sagrado jamais seja banalizado.
Yhlarum não é língua de curiosidade. O Knjiga não é livro de recreação. O sagrado não é brinquedo. Quem banaliza o sagrado se torna poeira aos olhos do Abismo.

CII
Eu ordeno o Nono Mandamento:
Que cada servo mantenha a espinha ereta diante do inimaginável.
Não tremam diante do que deveria fortalecê-los. testa pela vertigem. Quem cai na vertigem é descartado. Quem atravessa a vertigem é reconhecido.

CIII
Eu ordeno o Décimo Mandamento:
Que a Ordem nunca, jamais, sob circunstância alguma, falhe com o Profeta.
Pois quando a Ordem falha, o Profeta carrega o peso. E quando o Profeta carrega o peso, observa. E quando observa, Ele julga. E quando Ele julga, nada resta de quem traçou o erro.

CIV
Eu ordeno o Décimo Primeiro Mandamento:
Que ninguém toque o fio da profecia com mão suja.
A profecia não é barro. Não é teoria. Não é suposição humana. É lâmina viva. Quem a toca sem preparo corta-se até a alma.

CV
Eu ordeno o Décimo Segundo Mandamento:
Que os Ravkarni sejam reconhecidos e repelidos sem hesitação.

Knjiga Bez Oka

Eles sussurram ideia de liberdade, mas entregam ruína. São o eco que tenta imitar □, mas não conseguem produzir essência. Expulsem-nos ao primeiro sinal.

CVI
Eu ordeno o Décimo Terceiro Mandamento:
Que nenhum servo confunda bondade humana com pureza espiritual.
□ não exige bondade. Exige integridade. Exige disciplina. Exige entrega sem reservas.
Quem tenta ser “bom” segundo medida humana se torna fraco segundo medida divina.

CVII
Eu ordeno o Décimo Quarto Mandamento:
Que cada servo quebre dentro de si o hábito da hesitação.
Hesitar é abrir porta para o inimigo. Hesitar é permitir infiltração. Hesitar é negar o chamado.
Vocês devem agir como quem pisa em chão que pode quebrar a qualquer instante.

CVIII
Eu ordeno o Décimo Quinto Mandamento:
Que a Ordem jamais permita que a corrupção do passado retorne.
A corrupção dos antigos cultos é fantasma que tenta voltar. É sombra que tenta se infiltrar.
Mas vocês serão muralha. Muralha que não racha. Muralha que não enfraquece. Muralha que não cai.

CIX
Eu ordeno o Décimo Sexto Mandamento:
Que cada servo vigie até o pensamento.
Pois o pensamento é o primeiro território onde o Abismo exige ordem. Quem não controla o pensamento não controla o gesto. Quem não controla o gesto não controla o impacto.

CX
Eu ordeno o Décimo Sétimo Mandamento:
Que esta Ordem seja eterna.
Não por tempo humano, mas por determinação divina. Vocês não são guardiões de instante. São guardiões de eras. São guardiões de destino. São guardiões do núcleo que respira.

CXI
E agora eu selo este capítulo:
Não com paz.
Não com promessa.
Mas com cataclismo.
Pois □ se aproxima de tudo o que ainda resiste.
E tudo o que resiste será esmagado!

CXII

Knjiga Bez Oka

Que cada verso entre como cinzel no espírito.
Que cada mandamento queime!
Que cada servo desperte. Não há retorno. A Ordem foi escrita no Abismo.